

A photograph of two small boats, one white and one dark, moored in the water near a rocky shore. The water is calm and reflects the sky. In the background, there are dark, jagged rocks and a small boat further out in the distance under a blue sky with light clouds.

# DIREITO E ARTE

## O DIREITO E A POESIA

ORGANIZADORA  
**TAYSA MATOS**

**tirant**  
lo blanch

Organizadora  
**Taysa Matos**

# **DIREITO E ARTE**

**O DIREITO E A POESIA**



**tirant**  
lo blanch

**Copyright©** Tirant lo Blanch Brasil

*Editor Responsável:* Aline Gostinski

*Assistente Editorial:* Izabela Eid

*Capa e diagramação:* Jéssica Razia

*Imagem da capa:* Taysa Matos

**CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO:**

**EDUARDO FERRER MAC-GREGOR POISOT**

*Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM - México*

**JUAREZ TAVARES**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil*

**LUIS LÓPEZ GUERRA**

*Ex Magistrado do Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Catedrático de Direito Constitucional da Universidade Carlos III de Madrid - Espanha*

**OWEN M. FISS**

*Catedrático Emérito de Teoria de Direito da Universidade de Yale - EUA*

**TOMÁS S. VIVES ANTÓN**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade de Valência - Espanha*

L85

Direito e arte : o direito e a poesia [livro eletrônico] / Adriana Lopes...[et al.]; Taysa Matos (Org); Prefácio Gisela Maria Bester. - 1.ed. – São Paulo : Tirant lo Blanch, 2023.

9.242Kb; livro digital

ISBN: 978-65-5908-558-3

1. Direito. 2. Arte. 3. Poesia. I. Título.

CDU: 340

Bibliotecária responsável: Elisabete Cândida da Silva CRB-8/6778

*É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art.184 e §§, Lei nº 10.695, de 01/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº9.610/98).*



**tirant  
lo blanch**

***Todos os direitos desta edição reservados à Tirant lo Blanch.***

Fone: 11 2894 7330 / Email: [editora@tirant.com](mailto:editora@tirant.com) / [atendimento@tirant.com](mailto:atendimento@tirant.com)  
[tirant.com/br](http://tirant.com/br) - [editorial.tirant.com/br/](http://editorial.tirant.com/br/)

Organizadora  
**Taysa Matos**

# DIREITO E ARTE

## O DIREITO E A POESIA

### Autorias

Adriana Lopes  
Aline Venutto  
Ana Luz  
Andrea Keust  
Aruani Kindermann Lapolli  
Bartira Macedo de Miranda  
Bianca Rosenthal  
Caio Vlasak  
Carlos Henrique Duarte Araújo  
Clésia Cristina Galindo  
Cynthia Possídio  
Daiana Menendez  
Edson Silveira  
Edson Carvalho  
Euclides Santos Bittencourt  
Gisela Maria Bester  
Henrique Picarelli  
Jaécio Matos Santos  
Jéssica Helena Borges Fraga  
João Ulysses Ferreira Neto  
Joselene Negra Black  
Karina G. de Sá  
Kássia Cristina  
Larissa Carrazzoni

Larissa Zucco  
Lívio Oliveira  
Luana Oliveira Araújo  
Marcos Prata Bentes  
Marcos Paulo Campos  
Monique Pena Kelles  
Nely Nazareth  
Nic Cardeal  
Patty Oliver  
Paula Yurie Abiko  
Poeta Ali Agora – Ualy Castro Matos  
Raique Lucas de J. Correia  
Renan Francelino da Silva  
Renata Moreira da Silva  
Renato S. S. Schindler Filho  
Renato Santos  
Rodolfo Pamplona Filho  
Rodrigo Luz  
Samuel Lourenço Filho  
Sandra Gonçalves Daldegan  
Sebastião Marques Neto  
Urbano Félix Pugliese  
Veyzon Campos Muniz  
Vinícius Gregório



**tirant**  
lo blanch

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
<i>Marisa Áurea de Sá Falcão</i>	
PREFÁCIO.....	17
<i>Gisela Maria Bester</i>	
11 DE AGOSTO, DIA DO ADVOGADO .....	19
<i>Renato Santos</i>	
A CHEGADA.....	20
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
A LEMBRANÇA DE UM AMOR POÉTICO .....	21
<i>Daiana Menendez</i>	
A GRANDEZA NO CAOS.....	22
<i>Paula Yurie Abiko</i>	
A MATEMÁTICA DAS EMOÇÕES .....	23
<i>Bianca Rosenthal</i>	
A SINFONIA DAS PALAVRAS E O DIREITO DE DESEJAR .....	25
<i>Kássia Cristina</i>	
A QUEM QUISER OUVIR.....	26
<i>Renan Francelino da Silva</i>	
A VIDA.....	27
<i>Daiana Menendez</i>	
A VIDA PEDE PASSAGEM .....	28
<i>Joselene Negra Black</i>	
A VÍTIMA E O ALGOZ.....	29
<i>Vinícius Gregório</i>	
ACERVO DE SENTIMENTOS .....	31
<i>Carlos Henrique Duarte Araújo</i>	
AINDA TEMOS O NATAL.....	32
<i>Jaécio Matos Santos</i>	
AINDA TE AMAREI.....	34
<i>Patty Oliver</i>	
AJURICABA.....	35
<i>Gisela Maria Bester</i>	

ALGUÉM CANTANDO: OUVIR!.....	37
<i>Clécia Cristina Galindo</i>	
AME.....	38
<i>Henrique Picarelli</i>	
ANOTAÇÕES.....	39
<i>Ana Luz</i>	
AO PASSADO .....	40
<i>Karina G. de Sá</i>	
AO QUE SINTO.....	41
<i>Patty Oliver</i>	
AO SAIR APAGUE A LUZ.....	42
<i>Nic Cardeal</i>	
AOS AMIGOS QUE AINDA NÃO ERAM AMIGOS .....	43
<i>Daiana Menendez</i>	
AR .....	44
<i>Gisela Maria Bester</i>	
ARIANO IMORTAL .....	46
<i>Renato Santos</i>	
AS ESTRELAS.....	47
<i>Patty Oliver</i>	
AS RUAS POUCO FALADAS .....	49
<i>Clécia Cristina Galindo</i>	
ÀS VEZES.....	50
<i>Joselene Negra Black</i>	
ASFIXIA .....	51
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
BELA MOÇA COMO UMA ROSA DESPIDA .....	52
<i>Patty Oliver</i>	
BELEZA FRÁGIL.....	53
<i>Henrique Picarelli</i>	
BIJOUTERIA DE MIM .....	54
<i>Nely Nazareth</i>	
BORBOLETA LILÁS FLORINDO .....	56
<i>Renata Moreira da Silva</i>	
CARTA ABERTA: PRELÚDIO DE UM DIÁRIO (QUE) JAMAIS (SERÁ) LIDO .....	57
<i>Renan Francelino da Silva</i>	

CHÃO DOURADO .....	58
<i>Henrique Picarelli</i>	
COMO HANNAH ARENDT .....	59
<i>Daiana Menendez</i>	
COMPORTAMENTO.....	60
<i>Nic Cardeal</i>	
CONSTRUÇÃO.....	61
<i>Nic Cardeal</i>	
CONVENIENTE PASSEIO NO COSMOS DA MINHA EXISTÊNCIA INTROVERTIDA.....	62
<i>Poeta Ali Agora – Uali Castro Matos</i>	
CORAÇÃO PARTIDO .....	64
<i>Nely Nazareth</i>	
CRIME CONTINUADO.....	65
<i>Nic Cardeal</i>	
DECISÃO .....	66
<i>Joselene Negra Black</i>	
DEDICADO AOS QUE SENTEM DEMAIS .....	67
<i>Paula Yurie Abiko</i>	
DESAVISADAMENTE APAIXONADO(S) .....	68
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
DESCOMPASSO .....	69
<i>Nely Nazareth</i>	
DIA DO NORDESTINO? .....	70
<i>Larissa Carrazzoni</i>	
DIAS QUE SEGUEM.....	71
<i>Monique Pena Kelles</i>	
DOCE REDUTO .....	72
<i>Rodrigo Luz</i>	
EMPATIA .....	73
<i>Aline Venutto</i>	
EM SOCORRO .....	75
<i>Henrique Picarelli</i>	
ENQUANTO ASSISTE AO TELEJORNAL.....	76
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
ENTRE O SER.....	78
<i>Luana Oliveira Araújo</i>	

ESCALATRIZ.....	79
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
ETERNO DESENCONTRO.....	81
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
EU JÁ VIVI.....	82
<i>Daiana Menendez</i>	
FAÇA DE CONTA.....	83
<i>Nic Cardeal</i>	
FAMÍLIA DE PET'S.....	85
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
(FAZER) GOSTAR DO QUE (SE) FAZ: UM CÁLCULO VETORIAL COMPLEXO .....	86
<i>Renan Francelino da Silva</i>	
FELIZ ANO NOVO, DE NOVO! .....	88
<i>Samuel Lourenço Filho</i>	
FEMININAMENTE.....	89
<i>Andrea Keust</i>	
FICA AQUI .....	92
<i>Patty Oliver</i>	
FINO FIO.....	94
<i>Henrique Picarelli</i>	
FORÇA MOTRIZ.....	95
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
GUARDIÕES DA FLORESTA .....	97
<i>Prata Bentes</i>	
HIATO REFLEXIVO.....	98
<i>Rodrigo Luz</i>	
HOMEM GRÁVIDO.....	99
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
IN DÚBIO .....	100
<i>Rodrigo Luz</i>	
IN INBOX BOX BOXING.....	101
<i>Caio Vlasak</i>	
INCENTIVO.....	103
<i>Aline Venutto</i>	
INCOMPATIBILIDADE DE VIDAS.....	104
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	

INCOMUM.....	105
<i>Rodrigo Luz</i>	
INDOMÁVEL.....	106
<i>Rodrigo Luz</i>	
INFÂNCIA .....	107
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
ISOLAMENTO .....	108
<i>João Ulysses Ferreira Neto</i>	
INSÔNIAS .....	109
<i>Nic Cardeal</i>	
INSTANTES .....	110
<i>Monique Pena Kelles</i>	
INSTRUMENTO.....	111
<i>Lívio de Oliveira</i>	
INVASÃO.....	112
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
JANELA (OU OUTROS MODOS DE OLHAR UMA CASA EM TEMPOS DE SOLITUDE) .....	113
<i>Nic Cardeal</i>	
LÁ ONDE O SOL SE ESCONDE.....	114
<i>Patty Oliver</i>	
LAUB, O DIÁRIO E A QUEDA.....	116
<i>Marcos Paulo Campos</i>	
LEVANDO .....	117
<i>Henrique Picarelli</i>	
LIBELO ACUSATÓRIO .....	118
<i>Raique Lucas de J. Correia</i>	
LIBERDADE .....	121
<i>Larissa Carrazzoni</i>	
MÃE POR TRÁS DA PORTA.....	122
<i>Joselene Negra Black</i>	
MINHAS FOLHAS SECAS.....	123
<i>Patty Oliver</i>	
MISSISSIPI (CONTINUA EM CHAMAS) OU FOGO EM TODO LUGAR.....	124
<i>Veyzon Campos Muniz</i>	
MMXXIII .....	125
<i>Gisela Maria Bester</i>	

MULHERES DE SOL E DE LUA.....	128
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
MULHER, POR EXCELÊNCIA RAINHA DO UNIVERSO.....	130
<i>Edson Silveira</i>	
NADA MAIS .....	131
<i>Patty Oliver</i>	
NAMORADEIRA.....	132
<i>Joselene Negra Black</i>	
NÃO SEI.....	133
<i>Lívio Oliveira</i>	
NASCEU ESTRELA CADENTE.....	134
<i>Renata Moreira da Silva</i>	
NEM TUDO É O QUE PARECE.....	136
<i>Urbano Félix Pugliese</i>	
NOS MEUS OLHOS .....	139
<i>Karina G. de Sá</i>	
NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS I.....	140
<i>Aline Venutto</i>	
NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS II.....	141
<i>Aline Venutto</i>	
NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS III .....	143
<i>Aline Venutto</i>	
NOVOS DIAS DE UM NOVO ANO.....	144
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
O ADVOGADO.....	145
<i>Bianca Rosenthal</i>	
O AMOR DOS QUE NÃO SÃO AMADOS .....	146
<i>Bartira Macedo de Miranda</i>	
O AMOR É LINDO .....	148
<i>Patty Oliver</i>	
O CÉU, TOCAR.....	149
<i>Patty Oliver</i>	
O DESATE DA VOZ .....	150
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
O DIA SEGUINTE .....	151
<i>Bianca Rosenthal</i>	

O MENINO EMBAÇADO .....	152
<i>Edson Carvalho</i>	
O NÃO-DIREITO DOS INDESEJÁVEIS .....	155
<i>Renato S. S. Schindler Filho</i>	
O PIOR DOS PIORES .....	156
<i>Karina G. de Sá</i>	
O QUANTO SOMOS MADUROS .....	159
<i>Daiana Menendez</i>	
O QUARTO DO MEDO .....	160
<i>Jéssica Helena Borges Fraga</i>	
O SÃO VICENTE E A CONCEIÇÃO .....	162
<i>Adriana Lopes</i>	
O QUE FICA? .....	165
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
OS CAMINHOS NÃO ACABAM .....	166
<i>Paula Yurie Abiko</i>	
OPRESSÃO FIGURADA .....	168
<i>Euclides Santos Bittencourt</i>	
ORAÇÃO CORAÇÃO .....	170
<i>Renata Moreira da Silva</i>	
PAIXÃO E PAZ .....	171
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
PAIXÃO DE ESCRITOR .....	172
<i>Edson Silveira</i>	
PALAVRAS .....	173
<i>Larissa Carrazzoni</i>	
PANDEMIA, PANDORA E PACIÊNCIA .....	174
<i>Andréa Keust</i>	
PARABÉNS .....	178
<i>Joselene Negra Black</i>	
PARABÉNS MULHERES .....	179
<i>Renato Santos</i>	
PEÇO .....	180
<i>Gisela Maria Bester</i>	
PELOURINHO .....	182
<i>Karina G. de Sá</i>	

PLENITUDE .....	183
<i>Clécia Cristina Galindo</i>	
POEMA DE UMA SEMELHANÇA .....	184
<i>Aline Venutto</i>	
POESIA OU PRECE? .....	186
<i>Aline Venutto</i>	
POETA SINCERO .....	187
<i>Bianca Rosenthal</i>	
POR ENQUANTO.....	188
<i>Nic Cardeal</i>	
POR MIM.....	189
<i>Luana Oliveira Araújo</i>	
PRELÚDIO .....	190
<i>Rodrigo Luz</i>	
PRESENTE DEVOLVIDO .....	191
<i>Nely Nazareth</i>	
PRIMAVERA .....	192
<i>Sandra Gonçalves Daldegan</i>	
QUÍRON.....	193
<i>Renata Moreira da Silva</i>	
RASCUNHANDO REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS(-TRANSFORMATIVOS) E DIALOGANDO COM E COMO POETAS.....	194
<i>Renan Francelino da Silva</i>	
RECEITA PARA NÃO CHORAR NO DIA DAS MÃES .....	196
<i>Nic Cardeal</i>	
REFAZENDO-SE.....	198
<i>Gisela Maria Bester</i>	
RÉQUIEM .....	202
<i>Sebastião Marques Neto</i>	
RESPLANDEC'ENTE CÉU DO SERTÃO .....	203
<i>Edson Silveira</i>	
RESSIGNI(METAVERSI)FICANDO A VIDA EM TEMPOS DE INFLUÊNCIA DIGITAL .....	204
<i>Renan Francelino da Silva</i>	
RESTINGA'S BAR.....	206
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
RETRATO.....	207
<i>Henrique Picarelli</i>	

REVOLUÇÃO INTELECTUAL .....	208
<i>João Ulysses Ferreira Neto.</i>	
SEM DELONGAS .....	209
<i>Ana Luz</i>	
SEJAMOS AS LOUCAS QUE GRITAM! .....	210
<i>Larissa Zucco</i>	
SOBRE A TAL FELICIDADE .....	211
<i>Andréa Keust</i>	
SOBRE IR EMBORA .....	215
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
SOBRE PAIXÕES SEM PAZ .....	216
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
SOBREVIVÊNCIA (SOBRE VIVER) .....	217
<i>Nic Cardeal</i>	
SOMAR É A SAÍDA.....	218
<i>Cyntia Possidio</i>	
SONETO DE APRESENTAÇÃO.....	219
<i>Renato Santos</i>	
SOPRO DE POESIA .....	220
<i>Patty Oliver</i>	
SUBJUGADA .....	221
<i>Joselene Negra Black</i>	
SUBNOTIFICADO .....	222
<i>Nic Cardeal</i>	
TERRA NOVA.....	223
<i>Rodolfo Pamplona Filho</i>	
TEU RITMO .....	224
<i>Aruani Kindermann Lapolli</i>	
TIETÊ.....	225
<i>Henrique Picarelli</i>	
TRÁGICA FACE .....	226
<i>Nely Nazareth</i>	
TRISTEZA ENCAPSULADA .....	227
<i>Gisela Maria Bester</i>	
UM GUERREIRO SONHADOR.....	229
<i>Edson Silveira</i>	

UM NOVO HINO DO RIO GRANDE DO SUL.....	230
<i>Veyzon Campos Muniz</i>	
VAGA-LUME .....	231
<i>Nely Nazareth</i>	
VERMELHO.....	232
<i>Nely Nazareth</i>	
VIAJANTES EM CLARO: EM BUSCA DE UM ELO PERDIDO QUE SE RECONSTRÓI NA E PELA ESCRITA.....	233
<i>Renan Francelino da Silva</i>	
VIVER SEM DEMORA.....	235
<i>Clécia Cristina Galindo</i>	
VOO DENTRO .....	236
<i>Lívio Oliveira</i>	

# APRESENTAÇÃO

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2023, encontram-se cronologicamente reunidos em seis livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; “Pelo Direito na Poesia!”; “O Direito pela Poesia” e “O Direito e a Poesia”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos seis volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

E o que torna arte e vida acontecimentos poéticos? Para o teórico russo Victor Chklovski, a imagem poética é uma forma de intensificação dos nossos sentidos, que automatizados pelo cotidiano não conseguem perceber a singularização presente em nosso entorno. Assim, a experiência poética nos apresenta o mundo como se o víssemos pela primeira vez. A poesia nos proporciona, então, a oportunidade de um olhar sempre inaugural, um olhar deslocado, que abandona as amarras de um significado preestabelecido para ingressar na abertura dos sentidos, vivenciando as múltiplas camadas do signo poético, sua densidade, a errância de seus diversos fios, sua possibilidade de colocar as várias linguagens da arte e da vida em constante transformação – mágicas e nômades moradas.

Exercício do olhar e do sentir, a poesia é simultaneamente expressão e percepção. Reside simultaneamente naquele que se dedica ao fazer poético, intensificando uma experiência de linguagem, e naquele que a percebe em sentimentos preexistentes, revelados enfim pelo contato com a experiência poética. O endere-

ço ideal para a poesia estaria nessa esquina entre a obra oferecida e a sensibilidade de quem a acolhe. Encontro surpreendente que faz a voz de um ressoar no peito do outro, reverberando em outras tantas possibilidades do fazer poético.

Esta apresentação é um convite para uma visita aos múltiplos cômodos dessa morada em cinco volumes, a fim de vivenciarmos juntos a experiência do poético, residente em cada um de nós e que nos torna humanos.

**MARISA ÁUREA DE SÁ FALCÃO**

*Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)*

# PREFÁCIO

## O DIREITO E A POESIA

### OS MOLHES POÉTICOS ENTRE O DIREITO E A ARTE, E O QUE CABE NO POEMA

Os molhes que separam a calmaria da baía da bravura do mar aberto, por onde chegam pescadores e peixes todos os dias, represam a água que espelha a poesia do ambiente. Nesse contexto, tudo é feito de poesia pura, captada pelas imagéticas lentes da coordenadora desta obra, a também fotógrafa, Taysa Matos. Não poderia haver fotografia mais completa e poética para ilustrar a capa deste livro. Afinal, a poesia está em tudo, desde que se a veja, que se a consiga ver, com os olhos de ver. E este livro está recheado de textos cujas autorias viram, captaram e registraram momentos poéticos. Porém, ao contrário das referidas obras de engenharia hidráulica, os molhes aqui, como metáfora, não separam, mas unem o Direito e a Arte, justamente pela poesia.

E assim chegamos ao sexto volume da **Coleção Direito e Arte**, reunindo textos antes veiculados na coluna homônima, já consolidada no sítio eletrônico da Editora Empório do Direito. Sob o título **O Direito e a Poesia** conseguimos, mais uma vez, vislumbrar na obra o diálogo, o entrelaçamento, a crítica, o ricocheteio, o abraço, os entrelaçamentos nos corpos de palavras que povoam inúmeros e diversos mundos, trazendo a riqueza semântica que poetas conseguem amarrar em seus registros tão especiais.

À guisa de Prefácio, aqui dou continuidade à reflexão proposta pela insigne Doutora Marisa Áurea de Sá Falcão, que, na Apresentação a esta obra, indagou “onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?”, dando-nos respostas com profundos significados. De minha parte, desejo ressaltar o meu olhar sobre o que cabe no poema. Melhor dizendo, nos poemas, eis que somos perto de cinquenta coautoras e coautores, poetas que amalgamaram as páginas deste livro com os fios condutores do que lhes falava mais alto no momento em que deram vida a seus textos.

Deste modo, ao lermos os poemas aqui reunidos, e também as prosas poéticas presentes, podemos dizer que tudo cabe em um poema! Sim, cabem o sol e a treva, o amor e o desamor, a harmonia e o caos, a ordem e a desordem, a prece e o sorriso, a perda e o pedido, a gratidão e a sovinice, a paz e a guerra, a paixão e o amor, o ódio e o rancor, a resistência e a sobrevivência, a amizade e a solidão, a tristeza e a empatia, a escuta e o socorro, a floresta, a luz, Dom e Bruno. Cabem as grandezas e as pequenezas do dia a dia, as estrelas e um menino embaçado, a

primavera e os desejos, as borboletas e a Fênix, o vaga-lume e o vento, as partidas e as chegadas, as lembranças e os apagamentos, as advogadas e as filósofas, as homenagens e as denúncias, os causídicos e os algozes, os homens grávidos, os choros das vítimas, a compaixão e o perdão, as mães e as filhas, o Natal, o ano passado e o ano novo. Cabe o ar, cabe um milênio. Cabe o voo, a liberdade, a infância e o sonho. Cabem as folhas secas. Cabe a palavra. Cabe a escrita. Cabem as vozes. Cabe a vida! Sim, no poema cabe a vida. E poeta é quem busca a busca.

Busquem, leitores e leitoras, neste livro, tudo isso, que vocês encontrarão! Até mais do que isso, vocês acharão, e, com isso, terão e serão, também, poesia.

*Curitiba, PR, 24 de março de 2023.*

**GISELA MARIA BESTER<sup>1</sup>**

---

1 Mestra, Doutora e Pós-Doutora em Direito, vem da escrita científica. No campo literário, criou o Espaço Poético Folhas Secas-Haicais Tradicionais, na Revista Cultural Mar de Lá. Publicou poemas livres, haibuns, haicais, resenhas, prefácios, posfácios, contos, microcontos, em revistas literárias (Bula, Ecos da Palavra-Portugal, Baleia-Portugal, LiterArte-Argentina, Voo Livre, Mar de Lá), no jornal Nippon Já, na *Newsletter* Frestas (Portugal), e em coletâneas (das Editoras Tirant Lo Blanch, Bestiário, Toma Af Um Poema, Oito e Meio, Máquina de Escrever, Empório do Direito, VersiProsa, Vivara Nacional). Aprovou contos e crônica nos Prêmios Off Flip (2023). Seu primeiro livro de poemas, *Pinte-me de Azul!*, está no prelo, pela Editora Mondru. É gaúcha de Ajuricaba, apaixonada por gente, bichos, plantas, e tudo o mais da natureza. Sagitariana, com ascendente em humanismos, é mãe de anjo e de *Border Collie*. Instagram: @giselabesterescritora

# 11 DE AGOSTO, DIA DO ADVOGADO

Todo dia ele enfrenta o Deus de toga  
Todo dia na luta busca além  
Não descansa se vê alguém refém  
A defesa é a sua sinagoga  
Não é santo nem rei, mas advoga  
Muitas vezes ele é apedrejado  
Para alguém dormir bem fica acordado  
E se alguém briga com ele a coisa atíça  
Só quem sente na pele uma injustiça  
É quem sabe o valor do ADVOGADO

Não são todos que entendem seu valor  
Mesmo assim ele insiste na defesa  
Seu propósito é lutar na correnteza  
Quando há dedos em riste acusador  
É quem sabe o desgosto e sente a dor  
Que acompanha o semblante do acusado  
Por demônio e por santo ele é julgado  
Seu propósito é lutar pela justiça  
E só quem sente na pele uma injustiça  
É quem sabe o valor do ADVOGADO

**RENATO SANTOS**

# A CHEGADA

O que fazer quando não consigo tirar da minha cabeça o toque suave dos seus cabelos no meu rosto?

Quem é que ilumina o meu sorriso quando tudo está cinza?

O café não exala o aroma e o girassol não reluz.

Diga-me como dormir se o meu corpo não encontra o seu na cama macia que restou o seu cheiro impregnado.

As memórias ficam espalhadas pelo ar e as lembranças guardadas na pele.

A distância impede que eu sinta o hálito quente da sua presença e que desbrave os caminhos guiados pelas poucas e pequenas pintas espalhadas pela sua pele.

A saudade faz lembrar da sensação inebriante ao te encontrar.

Do abraço apertado carregado de euforia.

Das trocas de olhares silenciosas e seguidas de sorrisos que transbordam pureza, naqueles instantes em que nada mais importa.

Mesmo assim, levanto e sigo em frente, pois sinto a sua essência, a sua força e o seu encorajamento.

Você está aqui, dentro e fora de mim.

E o mundo? Ah, o mundo vai recuperando as cores, lentamente.

O sol volta a brilhar, para lembrar da cor dos seus cabelos.

O vento sopra minha face entregando os beijos esquecidos.

E eu te encontro num poema de Mário Benedetti.

Você chega hoje, por isso o céu da tarde está tão celeste.

Os pássaros estão em festa e o ipê amarelo destaca a beleza da vida, para combinar com a sua vinda.

E a saudade? Ela volta, mas você permanece.

**JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA**

# A LEMBRANÇA DE UM AMOR POÉTICO

A lembrança de um grande poeta vem à mente, o seu nome é Castro Alves.  
Os grandes poetas morrem por amor, são intensos em seus sentimentos.  
As suas vidas são marcadas por amores que jamais poderão se ver, se escutar, se abraçar.

O seu amor só é perfeito no mundo ilusório dos seus sentimentos.

O fim desse grande poeta foi marcado por uma doença muito triste, que foi a tuberculose.

Parece que as histórias jamais se repetem.

Mas o coronavírus traz à tona uma tosse que lembra a do século XIX.

O futuro, novamente, se torna incerto, o medo de saber que vamos, em breve, partir dessa vida para algum lugar.

Que nos deixa temerosos, se o nosso ente que partiu está bem?

Ou, será nós que sofreremos pela sua partida em silêncio.

Então, digo adeus para sempre a este amor.

DAIANA MENENDEZ

# A GRANDEZA NO CAOS

Que possamos ver a grandeza no ínfimo  
E apreciar no nosso íntimo  
Tudo o que permeia o mundo  
A delicadeza das palavras  
Das cores  
Lugares  
Amores  
E dores  
Há tanto a ser sentido e vivido  
Refletido e dividido  
Não podemos nos apressar  
E deixar de sentir o hoje  
Eis que o amanhã é apenas uma promessa  
Possível  
Provável  
Mas ainda assim, apenas uma promessa  
Portanto, no hoje  
Permito-me envolver no complexo do eu  
Abraçar as angústias e dores expostas  
Mas ainda assim acolher e dar afeto  
Aos meus  
Aos seus  
Para os que cruzarem os nossos caminhos  
No entorno de mundo e caos  
Temos o mundo a nossa volta  
A ânsia da existência  
Necessidade e consciência  
De que o hoje é a realidade a ser desfrutada  
Ainda que pese, por vezes magoe  
Nas sutilezas do complexo mundano  
Que sempre ecoe a vontade  
De fazer a ínfima diferença

PAULA YURIE ABIKO

# A MATEMÁTICA DAS EMOÇÕES

Recentemente estive num almoço e reencontrei uma amiga, muito inteligente. Conversávamos sobre vários assuntos, quando em certo momento ela me disse que, por ser da área de exatas, costuma dar peso às coisas, avaliar quanto determinado acontecimento ou tarefa vale a sua energia ou atenção. Por exemplo, se queima uma lâmpada, isto teria peso 01 numa escala de aborrecimento de 01 a 10, enquanto um incêndio no local teria peso 10. Segundo ela, seguir a vida encarando pequenos obstáculos apenas como pequenos obstáculos, valorizando-os na medida do real peso que merecem, sempre foi parte importante do seu modo de vida. E tudo decorre de muito treinamento.

Se pararmos para pensar, muitos de nós valorizamos em excesso e gastamos energia emocional desnecessária em pequenas coisas. Reclamamos e fazemos tempestade em copo d'água. Damos peso 05, 07, ou até 08 para um simples aborrecimento como uma lâmpada queimada a ser trocada, pois vivemos num mundo cheio de estímulos e contrariedades, de modo que qualquer pequeno imprevisto toma uma proporção muito maior. Daí, quando realmente surge algo grande e difícil de resolver, não sobra energia para lidar com aquilo, ficamos exaustos física e emocionalmente.

A razão é diferente da emoção, mas até a matemática pode servir de fundamento para demonstrar que precisamos não dar valor demais às coisas corriqueiras e/ou pequenas. E aí está um paradoxo muito interessante.

Questões como o congestionamento do trânsito, problemas no trabalho, notícias televisivas ou pela internet, ofensas gratuitas, entre outras, podem tirar o nosso sono e nos fazer sofrer, remoer mágoas, nos deixar irritados, angustiados.

Não podemos comprar toda e qualquer ofensa. Não podemos consumir toda e qualquer notícia. Temos que aprender a filtrar, a respirar por alguns instantes antes de dar uma resposta diante de uma provocação. Temos que aprender a dar peso pequeno e gastar pouca energia emocional em coisas deste tipo. A nossa paz, sim, vale ouro.

É necessário dar um choque de lucidez nos nossos pensamentos perturbadores. Para fazer isso, precisamos treinar a nos controlar. Não existe fórmula mágica, mas sim autoconhecimento e treinamento.

Filtre. Apesar de ter bastante coisa boa acontecendo no mundo, as tragédias sempre ganham destaque nos noticiários. Claro que existem coisas ruins e temos que nos informar a respeito, nos insurgir, enfrentar. Porém, coisas boas

existem também. Devemos levar para frente projetos que deram certo. Resgatar a humanidade, a generosidade, a solidariedade.

É certo que não podemos deixar de sentir emoções, inclusive as que não são agradáveis, mas podemos decidir o que vamos fazer com elas, se tivermos um Eu forte e treinado a não deixá-las nos dominar, a dar o peso certo para as coisas, numa matemática saudável das emoções, gastando pouca, média ou muita energia emocional conforme as prioridades, reservando um tempo para contemplar o belo e recarregar novamente as energias.

No livro “365 Dias de Inteligência”, o psiquiatra e escritor Augusto Cury, ensina que “eu ou qualquer outro ser humano jamais seremos plenamente equilibrados. Até porque cada pensamento se organiza, experimenta o caos e se reorganiza em outros pensamentos, o que evidencia que o psiquismo humano está em constante ‘desequilíbrio’ no processo construtivo. Tal desequilíbrio é normal. Mas uma coisa é o “desequilíbrio do processo construtivo” dos pensamentos e emoções; outra é o ‘desequilíbrio do gerenciamento do Eu’, das nossas reações, atitudes, respostas. Este último é doentio, expressa as inabilidades do Eu como gestor psíquico.”

Vamos treinar somar tudo aquilo que agrega, conforta e motiva, e subtrair tudo aquilo que destrói, consome e pesa.

**BIANCA ROSENTHAL**

# A SINFONIA DAS PALAVRAS E O DIREITO DE DESEJAR

Ninguém nunca ousou perguntar quais desejos têm a mulher...

Em uma sinfonia silenciosa, e absurdamente ensurdecadora, elas seguem mantendo implícitas suas vontades outrora (e agora) renegadas/julgadas.

O uso da norma culta informa em seus dicionários que:

Desejar é verbo transitivo direto (e do gênero masculino), o qual é dado o direito de ambicionar.

A mesma norma traduz luta como substantivo feminino. E, trata-se de uma constante na vida de quem está proibida de ambicionar.

Portanto, a norma (o) culta não permite espaço para verbos e transitividades femininas.

Observa-se que o “desejar” quando transgredir tal pressuposto traz consigo relutâncias e questionamentos- sobre as escolhas profissionais, afetivas, pessoais e tudo que possa ultrapassar as barreiras do que foi consolidado em insistentes hieróglifos que permanece na (ant) modernidade.

Há silenciamento impositivo - pois o uso de tais palavras é capaz de subverter à (des)ordem as mentes e muros que seguem firmes em desfavor do simples direito de ser.

O caminho para o desejar perpassa, ainda, a matemática do “tic tac” do relógio biológico – afinal, pra que transgredir a ordem e dizer que há outras (pró) criações.

Há desejo implícito e constante, tal como o substantivo LUTA, para além, das estruturas, que é o de fluir, assim como uma sinfonia leve, sem observar a norma e apenas poder pulsar e gozar a vida.

Desejo que o pedido de licença consista apenas na poética! E assim, rogo (eu e tantas de nós) pelo desejo de ter desejos (explícitos e respeitados)!

**KÁSSIA CRISTINA**

# A QUEM QUISER OUVIR

Olho,  
Paro,  
Penso,  
Refrito e em  
Minhas reflexões,  
Escrevo o que a alma  
A mim diz,  
Querendo declarar,  
A quem quiser ouvir...

**RENAN FRANCELINO DA SILVA**

# A VIDA

*Uma homenagem a Vida de Bruno que nos deixou em  
06 de abril de 2021.*

Vida que me segue e que me faz refletir se preciso trabalhar muito ou amar muito. Um dia quero ir embora desse mundo sabendo que protegi os fracos e amei a vida.

Sendo homem ou mulher, não importa, todas as pessoas têm sentimentos! E um dia sei que precisaremos de ajuda, assim como ajudamos o nosso próximo como Jesus nos ensinou.

Não quero que paguem os meus atos com dinheiro. Apenas faça o que sempre fiz, ajude aqueles que sofrem, e que não tem o que vestir, nem onde mora, são agredidos fisicamente, por serem diferentes dos demais. Eu, a Vida, só tenho um desejo para esse mundo que todos amem as pessoas independentes de seus gêneros!

Dedicou esse texto a alguém muito querido (a) no início o seu nome era Edileusa Vida. No final virou Vida Bruno. Partiu desse mundo no dia 6 de abril de 2021. Deixou nossos corações partidos aqueles que o conheceu nas lutas acadêmicas, nas disciplinas que cursaram na Universidade Católica do Salvador. Somente Deus é capaz de nos confortar com a sua ausência. Vida Bruno ou simplesmente Vida sabia que eu escrevia poesias. E gostava muito da palavra vida. Que me ensinou que todos nós devemos lutar juntos independentes de gêneros. Meus sentimentos ao meu patrono de formatura de licenciatura e bacharelado em Filosofia Samuel Vida, a toda família. Ficou mais triste porque eu sou Espanhola e Brasileira ao mesmo tempo. “Dizem que as mulheres espanholas são as mais generosas do mundo. Aceitamos as pessoas sem discriminação de sexo, raças, e amamos o nosso próximo como Jesus nos ensinou”. Para mim é uma grande perda, eu sou heterossexual, mas amo as pessoas por seus atos de humanidade e o seu olhar para aqueles que necessitam de um apoio, um acolhimento.

**DAIANA MENENDEZ**

# A VIDA PEDE PASSAGEM

Meu poema está ferido  
O sangue escorre pelas pernas  
Como se tivesse abortado  
Vítima de crueldade perpetuada  
Morro, quando tiram direito à vida  
Penetra a maresia do gozo  
Sujo  
Numa posição indefesa  
Cheia de hematomas  
Meu poema pede socorro!!  
Para todos os gêneros  
poéticos  
Remova essa placenta  
Permita que me banhe e sobreviva  
O vento assobiou  
Um canto  
Na beira do rio  
Vem de longe  
Mordo o cordão umbilical  
E vou ao encontro da  
mulher  
Que não caminha sozinha

**JOSELENE NEGRA BLACK**

# A VÍTIMA E O ALGOZ

vi um negro sofrendo preconceito  
de um senhor que era branco e o negro então  
respondeu ao senhor erguendo o peito  
o seu sangue é da cor do meu irmão  
muito embora não queiras, nós sabemos  
vai pra o mesmo lugar o que comemos  
se ser branco é status pro senhor  
desse seu pensamento eu tenho dó,  
pois depois que o seu corpo virar pó  
ninguém sabe qual era a sua cor  
mas o negro seguiu, e mais afrente  
do seu carro xingou uma mulher  
de barbeira, e falou em tom mais quente  
-sendo a minha não faz o que bem quer.  
deveria ficar só no fogão.

Ela então respondeu, meu cidadão  
muito mais que a você eu abomino  
sua esposa, pois sabe o que é que eu acho  
que a mulher que se curva para um macho  
suja a força do sexo feminino  
a mulher depois disso foi embora  
e adiante avistou um jovem gay  
e falou, por você eu rezarei  
pra que cure a doença que lhe aflora  
ele então respondeu, minha querida  
sou feliz por demais com minha vida  
o meu gosto não é patologia,  
mas o seu preconceito envenenado  
muito além de doença, é um pecado  
que entristece Jesus a cada dia  
mas o jovem nascido no sudeste  
logo a frente encontrou outro rapaz  
e o tratou com deboche até demais

só por ele ser filho do nordeste  
foi então que ele ouviu do nordestino  
este seu preconceito tão cretino  
não me atinge, pois sou muito feliz  
nordestino é status de beleza  
e eu nasci com orgulho e com certeza  
no lugar mais bonito do país  
mas o mesmo rapaz tão defensor  
só por ser de uma grande capital  
quis zombar de uma forma bem boçal  
de outro alguém só por ser do interior  
e o chamou de caipira, bicho bruto  
ele então respondeu, eu sou matuto  
com orgulho, com gosto e com paixão  
se eu morresse e nascesse novamente  
eu queria de deus esse presente  
de nascer novamente no sertão  
o problema é que foi ele também  
defensor do sertão com tanta glória  
o senhor lá do início dessa história  
que jorrou preconceito em outro alguém  
branco, negro, do sul, gay, sertanejo  
nordestino, mulher, pelo que vejo  
esse ciclo tão triste é bem comum  
antes de se ofender com preconceito  
olhe sempre no fundo do seu peito  
se você não está sendo algoz de algum

VINÍCIUS GREGÓRIO

# ACERVO DE SENTIMENTOS

Nós poderíamos iniciar esse texto falando sobre várias possibilidades de compreender processos jurídicos ou políticos para um sentir, ou os fundamentos de uma pedagogia do amor para facilitar a compreensão do direito sobre este. Como nos diz Humberto Grande, o direito e o amor mantém íntimas relações entre si. Aqui não se trata sobre a possibilidade de recuperar sujeitos, e talvez toda essa embriaguez proporcionada por esse mundo bagunçado, ainda assim, isso seja um impulso para continuarmos nos permitindo mais que o necessário.

“O amor segundo Buenos Aires” de Fernando Scheller, tem em cada capítulo, um mapa por onde envereda a história de seus personagens. Na vida real, nós não podemos traçar mapas para cada fase de nossas vidas, não é que nós estejamos impedidos, pelo menos não de forma física, mas nós vivemos ponderando as coisas, sobre o ser, sobre o sentir, sobre o fazer... A gente acaba sempre se questionando no final do dia, pelo que poderíamos ter feito, pelo que poderemos fazer, mas nós sempre esquecemos que nós precisamos fazer mais por nós mesmos.

Nessas vivências, o amor vai te encontrar nas avenidas do conhecimento. Automaticamente vem o processo de sentir, conhecer, fazer. No entanto, jamais te confundirá do que você pode trazer de contribuição para o mundo, ou para o outro. Há entre nós essa assimetria programada entre sujeitos, porque o sentir também se faz político e divergente, e é natural que por vez ou outra a gente passe a captar os tumultos desses processos e enxergar isso como definitivo.

Se nós não pretendemos sistematizar as coisas no amor, e se a gente cresce em lugares que não nos ensinaram a ser educados nele, se nós nos questionamos de instantes e instantes, estamos tendo sempre uma prática política espontânea, uma sociologia espontânea do direito de sentir, de criar um acervo dentro de nós mesmos. E mesmo que esses sentimentos te embaralhem no final do dia, mesmo que você possa chorar por tanto sentir, é porque você se embriagou, e a ressaca do dia seguinte te trouxe o amor em uma dessas avenidas.

CARLOS HENRIQUE DUARTE ARAÚJO

# AINDA TEMOS O NATAL

Desde o princípio, a humanidade havia perdido o controle de si mesma e do mundo.

Há muito tempo, os profetas alertavam sobre tantos males que estariam por vir.

As profecias chegavam aos ouvidos de todos: dos crentes e dos não crentes.

Mas parece mesmo que ninguém quis escutar.

Porque a humanidade havia perdido o controle de si mesma e do mundo.

Todos que sonhavam viver em um mundo melhor,  
parece que eram poucos.

Os profetas também alertavam que poderia haver uma solução.

Mas a humanidade continuou perdida, sem controle de si mesma e do mundo.

Todos que ainda sonham por um mundo melhor parece que continuam sendo poucos.

Todos os anos celebramos a festa do natal:

a celebração da redenção e do novo nascimento.

Mas a humanidade continua perdida, sem controle de si mesma e do mundo.

E todos que ainda sonham por um mundo melhor, parece que continuam sendo poucos.

E o sonho de outrora virou o pesadelo de agora.

Porque a humanidade continua dormindo, em sono profundo.

E os que ainda sonham por um mundo melhor parece que também não querem acordar.

Todos os anos celebramos a festa do natal:

a celebração da redenção e do novo nascimento.

Mas a humanidade ainda continua morta, sem querer nascer de novo para si mesma e para o mundo.

Ela ainda dorme, em sono profundo...

Quem continua sonhando por um novo mundo?

Mas esse ano ainda podemos celebrar, mais uma vez, o natal:

a celebração da redenção e do novo nascimento.

Entretanto, quando será mesmo que o sonho de outrora não será mais o pesadelo de agora?

E quem ainda crê e espera  
que se cumpram as profecias

do novo céu, da nova terra?  
E quem estaria disposto a ouvir o alerta dos profetas?  
E quem estaria disposto a nascer de novo de verdade?  
Quem estaria disposto a transformar o tão sonhado sonho em realidade?  
Mas a vida continua...  
E hoje ainda temos tempo para celebrar o natal,  
esse tão popular e aclamado feliz natal!

**JAÉCIO MATOS SANTOS**

# AINDA TE AMAREI

Não te amarei brevemente  
Ainda que a vida  
Apressadamente  
Passe despercebida  
E me pegue  
E me leve  
E me deixe  
À companhia  
Do que restou  
Do meu amor  
Que tanto durou  
E tanto dura.  
Devagar  
Que perdura  
Que prolonga a vida  
E que ternura  
Ainda te amarei  
Ainda te amarei  
Ainda te amarei

**PATTY OLIVER**

# AJURICABA

Se assim fomos e somos,  
feitas daquele barro vermelho (sem espelho),  
daquelas agruras e doçuras,  
daquela mistura contraditória e complementar a um só tempo,  
sem tempo,  
sem data marcada  
para existirmos,  
embora tenhamos nascido com dia certo,  
e certificado,  
é porque nossa história estava traçada.  
E foi assim também que,  
naquelas lonjuras,  
nos tornamos  
donas do próprio destino,  
em desalinho  
com o que pensaram para nós,  
contrariando aquilo que estava carimbado.  
Porém, quem voa antes do tempo,  
do ninho,  
ganha recriminação,  
nada de compaixão,  
e há de seguir seu coração  
para ser o que veio para ser.

Crescer, ser, morrer sem perceber, renascer,  
e de novo voltar a ser.  
Essa teimosia em tirar da vida  
o que pensou que lhe cabia,  
acabou levando-a adiante.  
Mas tudo pode desfazer-se em um instante.  
E isso ela também sabia.  
Porque no fundo só temos esse instante.  
E ele é imenso, mas finito.

E com nada rima, pois a vida não tem tanta poesia,  
embora sim nos reanima, com profunda emoção,  
pois das tristezas também nascem belezas.  
E nas certezas que temos, ah, se as temos,  
conseguimos nos identificar,  
e nos apoiar,  
mesmo na distância da solidão.

**GISELA MARIA BESTER**

# ALGUÉM CANTANDO: OUVIR!

Em julho de 2018 estive na cidade de Belém, capital do Pará, e o que mais me chamou atenção, naquele momento, foi um cantor que se apresentava na Praça da República.

Ele encontrava-se acompanhado de uma mulher e duas crianças que estavam sentadas assistindo a apresentação. A mulher segurava uma placa onde explicava a situação que estavam passando: tratava-se de uma família venezuelana que havia percorrido quilômetros até chegar ao Brasil em busca de ajuda.

Todos pareciam cansados, exaustos, com fome e com sede. Mesmo assim, o cantor seguia com seu forte tenor; de olhos fechados sobre o palco imaginário e erguido pela sobrevivência. Aos seus pés uma pequena caixa com algumas moedas.

Sua voz era impactante, expressava medo e esperança. Com certeza sair do país de origem, lugar onde criou um verdadeiro vínculo de pertencimento, e chegar ao Brasil não foi fácil, mas, ao mesmo tempo, o permitia enxergar algum horizonte e a voz conseguia expressar isso.

As notas oscilavam como um grito de socorro. Beleza e dor enfrentavam-se.

Sem empregos, sem acesso à saúde, sem moradia digna, sem alimento, sem oportunidades, sem afeto, sem atenção básica, essa era a realidade daquela família. Tudo, absolutamente tudo, estava naquele clamor que rasgava a sociedade indiferente e segregadora.

Afirmo que cada um deles continua em mim, dia após dia. A voz ecoa pelas ruas das cidades, uma vez que é possível ver aquela família refletida em tantas outras marginalizadas, vítimas do abandono.

Hoje consigo perceber que o acolhimento deve ir além das fronteiras e alcançar o real sentido de Humanidade, alcançar os gritos de socorro que repercutem pelo mundo e, portanto, romper com estruturas que promovem a desigualdade e um tipo de dignidade seletiva potencializadora das vulnerabilidades e das injustiças sociais.

Não podemos ignorar as vozes reprimidas e os caminhos percorridos. Dejar o silêncio é um ato de violência. Impor obstáculos à solidariedade é negar a existência de muitos e, portanto, negar a própria existência.

# AME

Não há remédio para o que estamos vivendo senão o amor!

Comece amando a si mesmo, como se não houvesse amanhã. Depois, pegue um pouco desse amor-próprio e doe ao outro, ao próximo, ao desconhecido!

Cada pitada distribuída vai se multiplicar em outros amores até que o coração mais duro será tocado. E como mágica, passará a amar a si! E desse amor-próprio escorregará outra pitada de amor, que tocará um próximo, um desconhecido, um outro qualquer.

E quando menos esperar, essa corrente estará impregnada apenas de amor porque, neste tempo em que estamos vivendo, não há outro remédio senão o amor.

Então ame. Incondicionalmente...

Apenas ame e tudo se tornará mais leve enquanto o amor imperar!

**HENRIQUE PICARELLI**

# ANOTAÇÕES

*Para Lúcia Castello Branco*

Curto-circuito:

lugar comum

Onde era eu

vocês são

*Fade in*

Eles contam, da diz-mensão,

estórias para boi acordar

Por um lapso,

arranhar a exegese do erro perpétuo

*Burn out*

Este inconsciente trapezista

ainda há de se abrir num nó de marinheiro -

e as ondas do mar mundo

não mais saberão tergiversar

ANA LUZ

# AO PASSADO

Há muito ela não se percebia assim, envolvida em liberdade inquietante, as mãos gélidas, alegria agitando o coração. A vida de enfado: casa, filhos, contas, deixará para trás. Era outra, sentia-se como as personagens dos filmes que vira tantas vezes. Conduzia-se a mundo inverso do tédio da realidade. Entrou no táxi. Flocos de nuvens cruzavam o céu, iria reencontrá-lo após vinte anos.

Saía do carro próximo ao hotel onde ele a esperava. Precisava andar um pouco. Tinha tanto para dizer, se conseguisse. Sentia-se insegura. A maquiagem não ocultava as olheiras ofertadas pela idade. A foto que ele enviara, mostrava que o tempo foi seu amigo. Tanto a perguntar. Queria saber dos caminhos que ele percorrera. Contou que o seu trabalho consistia em viajar o mundo. Ela imaginava quantas aventuras ele vivera; inversas a vida monótona que levava. Certamente iriam a um restaurante. Talvez ele falaria por horas, riria de si mesmo e a abraçaria como antigamente.

Ele a encontrara meses atrás, nas redes sociais. Curiosamente perguntara se era ela mesma... Não, não era mais a garota de olhos travessos, longos cabelos pretos, ondulados, destemida, ávida por novidades que ele conhecera naquele país distante. A vida a acomodara, mas não ao ponto de deixar de sonhar.

Ele demonstrava continuar vivendo na mesma intensidade, tão decidido como quando se conheceram. Iria a cidade dela, queria revê-la.

Os primeiros pingos de chuva tocaram o seu rosto despertando-a. Lembrou-se da chuva gélida do país dele, das ruas vazias, do silêncio imenso. Percebeu a coragem esvair-se a medida que os passos tornavam-se mais lentos. Podia desistir do encontro, bloquear o número de contato, fugir, esquecer de tudo. Respirou fundo, continuou a caminhar. Entrou no hotel.

Lá estava ele, os mesmos olhos cor de céu. Levantou-se e foi ao seu encontro, sem dizer palavra a beijou. Sentiu o amor retornar no tempo. E o tempo parou para vê-los. Seus olhos se encontraram com o mesmo brilho da primeira vez. Ele sorriu, deram-se as mãos, atravessaram o saguão e voltaram ao passado.

**KARINA G. DE SÁ**

# AO QUE SINTO

Eu só queria  
Suportar o que sinto  
Até que, o que sinto,  
Se desmanchasse sozinho...

E fosse sumindo  
De dentro de mim  
Para que eu não o sentisse  
Indo.

Eu nunca soube  
Viver um romance  
E por isso, nunca deveria  
Dar uma chance

Ao que sinto  
Mas porque sinto  
Corro perigo:  
Logo, sozinho,  
Volto a sentir.

Porque sinto  
Até que... desisto  
Até que eu me canse  
Me canse... de mim.”

**PATTY OLIVER**

# AO SAIR APAGUE A LUZ

O país em delírio coletivo  
o rei insano, proferindo brados loucos,  
carregando consigo vassalos ensandecidos,  
enquanto nós, parecendo poucos,  
nada conseguimos,  
estáticos, trancafiados em nossos desesperos tantos.

De que adianta a minha casa guardada  
se lá fora tanta gente dando a cara a tapa  
da morte – já tão forte –  
procurando-nos de porta em porta?

A vida suplicando trégua,  
a vida sussurrando rouca:  
– haverá melhor caminho para o nada?

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# AOS AMIGOS QUE AINDA NÃO ERAM AMIGOS

É a dor da saudade que invade minha alma, do tempo que jamais voltará.

Dos amigos que vão para longe!

É vontade delirante de reviver tempos imemoriais?

Estes que jamais voltarão, é uma dor que não cabe no meu coração.

É preciso deixar ir toda dor, dentro de nós, para que a felicidade volte novamente.

Pois a vida é como uma viagem de metrô, não sabemos em que estação iremos nos encontrar, ou iremos partir para sempre.

Numa dor que meu peito enche de lágrimas, como o rio que se esvazia através do meu choro.

Como é enorme a dor da partida dos nossos amigos e familiares, espero com emoção a alegria da chegada, vibrado pela renovação de uma nova vida mais feliz.

**DAIANA MENENDEZ**

# AR

Por tanto mar,  
de tanto amar,  
e sempre cuidar.

Gerar.

Afagar.

Acalmar.

Alimentar.

Segurar.

Sussurrar.

Embalar.

Cantarolar.

Arrumar.

Carregar.

Limpar.

Ensinar.

Limitar.

Significar.

Adornar.

Costurar.

Rezar.

Zelar.

Bordar.

Orientar.

Puxar.

Amparar.

Empurrar.

Guiar.

Incentivar.

Levar.

Buscar.

Apoiar.

Frear.

Cantar.

Acompanhar.

Sossegar.

Compartilhar.

Alegrar.

Dançar.

Libertar.

Ressignificar.

Esperar.

...

Ela sempre o fez, e até mais o faria,  
sem nada cobrar.

Mas por não mais se achar,  
e nem mais se olhar,  
ela foi ser mar  
e respirar  
em outro lugar.

**GI SELA MARIA BESTER**

# ARIANO IMORTAL

Morre o homem, a obra permanece  
Se tornando imortal, não imorrível  
Morre a carne e a imagem não padece  
E eternizar sua alma isso é possível  
Em seus autos criou imagem plena  
Estudou e aplicou conhecimento  
Sertanejo, poeta, o seu talento  
Nunca vai padecer pois é serena  
Suassuna foi ser de tanta glória  
O seu nome não morre, isso jamais  
Que é direito imortal dos imortais  
Escrever o seu nome na história  
Ariano foi mestre incontestável  
Seja em arte, cultura ou poesia  
Foi o gênio imortal da academia  
É o grande vetor do inenarrável  
Ariano foi sempre um ser notável  
Inconteste em total dramaturgia  
Sempre um ápice em comédia e alegria  
Sempre um ser que partiu ao imaginável  
Hoje ele habita em outros planos  
Mas, se vivo, noventa e cinco anos  
Nesta data imortal e tão seleta  
Veio o tempo roubar sua fortuna  
Morre o corpo do mestre Suassuna  
Mas não morre a imagem do poeta

RENATO SANTOS

# AS ESTRELAS

Prometi às estrelas  
Que estaria contigo  
Elas não conseguem contar  
O tanto que há  
De você em mim.

E eu lembro  
De contar as estrelas  
Imaginando  
o quão estranho  
Seria tê-las.

A última vez que te vi  
Tenho a sensação  
De que permaneceu perto de mim  
Numa noite estrelada  
Com cheiro de jardim  
Não só de flores

Onde não enxergávamos as cores  
Apenas o cheiro da chuva  
Na terra e nos seus cabelos  
Na sua pele e nos meus medos  
Se desmanchando ao encontro das estrelas.

Que curioso, as estrelas  
Sempre estão aqui  
No mesmo lugar  
Tentando contar  
O quanto há  
De você em mim

Galáxia perfeita,  
Que se desmanchou em milhões de estrelas  
Numa noite feita  
Para que pudéssemos ser um no outro  
O que são  
As estrelas.

**PATTY OLIVER**

# AS RUAS POUCO FALADAS

Subiu a ladeira, ergueu a cabeça e viu o sol e seu esplendor. Viu também a sombra guardando um corpo calado e fustigado.

Alguém exclama: “o nosso lugar não tem voz e não tem vez!”

Outro grita: “É invasão que chama e arde na pele do nosso povo!”

Inocentes, rumo ao sol e rumo à liberdade, são derrubados, porque voz é perigo e vez não é marginal.

Os lugares excluídos respiram, porém há tantos que querem sufocá-los.

Alguém disse: “Aqui é minha casa. Aqui conto a minha história.”

E o cartucho marca o silêncio, mas não apaga a trajetória. Não apaga, não irá apagar!

E o que corre nas veias do Brasil? Um sangue derramado. O sangue dos não privilegiados.

Por isso te digo: não cobre os teus olhos! Enxerga o pranto, enxerga a violência que legitimamos, enxerga cada um, cada rosto, cada vida, cada passo.

Enxerga, então, as histórias roubadas pela mão do Estado.

CLÉCIA CRISTINA GALINDO

# ÀS VEZES

Perdemos pessoas que marcaram momentos em nossa vida  
Seja com música, poesia ou na tela da TV  
Com um gesto que você nem sabe o porquê  
Mas o cupido da comunicação é assim  
A Arte sobrepõe esse dom  
Não é mais seu  
Ele é do mundo  
Jô é assim  
Uma ponte que leva  
A Poesia  
O entretenimento  
A alegria  
Para o Universo.

*Homenagem a Jô Soares*

**JOSELENE NEGRA BLACK**

# ASFIXIA

Vestida de silêncio  
Ela conduz a valsa com os pés descalços sentindo o jardim de cacos e arame farpado  
A dança sangrenta dos sentidos mais profundos move seu corpo lentamente.  
Um vestido branco de cetim cheirando a guardado desenha as curvas dos infortúnios  
Com a delicadeza de um sofrimento sufocado.  
Emudecida pelo cansaço de agradar a todos,  
Eis o preço da permanência em um lugar que não pertence.  
Amarras de espinhos cobrem-lhe os olhos e correntes oxidadas prendem seus punhos  
Ela não conseguiu acostumar-se com as tentativas de moldá-la em uma forma de padrões impostos.  
Na dança das cordialidades falsas, nunca aceitou agradar e agradecer.  
Sentia-se enjaulada, tal como uma fera indomável que habita os calabouços escondidos  
Ela não era o exemplo nem a vontade genuína de alguém.  
Exalava um perfume de angústia  
Notas de jasmim e tristeza.  
Estar num mundo em que as dores não atingem o resto, mas lhe perfura alma, soa como uma tortura é cotidiana.  
Na sequência dos movimentos da dança impiedosa, os pés cortados narram a sua história de descontentamento.  
Talvez ela nunca quisesse pertencer e tenha nutrido um imenso orgulho por não ter se tornado mais um lobotomizado por aquela cidade.  
Todos sabiam seu nome  
Até aqueles que queriam vê-la morta em um caixão aberto para olhar a sua face e justificar sua partida com a sua rebeldia.

JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA

# BELA MOÇA COMO UMA ROSA DESPIDA

Você está em meus pensamentos e em meu coração.

Você é astral!

Tudo com você, flui de uma maneira maravilhosa que contagia a alma, fazendo suas pétalas cantarem!

Digamos que seria

a alma de uma bela moça como uma rosa despida

e escondida entre as outras.

Que de tão inocente

Não consegue encobrir-se de vergonha

Pois sua cor é tão vibrante

Que aquece, atrai e desperta quem sonha!

Ah, mas os “bandoleiros!”

Que vivem sonhando nesses jardins alheios,

passam despercebidos

Entre tantas rosas e tantas flores,

Entre tantos espinhos

Que vivem olhando para o céu

Em busca de um carrossel no infinito

Eles são tolos e vivem de olhos fechados

E cabeça inclinada para o abismo.

Mal sabem que bom e que bom seria

Imaginar

A alma de uma bela jovem

Como uma rosa despida e delicada

Fotografada em plena luz do luar

Que nem liga

Se está ou não vestida

Ela só quer estar!

PATTY OLIVER

# BELEZA FRÁGIL

Beleza frágil que não resiste às turbulências mais leves da vida...

Beleza efêmera que se mostra indiferente ao tempo da própria existência apenas por existir...

E enquanto existe, desfila exuberante desafiando o ar, o vento e a inquietude!

Beleza bela e de tão bela se torna eterna enquanto resistir...

E resiste!

**HENRIQUE PICARELLI**

# BIJOUTERIA DE MIM

O dia vem chegando  
na frieza da madrugada.  
É tão fácil ser feliz  
Onde não há  
Felicidade,  
Apenas olhando  
o mar escuro,  
de graça e tão grande.  
A triste e  
diferente cor  
do mar  
Diferente do céu  
É igual a minha  
Saudade.  
E a pedra molhada da noite,  
Molhada do mar  
Chora por mim  
Mas também brilha  
Meu íntimo desejo.  
Pedra, me faz forte  
como você.  
Mar,  
Me faz de areia  
E me desmancha com suas ondas  
e sua força.  
Sol,  
Seca a minha  
Chuva de lágrimas  
E, quando a noite  
Chegar  
Mais uma vez,  
Lua,  
Me faz

Um colar  
De estrelas  
Para a mulher  
Alegre e viva  
Dentro de mim.

**NELY NAZARETH**

# BORBOLETA LILÁS FLORINDO

Olho para as asas lilás  
Arrisco sentir o que há aqui dentro.  
Qual é mesmo o destino do voo?  
Certamente um voo em liberdade.

A Fênix-borboleta estava no seu casulo  
Recuperando-se da queda.  
Tinha medo.  
Mas o céu é azul...

Sou cúmplice dos caminhos  
Dessa ave que insiste em se expor  
E pintar de todas as cores o além do arco-íris

Tudo aqui anda a mil.  
Sigo a música, a sabedoria da canção.  
Sou então grata à vida, aos seus encontros.

Início um voo de peito aberto, coração cicatrizado, vulcanizado.  
Sigo as respostas que a arte me aponta.  
Experimento o bater das asas.  
Olho para a minha base, pai e mãe, meu ouro, minha mina.  
Sou bem leve, leve e anseio o sonho  
Até gerar o som.

RENATA MOREIRA DA SILVA

# CARTA ABERTA: PRELÚDIO DE UM DIÁRIO (QUE) JAMAIS (SERÁ) LIDO

Caro(a) Leitor(a),

Escrevo esta Carta a título de um desabafo: (porque) estou cansada dos olhares maldosos e dissimulados direcionados à minha pessoa; portanto, escrevo sem a menor pretensão de ser lida — como as tantas outras vezes que o fiz, em tantas outras histórias do meu diário.

Talvez você encontre este texto e queira lê-lo; e, se assim o fizer, agradeço-lhe por se dispor a ler o que tenho a dizer a ti e a todos(as) — e quem sabe a decifrar uma parte do que carrego comigo.

Talvez você se surpreenda com a leitura de quem eu realmente sou: uma Mulher totalmente ‘desconfigurada’ e ‘fora do padrão’, mas cheia de estilo; uma pessoa séria, mas muito risonha; preocupada, mas não louca; cansada, mas responsável; aquela que também diz “não”; sensível, mas forte como uma guerreira; romântica, e não melancólica; dona de si; o inverso de tudo o que dizem sobre mim, de como me veem: a rainha má, que causa a desordem no Castelo; a princesa que foi instruída a sempre dizer “sim” contra a sua própria vontade e que, quando disse “não”, desonrou a família; a plebeia, que se mistura com qualquer um que vê pela frente; a interesseira, que só pensa em bens materiais; a louca; a qualquer e sem futuro.

Arriscar-me-ei a fazê-lo, porque nas últimas vezes em que tentei me expressar, sequer fui ouvida; pelo contrário, fingiram que eu era louca, retiraram os meus direitos e me internaram — e aqui estou, presa, numa sala vazia, com um diário em mãos; com as outras, fizeram atrocidades, que, só de pensar, me deixam com o estômago embrulhado (e não é só de fome).

Talvez, desta vez, você leia o que tenho a dizer, antes de me atacar.

Mas, faça-lhe um pedido: leia-me com cuidado: não quero ser a próxima.

Assinado,

Alguém que Pede Socorro

RENAN FRANCELINO DA SILVA

# CHÃO DOURADO

Deste chão dourado, impenetrável e estéril, que se estende pelo horizonte e se perde pelos caminhos, brota ouro!

Passamos por ele com nossa ignorância – aquela que é incapaz de perceber que o ir-e-vir impregnado pela pressa só nos faz perder o tempo, e com a nossa insuficiente capacidade de compreender a efemeridade da vida!

Na mesma velocidade em que o ouro se espalha, se recolhe. E deixa ao chão - impenetrável e estéril, nenhum resquício daquele brilho que durou o tempo de nos iludir e nos prometer a eternidade...

O Sol se foi, mais um dia acabou e aquele dourado inebriante apenas nos cegou por alguns instantes, enquanto a vida levava pra si um pouco mais de nós...

Neste chão dourado, impenetrável e estéril – que se estende pelo horizonte e se perde pelos caminhos, nada brota até o próximo Pôr-do-Sol!

**HENRIQUE PICARELLI**

# COMO HANNAH ARENDT

Como Hannah Arendt, carrego a dor da partida.  
O medo do terror de novo se instaura à minha volta.  
Só penso em me libertar para algum lugar que não haja violência.  
Sei que, como Hannah Arendt, terei que enfrentar um futuro incerto por onde ir.

Ser forte não significa não sentir!

É apenas se proteger para não mais se ferir

Hannah Arendt, que vive meus pensamentos e me faz sobreviver e, às vezes, seguir.

Hannah Arendt que me ensina que é preciso cortar vínculos e deixar pessoas fora das nossas vidas.

Pois não poderemos carregar a responsabilidade por elas, apenas por nós mesmos, que já é muito.

Hannah Arendt que viveu em tempos sombrios, que nos faz repensá-la nessa pandemia.

DAIANA MENENDEZ

# COMPORTAMENTO

Cientistas descobriram que borboletas bebem as lágrimas das tartarugas,  
as lagartixas conseguem regenerar a cauda perdida para o predador,  
os pinguins são capazes de se consolar uns aos outros, diante da perda dos  
companheiros,  
humanos não sabem para que serve a empatia.

Tartarugas não têm nenhuma pressa em viver,  
lagartixas são haicais de jacarés,  
pinguins vivem toda a vida com o mesmo amor,  
borboletas vivem duas vidas consecutivas,  
poetas são colecionadores de esperanças.

Tartarugas gostam tanto de ficar em casa, que carregam a sua nas costas,  
borboletas ficam em sua casa/casulo, quietinhas, durante boa parte da vida,  
sem reclamar,  
pinguins sabem a importância de um abraço quando perdem o amor, sua  
casa,  
os homens não entendem o que significa ficar em casa.

– Cientistas não sabem dizer se haverá futuro depois de amanhã –

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: ‘POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA’

# CONSTRUÇÃO

Pendurei tijolos na janela,  
neguei-me a vê-los empilhados à beira,  
no esmo das coincidências inverossímeis,  
quero tijolos para a construção de lugares habitáveis em vida, um a um,  
unidos em muitas paredes pulsantes,  
guardando segredos de gerações inteiras.

Não me venha com discursos de opressão,  
já basta a morte rondando as ruas,  
catando as gentes frágeis pela garganta,  
roubando o ar da sua graça,  
na triste moeda de troca do desespero sem volta.

Pendurei tijolos na janela,  
como um pedestal homenageando as [inacreditáveis] partidas,  
neguei-me a vê-los empilhados à beira,  
esperando a fila interminável sem despedidas.

Insisto que um tijolo seja respeitado em sua sina  
de fazer da vida uma fortaleza bem protegida  
na casa que nos guarda a portas fechadas,  
onde ainda insistimos,  
embora silentes,  
que nos é de direito a vida por inteiro,  
– Somente depois o barco de Caronte, a viagem, as despedidas –  
até a hora [exata] da nossa morte, amém!

(E que até a hora da nossa morte, amem!)

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# CONVENIENTE PASSEIO NO COSMOS DA MINHA EXISTÊNCIA INTROVERTIDA

Um dia antes  
Saí para animar o ar dos meus pulmões  
O dia levantou bonito  
Arrumando as nuvens no céu  
O vento varreu cada canto  
É forçoso que o dia nos fale alguma coisa  
O que tem aí  
Um passo livre das armaduras  
Um passeio  
Enquanto os “bichos” caminham soltos em pensamentos  
Um lugar para onde ir  
Em caminhos do “si”  
Abstração no olhar para o outro  
As informações em detalhes minuciosos  
De forma que distrai a mente  
Quando em vezes  
Saímos do consciente de um lugar comum  
Entramos em portas  
Saímos delas introspectivos  
Sempre em volta do que se possa imaginar  
Atribuímos significados ao nosso devir  
Ruas que se fecham e que se abrem  
Lembranças de um dia em pleno gozo e contradição  
Do que se propõem as saídas  
Sabia Eu  
Que o outro dia seria diferente  
Entranhar-se  
Diluir a resposta exata de mim  
A arte inventa um mundo diferente  
Transforma a gente

No sentido que construímos a nossa relação de auto-imagem  
também através do outro, como espelho  
Reflexo de uma atitude que permite reinventá-la  
ao que parece não se define; cada um de nós temos traços da arte  
Somos uma ventania de projeções que reflete o outro  
- cálculo exato do Eu -  
que se modifica a cada encontro e momentos

**POETA ALI AGORA – UALI CASTRO MATOS**

# CORAÇÃO PARTIDO

Estou no frio  
Na chuva  
Sem abrigo  
Apátrida  
Na minha casa  
Calada  
Na minha voz  
Sem bandeira  
Sem haste  
Sem vento  
Sem vela  
Um traste  
Sem porto  
Sem rosto  
Sem bagagem  
Levo apenas  
Meu choro  
Meus braços  
Pro seu abraço

NELY NAZARETH

# CRIME CONTINUADO

Faz tempo que já estou morta  
todas as manhãs obrigo-me a reviver  
não posso acalantar o sono eterno do outro mundo  
se aqui as lágrimas continuam jorrando em rios de sentir  
não posso atravessar o lago, o outro lado, depois do lodo  
se aqui os lobos seguem arreganhando dentes,  
arrebatando gentes.

Faz tempo que já estou morta  
morro todos os dias, horas, minutos,  
a cada derradeiro suspiro de um dos teus, dos seus, dos meus,  
somos todos nossos.

Faz tempo que já estou morta, em vida,  
quando a última flor cair do caule  
‘inda estarei erguida, temerosa eremita  
entre janelas abertas e portas trancadas  
procurando frestas estreitas para respirar minh’alma  
depois da carne desfeita  
somos todos ossos.

Não espere que eu escreva um bom epitáfio  
quando do verbo nem sobrar a língua  
e meu nome estará vagando em anônimos caminhos  
– depois da vida perdida  
somos todos esquecimento  
no crime continuado do insano capitalismo –

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: ‘POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA’

# DECISÃO

Tão minha  
Essa decisão  
De viver a vida  
De perder o medo  
De sair à rua  
De rasgar meu peito  
De doar-me por inteira  
E viver um recomeço

**JOSELENE NEGRA BLACK**

# DEDICADO AOS QUE SENTEM DEMAIS

Aos que sentem demais  
Desejo com veemência que saibam  
Equilibrar o caos  
Quando a alma parece um náufrago  
Desejo que ao atingir o ponto mais  
Alto e inflexivo de reflexão  
Saibam como não se deixar na mão  
Como quem esqueci de si  
Almejo em verdade que possamos  
Olhar com esmero  
A alma latente  
Com a pulsão de vida do hoje  
Não há respostas prontas  
Destinos certos  
Sem nunca ocorrer uma mudança de rota  
Outros rumos, derrotas  
E faz parte da magnitude do ser  
Ter que conviver  
Com tantas fraturas expostas  
Dentro e fora de si  
Pois a vida surge como um arco íris  
Colorido após a tempestade  
Demonstrando que não temos o controle de nada  
A não ser de nossas incertezas

PAULA YURIE ABIKO

# DESAVISADAMENTE APAIXONADO(S)

Teu olhar  
teu cheiro  
e teu abraço:  
esses ilustres desconhecidos  
andam a rondar os sentidos  
tornando-os insuspeitos.

O querer, esse narcísico verbo,  
sobrepõe-se a qualquer controle  
e não se contenta com notas mornas  
da esteira hedonista dos dias comuns.

Tais olhares, cheiros e abraços,  
ainda incógnitos e distantes  
parecem tão genuínos e vívidos  
que enganam o desavisadamente apaixonado.

O olhar, o cheiro e o abraço  
ainda que não experimentados  
já se tornaram íntimos,  
e mais que apenas possíveis.

Vívidos.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# DESCOMPASSO

SINTO A SUA FALTA  
COMO QUEM  
QUER CHEGAR  
MAS VAGA SOZINHO  
SEM SABER PARA ONDE.  
COMO QUEM NUNCA  
CONHECEU UM LUGAR  
SINTO A SUA FALTA  
COMO UMA MÃE  
QUE NÃO TEVE FILHO  
COMO QUEM NUNCA  
VIU O MAR  
MAS SABE O SEU CHEIRO  
UM CORAÇÃO BATENDO  
NO MARCÁ PASSO  
PASSO A PASSO  
DIA A DIA  
BATENDO  
PASSO A PASSO  
DIA A DIA  
NO COMPASSO  
DOS MEUS PASSOS

NELY NAZARETH

# DIA DO NORDESTINO?

Maranhenses, piauienses, norte-rio-grandenses, paraibanos, cearenses, pernambucanos, sergipanos, alagoanos ou baianos.

Uma região contemplada de diversidade, características marcantes, diferenças constantes, jamais reducionista, longe de ser um grupo, uma raça ou etnia.

Belchior bem afirma:

“Nordeste é uma ficção

Nordeste nunca houve

Não eu não sou do lugar

Dos esquecidos

Não sou da nação

Dos condenados

Não sou do sertão

Dos ofendidos

Você sabe bem

Conheço o meu lugar”

Centro-oestino, sudestino, sulista não costumamos falar e por que nós, tão plurais, somos resumidos a um só lugar?

A história tem muito a nos mostrar. Às vezes, o que parece querer homenagear, apenas quer subalternizar, para do poder, nunca precisar se retirar.

Que estejamos atentos, firmes, que nunca esqueçamos de nossas raízes, sempre conhecendo e reconhecendo, o que de fato, é o nosso lugar, sabendo distinguir aspectos, culturas, modo de ser, agir e falar.

E que principalmente, saibamos, que reconhecimento implica particularidade, criticismo e complexidade; o que é muito distante de generalismo, simplismo e restritividade.

LARISSA CARRAZZONI

# DIAS QUE SEGUEM

Sob holofotes, gritou ao mundo:  
a partir de agora é proibido falar alto!  
Por decreto, está vedado imposições quaisquer.  
O uniforme se encontra na esquina, cada qual pegue o seu.  
Esqueçam as cores!  
Verde oliva e verde opaco são as únicas opções.  
A soja está sob meu comando, mas não se preocupem!  
Garantirei plantio o ano todo para todos.  
Mas lembrem-se  
Vale 10 reais o grão. Uma pechincha.  
Não precisam agradecer. Ou agradeçam se quiserem  
Basta se curvar sob meus pés e beijá-los por minha bondade.  
Não se preocupem  
Os jagunços que veem ao lado e a cada metro quadrado  
podem ajudar a curvar a coluna dos senhores.  
Sim, meus companheiros, sei que sou um grande homem  
A admiração dos senhores não impacta minha humildade  
Sou homem afável, e gosto de ver as crianças aprendendo a  
Cantar o hino; carregar o fuzil; tapear o inimigo  
O lar que ofereço gentilmente a todos  
É por puro gosto de vê-los bem em 20 m<sup>2</sup>  
Não se preocupem com as formalidades  
Todos m<sup>2</sup> desse planeta estão sob meu nome e minha guarda  
Ofereço parte disso por milhão, como prova de meu altruísmo  
Antes que perguntem, a escola está aberta em tempo integral  
Lá, podem louvar ao senhor e bater continência a minha imagem  
Os melhores soldados da obediência estarão à disposição dos senhores  
De forma que não há preocupação alguma por essas terras  
Os dias que se seguem são pacíficos, de glória e triunfo!  
Claro, meus senhores, para mim.  
Apenas para mim.

# DOCE REDUTO

Ah! Doce reduto,  
Sinto-te como o acalanto abrigo do fulgor que percorre a alma e deleita a mente!

A expressividade inanimada, conduz o pleonasma onomatopéico que ecoa no peito como galardão vibrante!

As batidas ritmam...

O encantamento da vida é traduzido no sorriso e olhar atônito em busca de respostas... que como

tais, encantadas, aparecem em sonhos reveladores das almas entrelaçadas, vívidas e amantes...

repousadas e envelopadas no calor da volúpia que em vão, contém a ignição.

**RODRIGO LUZ**

# EMPATIA

Estatisticamente o termo mais usado nas redes sociais na atualidade  
otimizado ainda, pelo caos pandêmico  
o que implacavelmente evidencia o vazio humano  
escancarando a entrega fútil às sensações sem propósito  
e às culturas epicuristas subtilizadas  
posições e discursos que convêm e acalantam nossos nervos cerebrais  
Abdicamos do esforço da compreensão?  
Renunciamos ao modo da contemplação?  
Erguemos muros de uma vã filosofia entre nós?  
Rechamos todas as possibilidades de outras realidades que distam das  
nossas próprias sensações  
encobriu-nos um grande crepúsculo de uma pseudoerudição que sentimos  
que é nutrida por uma forte dedicação aos débeis entretenimentos.  
Apreciamos exclusivamente a estética da vida  
uma vida de encaixes, completamente estereotipada  
e assim, nos deparamos com o abismo  
obcecados por felicidade e satisfação instantâneas  
criamos a dor para evitar sentir a própria dor.  
Talvez, tudo isso seja tão somente a assunção de uma total inconsciência  
uma ausência de fé do humano para com a humanidade que pertence  
uma solenidade que registra o quão alheios e indiferentes estamos aos tan-  
tos mundos existentes  
falta reconhecimento  
falta respeito  
falta sensibilidade.  
Uma revolução empática, é o que conclamamos!  
Desejando que a desconstrução se faça  
como movimento de contração e expansão, de dentro para fora do próprio  
significante almejado:  
a empatia!  
Através do (im)perfeito deslocamento de posturas  
ao encantamento de uma remodelagem nada linear de ideais

Que as pandemias de doenças, deem lugar às pandemias de compaixão e alteridade

Afinal, como afirma Fernando Pessoa

“O coração, se pudesse pensar, pararia.”

**ALINE VENUTTO**

# EM SOCORRO

Era um domingo e Socorro amanheceu ensolarada. A rua ainda estava preguiçosa, tomada pelo silêncio típico dos dias de folga. Socorro sendo Socorro mais uma vez.

Do outro lado da rua, bem de frente de casa, avisto o sorriso mais gostoso da Avenida Bernardino de Campos. Dona Yolanda estava ali, toda elegante, quase como um convite para uma prosa rápida.

E o que era pra ser uma troca de beijos se transformou numa conversa deliciosa sobre a vida. Falamos sobre a amizade de décadas dela com a minha avó, sobre os bolos que adocicaram os momentos especiais da minha família e que sempre saíam das mãos dela, sobre o peso do tempo. Fomos às viagens que fez ao lado do marido – o tio Braúlio, às aventuras ao lado do filho Maurício, até o deleite que Sofia – a minha sobrinha mais nova – provoca nela.

Deixei aquela prosa ostentando um sorriso quase igual ao dela.

Apenas hoje soube da partida de dona Yolanda. Estou milhares de quilômetros de distância de Socorro, ao lado de um dos rios mais bonitos da Amazônia. Enquanto registrava mais um final de dia por aqui, tive a presença dela ao meu lado. O dia sorriu por aqui quase tão gostoso quanto o sorriso dela!

Essa alegria fará muita falta à avenida da minha vida!

HENRIQUE PICARELLI

# ENQUANTO ASSISTE AO TELEJORNAL

É inegável o cansaço.

Ser mulher, hoje, é aviltante

Soa como uma palavra impronunciável.

Um ser inominado.

A despersonalização do ser e da luta incessante pelo mínimo

Aquela igualdade distante, ecoa no fosso das dores.

O sofrimento imposto, traduzido em cicatrizes, retrata a tirania de um sistema que explora, objetifica, tortura e mata.

Preocupam-se com o útero, com a beleza padronizada, com a moral e com a submissão.

Exigem o direito de abusar de cada uma de nós – que tem uma história de violência para contar.

Institucionalizam o sossego para violar nossos corpos e nossas almas.

O assédio no trabalho, o estupro na festa, a agressão do namorado, a humilhação do marido, a proibição do pai, a vingança do pretendente, a perseguição do obcecado, o contracheque alterado.

Gaiolas com grades eletrificadas, mordanças de espinhos, espelhos que destroem a autoimagem, perfumes que exalam notas de angústia e subserviência.

Diariamente despersonificam nossos desejos e nossas essências, e brutalizando com os nossos corpos.

Não temos o direito sobre o útero, sobre a roupa, sobre o batom, sequer sobre a nossa forma de relacionar.

Mas tudo isso é uma repetição daquela história extensa sobre o que é ser mulher.

Mulheres, mães, avós, tias, amigas, irmãs, namoradas, noivas, desconhecidas, encarceradas, trabalhadoras, desempregadas... quantos sonhos morreram?

Em vida, sonhos de vida morrem, evanescendo pelo ar.

Quantas mulheres que abandonaram suas essências e desejos em prol do lar, da família, das imposições, da sociedade e da moral, você conhece?

Talvez, nunca tenha parado para pensar nisso.

Talvez, você não se importe, pois não são os seus sonhos.

Não é a sua morte.

Enquanto sonhos são brutalizados, corpos mutilados, mentes torturadas, vozes silenciadas, imposições e restrições cada vez mais severas são institucionalizadas contra as mulheres

Mais um gráfico ocupa a tela da TV, estatísticas, números, mulheres.

Mortas, assassinadas, torturadas

Aterrorizadas, desmoralizadas, caladas.

E você?

Você toma outro gole do seu másculo whisky duplo sem gelo e respira aliviado ao lembrar: “não é a minha morte!”.

**JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA**

# ENTRE O SER

Tão eu  
Tão meu  
Tão seu  
A vida que se leva  
É a flor que desabrocha  
Com seu charme exala  
O perfume entre as rochas.

**LUANA OLIVEIRA ARAÚJO**

# ESCALATRIZ

Por vezes sentiu-se solitária, ainda que a solidude fosse um deleite durante pouco mais de uma década.

As paredes acinzentadas cercam prateleiras de livros densos, críticas das quais ela incendiaria as páginas de estudos relevantes.

Janelas com grades invisíveis, bordas decorativas em gesso branco no teto, tacos de carvalho no chão brilhoso compuseram a pequena prisão.

Cercou-se de ideais, engajara nas causas que move seu coração.

Enquanto suaves notas florais e frutadas guiavam o vento no ambiente, podia observar a alegria em pequenos acontecimentos, que ali, eram grandiosos.

O desabrochar de uma flor típica do cerrado, a visita de pequenos pardais, o carinho do gato e o frenesi do cão ao vê-la.

A masmorra moral conservou-se por longínquos anos de sua juventude. Envelhecera a alma, sufocando suas palavras... congelara seu coração.

O sorriso aberto e expressivo – daqueles que fecham os olhos miúdos – já não tinha o mesmo brilho.

Ela, por inteira, não era a reluzente e magnética explosão de argumentos, gargalhadas, cantoria e carinho.

Não arriscara nem um refrão de Soledad Bravo, nem uma nota na jocosa tentativa de cantar Mercedes Sosa... nem de brincadeira.

O espelho – cuja moldura em arabescos formam um grande adorno gótico – não foi capaz de refletir o seu profundo descontentamento com quem tornara.

Gaiolas dentro de gaiolas. Enclausurada no caos organizado, minimalista e perfumado.

Pouco a pouco calou seus desejos, silenciou suas angústias, idealizou um mundo sem desigualdade e maldade.

Almejou um mundo bom, que a deixasse com sentimentos sublimes como quando sentimos o cheiro das matas, da chuva caindo na terra, do café torrado e moído sendo coado vagorosamente exalando o aroma.

Desejou a alegria de um carinho canino ou um ronronar felino em seu colo.

Um mundo em que pudesse confiar, amar e sentir a reciprocidade de um amor... real, genuíno, puro e feliz.

Os pés descalços com as unhas em tom escarlate, repousam levemente ao pisar no taco lustroso, caminhando em direção à única porta do ambiente.

Ao girar a maçaneta, encontrou a porta trancada. Como previa.

Buscou a chave vasculhando cada canto, cada livro, prateleira, armários. Esvaziou gavetas, pastas e arquivos em vão.

Até que, calmamente – com o coração transbordando sentimentos bons, nutridos lentamente – agachou-se em um determinado ponto do chão.

Um taco solto, que – no fundo – sabia exatamente qual, abrigara a tão sonhada chave.

Escalou muros de pedras e arame farpado

Sangrou a pele com leves escoriações.

Ao chegar no topo da colina – com as vestes misturando tons de sangue, suor e lágrimas, com pedaços do tecido rasgados – avistou um lindo campo na cor de esmeralda, com flores rasteiras contrastantes.

Um infinito e brilhante céu azul abraçou seu pequeno corpo reluzente de esperança e vida.

Aqui, inicia-se uma nova história.

**JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA**

# ETERNO DESENCONTRO

As últimas semanas  
duraram anos,  
mas o tempo correu  
como areia entre meus dedos.  
Tentei segurar  
enquanto os dias insistiam  
em me atropelar.  
Eu só queria poder voltar  
ao primeiro dia disso tudo  
e ter evitado, desde sempre,  
esse eterno desencontro.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# EU JÁ VIVI

Eu já vivi mais de duzentos anos e você nem sabe o quanto eu vivi. Foram muitas as noites escuras até você chegar rompendo a dor que está em mim. Caminho apressada e esbarro no amor. Mas tenho medo, porque castelos de areia se desfazem breve. Mas tenho sempre a certeza que logo vou te ver.

**DAIANA MENENDEZ**

# FAÇA DE CONTA

que hoje é domingo,  
que amanhã é domingo,  
depois, domingo!

Esqueça que um dia tivemos semanas,  
que os meses foram estendidos em calendários insanos,  
e os anos, um a um,  
passantes despercebidos da nossa pressa vertiginosa!

Domingos são dias de soprar esperanças,  
faz-se necessária a alegria inundando a casa inteira,  
brinca-se de olhar à janela e observar as nuvens,  
estende-se a rede na varanda, no quintal, na sacada,  
ou mesmo na sala,  
e se você quiser, é permitido o balanço!

Pode-se dançar aos domingos,  
olhar ao espelho, esquecendo as rugas, os brancos, os ranços,  
é permitido os olhos no espelho,  
como se adentrassem aos olhos do espelho,  
até sumir de vista a face,  
até adentrar à casa da alma!

Decretem-se todos os domingos felizes,  
com um cochilo depois das doze,  
pode-se até pedir aos deuses o melhor dos sonhos,  
escolhe-se a música,  
sente-se o vento, o sopro, as flores,  
um café da tarde na imensidão tão bonita!

Faça de conta que hoje é domingo,  
que amanhã é domingo,  
depois, domingo!

Em todas as noites, sê permitido olhar para a Lua!  
Lua crescendo, cheia, minguada, adormecida na Luz bem guardada,  
trazendo à tona a nossa esperança:  
proíba-se, assim, morrer aos domingos!

**NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'**

# FAMÍLIA DE PET'S

Eles são espaçosos  
e alcançam lugares  
que nem sabíamos existentes

Eles são desordeiros  
e bagunçam a casa,  
a área e a vida

Eles são barulhentos  
e nunca mais haverá silêncio  
nos recônditos de minha alma

Eles são conquistadores:  
primeiro ocupam nosso coração,  
depois todo o restante

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# (FAZER) GOSTAR DO QUE (SE) FAZ: UM CÁLCULO VETORIAL COMPLEXO

Caro(a) leitor(a), o que você está prestes a ver e ler é um desabafo de um alguém desencaixado(a) ou que parece não se encaixar na sociedade. Por favor, não me leve a mal: este é um grito de sussurro de quem precisa decidir o rumo de sua vida, mas não sabe por onde iniciar.

Ah, e quem sou eu? Talvez eu seja um alguém desencaixável (digo, uma pessoa que não se encaixa), que ainda não decidiu o que fará daqui para frente, mas que vivencia a angústia de saber que o tempo é curto e que logo o amanhã virá...

Dizem por aí que “nós temos que fazer o que gostamos e gostar do que fazemos”.

Parece simples (de dizer, penso eu): é só fazer o que se gosta e gostar do que se faz. Mas e se existir algo entre o “fazer o que se gosta” e “gostar do que se faz”? E se isso for capaz de mudar a nossa vida? E se eu errar? O que vão pensar? O que vão dizer? O que vai ocorrer? Fico arrepiado(a) só de pensar nisso.

Mas a curiosidade não me deixa escapar: talvez deva existir um limiar entre o “fazer o que se gosta” e “gostar do que se faz”. Ninguém nunca me disse isso, mas, quando paro para pensar nesse dilema, lembro de pelo menos duas coisas que nos movem: o estímulo e o prazer. Mas, e se, nesse entremeio, existir outro dilema, que envolva nós mesmos? Daqueles que questionamos a nós mesmos quem somos nós diante de nossa inconstância (ou impossibilidade) de se sermos quem (nós) somos? É, isso parece — e é — complexo.

E aí, José(?), eu paro e penso: talvez fazer o que (se) gosta(mos), signifique agir: (demo a) puxar a responsabilidade para si mesmo e tomar uma atitude no sentido daquilo que se quer fazer. E se se gosta do que se faz? Talvez, gostar do que (se) faz(emos), signifique recuperar — em meio a forte e inevitável resistência à (nossa) felicidade — aquilo que nos faz bem.

Mas, se é só fazer o que se gosta e gostar do que se faz, como é que se faz isso? Talvez deva existir uma fórmula para encontrar essa resposta. Será que eles são um tipo de vetor, que a gente aprende na escola? Lembro — vagamente — que o professor disse que o cálculo fica mais fácil quando os vetores estão no mesmo sentido. Mas, e se os vetores apontarem para sentidos opostos: quero fazer o que gosto, mas estou fazendo o que não gosto? Será que isso ainda pode ser calculado? Será que existe um cálculo para isso? Não sei, nunca me dei bem

com cálculos (e, por isso, corri deles). Talvez ele exista, porque dizem por aí que existem milhares de fórmulas para cálculos complexos e que, se não existir, uma pessoa há-de criá-las (e até transformá-las em uma espécie de Teoria). Mas, será que poderá resolver esse (meu) dilema? Talvez precise fazer o que gosto e gostar do que farei para ser feliz...

**RENAN FRANCELINO DA SILVA**

# FELIZ ANO NOVO, DE NOVO!

Mais um ano  
Segue o cumprimento da pena  
Tratamento desumano  
É premissa dentro do sistema.  
O que esperar do futuro?  
Requinte de crueldade  
Cercado por um alto muro  
Trancado entre ferrolho e grade.  
Mais um ano de pena retributiva  
Pouco é aplicado de justiça restaurativa  
Um novo ano sem esperança  
Há quem diga que o nome é vingança.  
Penitente com fome  
Sem água pra beber  
Identificado por número e não por nome  
E assim não personifica o sofrer.  
Feliz Ano Novo  
Ano que na prisão é tudo igual  
Esculacho, rito doloroso  
É as boas vindas do sistema prisional.  
Doze meses de agonia  
365 dias de solidão  
Insônia na noite e pesadelo no dia  
Assim é o ano novo na prisão.

SAMUEL LOURENÇO FILHO

# FEMININAMENTE

Pensando sobre as principais diferenças entre os homens e as mulheres, constato que não há uma resposta simples. Começando pela distribuição dos cromossomos no núcleo celular, sabemos que no óvulo existem 23 cromossomos, todos iguais, com a forma parecida à de um X. Dentre os 23 cromossomos do espermatozoide, um tem a forma de Y. Assim, é o homem, quem determina o sexo da prole: a união de um cromossomo Y com o X do óvulo gera um menino; X com X faz nascer menina. Mas a diferença também é quantitativa, pois, a loteria desse *casamento de cromossomos* parece favorecer os homens: estatisticamente, para cada 100 meninas que vêm o mundo, nascem 105 meninos.

Mas não é só o X ou XX da questão. Os indivíduos com cromossomos XX geralmente tem órgãos sexuais e reprodutivos femininos e é designado como do sexo feminino. Já para os que têm cromossomos XY geralmente tem órgãos sexuais e reprodutivos masculinos e, são designados como do sexo masculino. Isso não exclui outras combinações de cromossomos, hormônios e órgãos que podem levar uma pessoa a ser considerada intersexual. Temos também os transgêneros, pessoas que nascem com características de um sexo físico, mas identificam-se com o sexo oposto.

Muitas outras coisas diferenciam o sexo masculino, do feminino. Não estamos falando em gênero. Enquanto sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, ou seja, algo relacionado com feminino e masculino; o gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem. O gênero muda no espaço e no tempo. Toda sociedade é marcada por diferenças de gênero, havendo, ainda, grande variação dos papéis associados, em função da cultura e do tempo em que se vive.

Mas voltando ao tema que motivou essas linhas, num primeiro instante, o sexo cromossômico de uma pessoa só se manifesta no embrião entre a sétima e a décima semana de vida. Até então, menino e menina se assemelham. A partir daí, o cromossomo Y faz com que certos tecidos, cuja tendência seria formar ovários ou glândulas sexuais femininas, se transformem em testículos ou glândulas sexuais masculinas. Os estudos científicos mostram que uma pequena produção de hormônios no feto, de alguma maneira deixa no cérebro uma marca (ainda não localizada), que o faz trabalhar ou à maneira masculina ou feminina.

A forma de trabalhar, é a única divergência entre o cérebro masculino e o feminino. Durante muito tempo se falou na diferença de tamanho: de fato, o cérebro da mulher pesa em média 1,400 Kg. Mas, na atualidade, os cientistas

sabem que o tamanho do cérebro não documenta necessariamente inteligência. Na realidade, nem homem nem mulher usam todos os seus neurônios, de maneira que o tamanho do cérebro dá e sobra tanto para um como para outro. Estudos mostram que a única diferença importante ocorre na região cerebral do hipocampo, que trabalha de forma contínua nos homens e ciclicamente nas mulheres. Alguns cientistas dizem que o hipocampo feminino atua de modo mais sofisticado. O crânio também difere conforme o sexo, embora não se saiba por quê. A mulher tem o osso frontal da testa mais reto, o ângulo nasal mais aberto. Já o homem tem uma protuberância na altura das sobrancelhas e arcos nasais mais fechados. O hormônio masculino, provavelmente pelo mesmo motivo que provoca o desenvolvimento de músculos, torna os ossos mais fortes nos homens<sup>2</sup>.

Fato que o hipocampo governa a hipófise – a glândula-mãe situada no cérebro, na altura das sobrancelhas que comanda as demais glândulas do organismo. Na criança, verifica-se o funcionamento de todo o conjunto de glândulas, à exceção das gônadas ou glândulas sexuais. Um belo dia, a hipófise manda um comando, iniciando a puberdade. Os testículos comecem a produzir testosterona, o hormônio masculino. Já nas mulheres, primeiramente, a hipófise ordena que os ovários fabriquem uma série de hormônios do grupo chamado estrógeno. No pico dessa produção, há uma queda brusca; então, a hipófise determina que os ovários produzam um segundo hormônio, a progesterona.

É como se existisse um relógio no organismo feminino: ao longo do mês, a taxa hormonal do homem é sempre a mesma; na mulher, varia conforme o dia do ciclo menstrual. Assim, vemos que o corpo feminino está continuamente se preparando para a gravidez. As mulheres nascem com uma média de dois milhões de óvulos em seus ovários. Nesse sentido, por cada ovulação ocorrida durante a sua vida reprodutiva, cerca de 1.000 desses óvulos passam por um processo de morte celular programada. Dessa maneira, o número de óvulos com que as mulheres nascem determina também o tempo durante o qual ela se mantém fértil<sup>3</sup>.

Mesmo diante dessas visíveis diferenças fisiológicas, continuo questionando onde está a tão falada *alma* feminina? Não só no corpo, mas essencialmente, na mente. Seria esse o sentido de agirmos *femininamente*?

A força com que a grande maioria das mulheres pensa e age é que nos torna singulares. Na verdade somos um grande mistério. Guardamos em nossas entranhas o dom da vida. Embalamos nossas crias nos braços até que ela possa andar. Amamentamos, guardamos o sono, cuidamos nas doenças e somos capazes de

---

2 <https://super.abril.com.br/comportamento/sexos-opostos/>

3 <https://www.nilofrantz.com.br/5-fatos-sobre-a-fertilidade-feminina/>

ter o remedinho certo para tudo – aquele que cuida do joelho ralado ao coração partido. Acarinhamos, educamos, mimamos (e brigamos muito também).

Sofremos por culpas que carregamos, pela falta de tempo, pela eterna divisão entre as tarefas de casa, do trabalho, nossa vida amorosa, e dos nossos caminhos educacionais. Somos capazes de abrir mão de tantas coisas em prol do bem estar da família.

Rogamos para o dia ter mais que 24 horas para que possamos dar conta de nossos muitos afazeres. E temos fases na vida em que estamos *eternamente cansadas*. Esse cansaço transborda no físico, no mental e até mesmo no existencial. Mas basta um sorriso, um abraço ou mesmo um chamado da cria, que estamos novamente aptas ao bom combate.

Quando os filhos crescem e ganham rumo na vida, bate em nós a *síndrome do ninho vazio*. Relembramos o passado e sentimos falta de toda a trabalheira que as crianças traziam e todas as alegrias que desfrutávamos com as pequenas conquistas deles ou delas.

Costuma-se falar na fragilidade como uma característica feminina. Mas será que é isso mesmo? Pelos exemplos de mulheres que referenciaram a minha vida, prefiro pensar que somos fortes. Mais fortes do que podemos imaginar!

E para concluir deixo aqui transcrito, um lindo trecho da música Mulher de Elba Ramalho:

“Pra descrever uma mulher não é do jeito que quiser  
Primeiro tem que ser sensível se não é impossível  
Quem vê por fora não vai ver, por dentro o que ela é  
É um risco tentar resumir  
Mulher”

ANDREA KEUST

# FICA AQUI

Escrevo de saudade  
Pra falar a verdade  
Ainda te amo.  
Mas por enquanto

Fica aqui.

Sei, preciso de um tempo  
Para falar comigo  
Há anos não me vejo  
Com você em mim.

Ando lá fora  
Mas já me perdi  
Só te peço, não vá embora  
Me desencontro sem ti.

Sei, você escuta  
Minh'alma aos prantos  
Que não se contenta,  
Jogada no canto.

Fica aqui.

Sei, você sabe  
Que todo meu corpo luta  
Contra esse amor  
Que me tortura

Mas fica aqui.

Sei que vou embora  
Quando não suportar a solidão

E que restará apenas buraco  
No meu coração

Embora o tempo todo  
Pareça que não  
Apenas sua imagem  
Morou em mim

Escrevo de saudade  
Pra falar a verdade  
Ainda te amo  
Como está aí?

Porque quando pergunto  
Só o eco responde.  
Fica aqui  
Fica aqui  
Fica... aqui.

**PATTY OLIVER**

# FINO FIO

Por aquele fino fio, passa uma conexão indivisível capaz de suportar distâncias, de ignorar ausências, de resistir ao mais longo tempo de um silêncio infinito...

Por aquele fino fio, correm vontades ansiosas de ir e vir, de se encontrar e de se perder.

Por aquele fino fio, escorrem lágrimas de alegria, escorrem lágrimas de indiferença, escorrem lágrimas sem sentido e sem razão que, simplesmente, escorrem!

Por aquele fino fio, há uma vida inteira que transita entre o eterno e o efêmero, incapaz de perdurar para além da necessidade de existir...

**HENRIQUE PICARELLI**

# FORÇA MOTRIZ

Minha terra de ipês  
Quaresmeiras e manacás  
Cerrado que brota do peito  
No solo que abriga umbu-cajá  
Entre montanhas e céu azul  
Geraes de norte a sul  
Canta das frondes suiriri e juriti  
Nas trilhas do tamanduá  
Entre as matas do lobo-guará  
Terra de vanguarda revolucionária  
De união proletária  
Na organização operária  
Caminho rijo em trilhos de aço  
Traço o futuro à luz dos encantos da Serra do Espinhaço.  
Carrego no peito inspiração mineira sublime  
É preciso alicerçar a luta em solo firme  
Da POLOP à poesia  
Força motriz contra a burguesia  
Da COLINA à Aliança Nacional Libertadora  
Carmela Pezutti contra a repressão devastadora  
Minas de Ruy Mauro Marini  
Terra de Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos  
Carolina de Jesus e Darcy Ribeiro  
Revelando as entranhas da realidade  
Do povo brasileiro  
Hospedo as esperanças na coragem  
De lutar contra a ditadura e a biltragem  
Relembremos a Greve de Contagem  
Em combate com a mineração  
Devastação legalizada  
Mata o Rio Doce e a Serra do Curral  
Contamina estância hidromineral  
Do trem que arrasta Geraes, resta a força mineira

À luz dos nossos imortais.

\*Pela memória dos camponeses assassinados pelo latifúndio no massacre de Cachoeirinha, dos mortos pelo rompimento de barragens e de todos aqueles que lutaram contra o capital e ou foram vítimas dele.

**JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA**

# GUARDIÕES DA FLORESTA

Das árvores que registrei pelo caminho  
fomos o último corte  
as tribos expropriadas para garimpo  
o vale do Javari agora é vale da morte  
descemos o rio com sangue de índios  
onde o sangue do Chico, da Irmã Dorothy e o nosso correm  
Não estamos perdidos  
quem luta pela Amazônia nunca morre.

**PRATA BENTES**

# HIATO REFLEXIVO

Pleonasmos retóricos

Conduzem-te ao hiato reflexivo

Percebe-se... toca-te!

Sente a reticência impoluta conivente com o desejo suplente...

Indaga a razão, nega a emoção

O sentimento barroco reflete a dualidade contundente que aflige o ser...

Quão lascivo acomoda o sossego, em vão. Estás tu, refém de si?

Eleva a voz olhando o reflexo com intuito de ouvir a si, mas apenas os solavancos cordiais badalam em seu peito

Ah! Inebriante júbilo que galopa.

**RODRIGO LUZ**

# HOMEM GRÁVIDO

O que era impossível  
virou probabilidade  
em um mundo que mudou  
até a forma de  
viver seu corpo  
O que era insano  
tornou-se lógico  
como decorrência natural  
da identidade sexual  
com o sentimento da alma  
O que era estranho  
passou a ser aceito  
no profundo respeito  
a todas as potencialidades  
de novas realidades.

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# IN DÚBIO

Inapto estou neste processo condenatório que a memória, em vã esperança, alimenta o desejo de consumir o pudor que exala em ti!

Alieno, portanto, em defesa espúria, atos pecaminosos que ecoam sobre mim para ti... A mente testemunha as acusações da promotoria que em riste aponta consequências em hipotéticas causas sem que a tese seja concluída para margear antíteses irreais numa pseudo dialética.

Estou condenado a vagar...

o juízo que fazes de ti quando deleita a pena que pesa sobre nós, é mais concreta que a tonelada do desejo imaginário que apimentam os dedos que percorrem teu corpo ardente em amante sofreguidão...

Ah! Processo complexo, recursos em instâncias diversas, tendem a justificar o pesar acusatório... mas, há destino que, em valsa, sussurreta sustenta os argumentos e faz desde momento cíclico, avassalador.

**RODRIGO LUZ**

# IN INBOX BOX BOXING

Ai quem me dera ter a coragem  
de escrever a ti  
cartas de amor ridículas  
e deixar-me ver nas ridículas coisas  
escritas, as palavras de amor  
(não ditas).  
Ai quem me dera um WhatsApp,  
Um inbox que fosse...  
Em que me desse a passagem  
uma beleza do amor  
na sua textura ridícula.  
Eu me seria rei...  
Risível, zombeteiro rei:  
Mal seria eu,  
se bem me pusesse para alguém?  
Não pelo perdimento das promessas...  
Mas pela peça louca de expressar o sentimento.  
Nesses tempos de consumo...  
É tanto iPhone, smartphone  
Deezer e Spotify  
que tenho medo de ser meme de mim,  
nessa doce greve de paz.  
Um cansaço que não fica pra traz  
em buscar um filme que me retrate  
ou inspire na netflix.  
Se eu só queria mesmo ser feliz  
numa expressão ridícula do amor.  
Famigerado amor.  
Superestimado amor.  
Não há mais o enviar de cartas!  
Apenas boletos, multas e pragas;  
Não há mais uma Fermina Daza.  
E eu não sei seu endereço.

Senhor, Senhor, me falta também o e-mail!  
Porque só tenho o Instagram.  
O que teceria Camões?  
O que cantaria Djavan,  
nesse tortuoso devaneio?  
É preciso ter força e peito  
Para digitar a alguém o preto:  
uma métrica de amor  
que grita em silêncio.  
É ridícula,  
mas, penso: é sublime!  
Nando, Nando, vieram lambuzar meu pranto.  
Não é fácil ser Pessoa na pessoa, Caetano!  
Uma angústia das coisas ridículas?!  
É tanto não é...  
Que só resta ir sendo...  
Mas, é o que é!  
Pé ante pé.  
Dedo a dedo...  
Mas morre na caixa de texto.

CAIO VLASAK

# INCENTIVO

(In)centivo  
de dentro para fora  
refundar um coração que perdeu seu compasso  
re-me-dir  
remediar  
o trato de uma doença que nem todo clínico é capaz de ver!  
A escuta uma possibilidade latente desse impulso  
Inn(pulso)  
marca de um pulso  
que mora no imo.  
A certeza que ecoa: nada vai permanecer no estado que está  
tudo vai se transformar  
certas coisas vão se desfazer  
para que outras ousem permanecer  
e novas venham despertar.  
enxergar para efetivamente ver  
enxugar as lágrimas que caem por simplesmente “Ser”  
em casa  
em você  
entregue  
Não apenas existir e viver  
I N C E N T I V O  
pulso, ar, sangue  
luz, sal, chão  
uma estrofe do sorrir  
que só existe quando o desejo de viver persiste!

ALINE VENUTTO

# INCOMPATIBILIDADE DE VIDAS

Ele ainda quer paixão  
Ela só pensa em comprar o pão  
Ele quer uma nova chance  
Ela nem lembra mais o lance  
Ele quer sexo selvagem  
Ela quer voltar da viagem  
Ele busca romance no olhar  
Ela só sabe reclamar  
Ele quer experimentar novos sabores  
Ela fotografa as mesmas flores  
Ele quer dançar no meio da rua  
Ela reprime quem olha para mulher nua  
Ele busca nova diretriz  
Ela se preocupa com o café  
Ele ainda sonha em ser feliz  
Ela tem certeza que é...  
Ele já desistiu de insistir  
Ela ainda não percebeu  
Ele já decidiu desistir  
Ela pergunta se o erro foi seu?  
Ele ainda a ama  
E ela o ama também  
mas suas vidas mudaram na cama,  
na rotina e no que mais têm  
e deixaram de ser casais  
para virar sócios materiais,  
espirituais e emocionais  
de um passado que não volta mais...

RODOLFO PAMPLONA FILHO

# INCOMUM

Espasmos e solavancos  
Modulam o ritmo...  
O corpo, alterna-se  
Ao delirante badalo musical  
Que em passos sincopados  
Hipnotiza os desavisados olhares  
Ao apreciar a pele suada...  
Cintilante!  
Pausa a mente sã  
Que em devaneios, pede socorro ao tempo!  
Instantes incertos, chocalham severamente  
A pluralidade do senso comum... incomum tu, por seres quem és!

**RODRIGO LUZ**

# INDOMÁVEL

Vejo-te provocante nas entrelinhas  
Entrepassos do momento em cíclico renovo  
Sinto-te em métrica sincopada  
És melódica e compassada  
A brilhante tez arrepia, os suspiros e os gemidos afônicos se comunicam...  
A típica transgressão artística não pondera, exarceba!  
Os movimentos representam liberdade do ser indomável que transmuta o imaginário... Cavalga!  
Transgride em si, libertando-se à expressão corporal que aprisiona meu olhar  
Amarras sociais contundentes,  
Produzem um abismo metafórico  
Cá estou, agora o instantâneo silêncio nos atordoa  
Logo e sorrateiramente o grito inconsciente num brado que retumbe  
Desperta-nos do transe...  
Os lábios selam o trato, cerram-se os olhares

**RODRIGO LUZ**

# INFÂNCIA

Quem tu querias ser  
Aquilo que amarias fazer  
Tudo que desejarias viver  
Neste futuro  
De tua pretérita infância  
Tudo isso, tu, adulto  
Se ainda não sabes  
Tua criança já sabia  
Ela já havia te contado  
Talvez tu apenas tenhas te esquecido  
Então, que tu a reencontres  
E ouças o que ela te diz  
Ela ainda te recorda, todos os dias  
Quem tu és  
O que tu amas  
E o que tu desejas  
Ouvindo-a, não mais precisarás buscar  
Já está em ti  
Esteve em ti todo o tempo  
Tua criança é, desde sempre, teu guia.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# ISOLAMENTO

Texto escrito em 06 de maio de 2022. O autor faleceu no dia 14 de maio de 2022.

A minha vida acabou. Não tenho mais o que fazer. O que me resta é seguir em frente ou para trás. O meu destino é apenas um pedaço de papel, pois a sorte nunca bateu a minha porta. Perdi a minha ferramenta de trabalho. Agora, sou um homem sem caráter, não sou mais digno de ninguém.

Às vezes, eu me perco no barulho do meu silêncio. E, assim, vou me tornando mais frio e seco. E é dessa maneira que vou me isolando das pessoas, me transformando no mais áspero dos seres.

No entanto, eu vou seguindo o trem da vida, o trem que nunca estaciona em lugar nenhum. E, assim, eu vou me transformando nessa finitude e infinitude que não cabem em nada.

Como disse, a minha vida acabou e não quero e nem vou chorar por isso. As minhas lágrimas são secas, eu me transformei em um homem sem sentimento. Um homem sem nada e sem tudo. Eu sou apenas o fim e o início de coisa alguma.

Às vezes, eu me jogo no abismo, mas este abismo é apenas uma janela em frente de uma linda paisagem que muito ainda eu vejo. Mas eu sou um homem sem caráter, não sou mais digno de ninguém. Não tenho nada para oferecer a ninguém e, assim, vou seguindo a vida, o trem da existência tanto para frente quanto para trás. Enfim, eu sou apenas esta linha equatorial da existência: a infinitude e a finitude que passeiam no meu ser.

Assim, eu vou me transformando em nada. Agora, eu sou um homem cego, um homem que nada vê. Mesmo assim, continuo a secar as minhas lágrimas. Nada valho, vou seguindo os passos dos outros passos, ninguém precisa falar comigo, eu sou este isolamento que eu me transformei. Enfim, eu sou este percurso da história na existência humana e o curso da história que todos tentam mudar: a finitude e a infinitude do eco que silenciam no ser.

**JOÃO ULYSSES FERREIRA NETO**

# INSÔNIAS

Eu acordo muitas vezes,  
todas as vezes  
é madrugada,  
algumas vezes alguém me rouba do sonho o sono  
– Eu estava sonhando, digo eu comigo –  
e o sonho se esvai apressado,  
nem lembrança deixa no limbo.

Será normal esse acordar entrecortado  
por pesadelos anunciados  
– Realidades que parecem imprescritíveis –  
somando milhares lá fora na terra aberta  
entre covas rasas e dores fundas?

Eu acordo tantas vezes,  
já não sei como se faz um dormir por inteiro  
e sonhar bons tempos de melhores pensamentos,  
despertar refeita na cama desfeita,  
lençóis macios cheirando lavandas,  
montanhas de livros marcado à cabeceira,  
e o doce semblante na janela  
fitando-me em azuis de um passado recente  
que hoje é sépia nessa vida remanescente...

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# INSTANTES

“Como é breve a vida”!  
O que temos são instantes.  
Como esse.  
Que crio e recrio a cada dia que dele preciso.  
Manhã de carnaval toda nitidamente  
Uma cigarra acompanha despreocupada em seguir o ritmo  
Luzes alheias se evidenciam  
A taça se esvazia  
O corpo amolece  
E ali quer aquietar-se.  
Assim o faço sem pensar.  
O olhar vai longe, logo bloqueado pelo concreto.  
Ainda assim, há pássaros vagando pelos prédios  
Como se estivessem a brincar  
Fazem sombra linda negra dançante no céu multicolor  
Sem dúvidas estão a brincar!  
penso e sorrio levemente ao pensar...  
Me apaixono fácil.  
Há quem não note,  
Mas o cair da noite me derrete como geleia.  
Pudesse capturar essas cores que vejo  
Se alteram a cada fração de segundo, um show de encanto  
Nem precisa pagar,  
Basta direcionar o olhar...  
Sinto meus olhos brilhantes,  
automaticamente meu sorriso se expande  
como parte de uma teimosia, uma abestada que se apaixona ao ver o céu  
se pôr,  
quem o pôs ali?

MONIQUE PENA KELLES

# INSTRUMENTO

A casa  
é o instrumento  
é o silêncio cheio  
que toco.

A casa  
é o acorde intacto  
que guarda  
meu sopro:  
um sibilo azul  
desenhando  
bailes do  
corpo pouco.

Entra, amiga,  
na casa.

LÍVIO DE OLIVEIRA

# INVASÃO

Sempre que mergulho nas profundezas dos seus olhos castanhos, sou tomada pela fúria dos desejos mais intensos e sublimes.

Ao mesmo tempo, a serenidade domina o meu ser, criando uma inexplicável e peculiar dualidade.

Quando as suas mãos tocam suavemente o meu corpo, sinto a expressão dos caminhos desbravados, lentamente, percorrendo uma trilha infinita.

Os poetas defendem que o amor é a utopia dos encantados, mas eu afirmo que é a máxima união do que há de melhor em dois seres.

A unidade bela e indestrutível de dois imperfeitos.

É a simbiose da nossa pele e do nosso cheiro, formando uma alquimia de sensações e sentimentos, traduzindo a essência do nosso coração, ora sensível, ora incandescente.

É o cheiro do seu café que toma conta da casa. É o som dos seus treinos de paradiddles.

É o levitar de todas as manhãs.

É a risada escandalosa e desajeitada.

É aquele abraço em que fico na ponta dos pés.

É o aconchego da madrugada.

É o seu corpo que me abriga.

É você cantando Johnny Cash no banho enquanto acompanho a letra pelo quarto.

É o seu perfume impregnado em meu corpo.

É o apoio incondicional, o incentivo diário e a fortaleza que me acolhe.

Talvez, o amor seja essa palavra curta e sem uma explicação concisa e bem definida.

Ou talvez, apenas transborde e invada os amantes, sem hora marcada e sem pedir licença.

JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA

# JANELA

## *(OU OUTROS MODOS DE OLHAR UMA CASA EM TEMPOS DE SOLITUDE)*

Janela, abertura na parede de uma casa, por onde se vê lá fora,  
por onde os olhos se perdem céu acima, horizonte abaixo.  
Finalidade de deixar entrar luz, vento, chuva, alento.  
Desejo de expandir anseios.

Janela, lugar por onde se chega, no corpo, à alma.  
Olhos de ver lá dentro, depois do corpo,  
nos vãos ou vagos dos pensamentos,  
onde se esgueiram, sorrateiros, os sentimentos.

Janela, em tempos de isolamento,  
o melhor lugar de se respirar fundo,  
perder-se de vista, deixar-se a esmo,  
meditar sobre o nada, o todo.

Janela combina com asa,  
ambas requerem amplidão,  
abertura, movimento,  
um caminho para o céu.  
Lugar por onde a luz entra, sai, navega, levita, naufraga.

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# LÁ ONDE O SOL SE ESCONDE

Lá onde  
O sol se esconde,  
É noite, logo  
Vai madrugar...

O amanhecer  
Te amanhecerá...  
E eu,  
O céu a te olhar.

Mas sempre estive  
Tão distante de mim  
Que agora não sei se  
Posso te encontrar.

Vou me buscar  
Nos sentidos que dei à vida  
Nos horizontes,  
nos dias  
Que precisei sonhar

Nas poesias  
Nas solidões  
E um pouco, também na escuridão  
Que me deixei levar.

E vou voltar  
Para o teu mundo,  
Dessa vez, mais entregue  
Mais sortudo.

Por encontrar-me  
E em mim  
Existir circunstâncias  
Sem fim.

**PATTY OLIVER**

# LAUB, O DIÁRIO E A QUEDA

O judaísmo não parecia suficiente para humanizar aqueles garotos da escola hebraica de Porto Alegre que deixaram cair ao chão o colega de classe não judeu, o João, em seu 13º aniversário. As consequências para o caído e para quem lhe deixou cair foram uma lenta recuperação física e um tema tabu. Ao mesmo tempo, a queda demarcou para o pai de João, um cobrador de ônibus, a impossibilidade de fazer seu filho bolsista ser igual aos garotos de classe média estudantes de uma escola judaica cara de onde saíam médicos, juízes e engenheiros. A queda demonstrou que uma festa de 13º aniversário no salão de festas de um prédio com paredes descascando não equivale ao Bar Mitzvah dos jovens judeus porto-alegrenses em hotéis requintados.

O silêncio sobre algo vivido irmana o neto narrador e o avô que não gosta de falar do passado. E o não dito, nesta obra de Michel Laub, também se apresenta na relação entre o neto narrador e o seu próprio pai após uma discussão rude. Três judeus, três silêncios. Adolescente, o narrador diz ao pai que não sabe e não quer saber sobre Auschwitz, o judaísmo e o próprio avô. O atrevimento assegurou que recebesse de uma vez só os tapas que nunca havia levado, abrindo um tempo de silêncio entre pai e filho. Mas havia o diário do avô e o diagnóstico do Alzheimer do pai para rerepresentar a possibilidade de observar passado e presente nas dores que se amalgamam em não ditos familiares, e irrestritos ao espaço doméstico.

A memória do avô é marcada por tantos outros homens com quem conviveu no campo de concentração, os que urinavam durante a caminhada, os famintos que roubavam sopa, os que pisavam em fezes. O particular ofício do avô em registrar verbetes de sua memória, grifando moralidades, historicidades e desejo de um mundo bom, permite a reconstrução de uma gramática relacional entre pai e filho enquanto o próprio pai já se desapega da reminiscência. O urgente deste enredo está na busca da linguagem para esse reencontro que pode, a qualquer hora, ser surpreendida pelo esquecimento total de si, do outro e do laço social. Diante do pai adoecido, resta ao narrador aproveitar sua paternidade em gestação para encerrar o silêncio e impedir que o peso do passado não silencie aquele que nem viveu ainda. Para um cientista social, não há como não ver um caminho do autoritarismo à democracia nesta jornada do silêncio à fala, mas isso são os (nossos) outros quinhentos.

MARCOS PAULO CAMPOS

# LEVANDO

Entre a vontade de ir e a força do vento,  
seguimos!  
Somos levados, quando o desejo é ficar!  
Ficamos, mesmo contra a necessidade de ir...  
E assim,  
entre o pequeno sopro, que se transforma em ventania,  
ou a calma, que nos sequestra,  
existimos!  
Às vezes, sem saber para onde ir...  
Às vezes, sem saber o porquê ficar!

HENRIQUE PICARELLI

# LIBELO ACUSATÓRIO

Tragam e coloquem-no no banco dos Réus,  
Que se julgue o Direito pelos crimes que cometeu,  
Pelos inocentes aprisionados,  
Pela morte de Orfeu.  
Sob o seu julgo,  
Milhões foram escravizados  
E os algozes libertados,  
Tudo em nome da Justiça,  
Mas sem o seu aval.  
Fez da Lei a sua arma,  
Falsificou a “verdade real”,  
Usurpou da competência  
Para prender o seu rival.  
Não bastasse a prepotência,  
Se colocou acima do Bem e do Mal,  
Criou a própria jurisprudência  
Para disfarçar os erros do Tribunal.  
Agora tem a cara de pau,  
De olhar nos nossos olhos  
E dizer que nada cometeu.  
Não duvido que muitas vezes foi omissivo,  
Outras vezes fingiu não ver,  
Mas até nisso,  
Não só pelo que fez,  
Mas pelo que deixou de fazer,  
É que também lhe acusamos.  
Senhoras e senhores do Juri,  
Não caiam no engano,  
Por traz da máscara  
Se esconde um tirano,  
A quem não se pode confiar.  
Aqueles que nele confiaram,  
Ou estão de pé no cadafalso,

Ou foram jogados vivos no mar.  
Por isso é que agora rogamos,  
Que o Direito seja condenado,  
E que não se lhe conceda qualquer indulto.  
Fazemos isso em nome de suas vítimas do passado,  
Para que não haja novas vítimas no futuro.  
Por ventura, não creiam vós nessas palavras,  
Vejam o que sucedeu a Joana D'Arc.  
Será preciso quantos mártires?  
Será preciso quantas lápides?  
Para que se reconheça o horror e a crueldade  
Das ações deste impiedoso Réu?  
Obrigou Sócrates a beber cicuta,  
Apedrejou prostitutas  
Em plena luz do dia.  
Foi preciso desnudar Friné  
Diante de todos que assistiam,  
Para se evitar que se repetisse  
Mais uma grande tragédia.  
Também houve quem se despisse  
No Sinédrio de Israel,  
Caifás, este cúmplice de Samael,  
Rasgou as próprias vestes  
Para zombar de Jesus.  
Dessa vez a tragédia aconteceu,  
E pelas mãos deste Réu,  
O Filho de Deus,  
Foi pregado em uma cruz.  
Que o Direito sinta agora do seu próprio veneno,  
Em um processo equivalente ao de Josef K.  
Requeremos a execução sumária  
Sem que o Réu possa se retratar,  
Pois quem já fez mal a tanta gente,  
Não há nada a que se possa fiar.  
Com a mesma piedade  
Que por diversas vezes negou ao pobre,

E com a mesma cobiça  
A que de bom grado serviu aos ricos,  
Este Réu deve ser hoje julgado.  
Tendo tal discernimento  
E já demonstrado os fatos,  
Repetimos, portanto, o pedido inicial:  
“Que o Direito seja condenado,  
E que não se lhe conceda qualquer indulto.  
Fazemos isso em nome de suas vítimas do passado,  
Para que não haja novas vítimas no futuro.”

**RAIQUE LUCAS DE J. CORREIA**

# LIBERDADE

A liberdade tem limite? De certo, a sua liberdade não pode ultrapassar o limite da liberdade do outro

Cada um no seu espaço, respeitando princípios éticos e legais sem passar por cima de ninguém, nem de ideais

A sua liberdade depende de outros fatores? Política, religião, família ou atenção influem na sua decisão?

O que é ser livre?

É autonomia, espontaneidade

O direito de agir consoante o livre arbítrio, com a própria vontade

Responsabilidade para com seus atos, uma nova maneira de lidar, um preço a se pagar, um ônus a mais, completo e eficaz

A coragem e a segurança se sobrepondo às opiniões alheias, é diferente, faz parte

Se consideras livre? O que fazes com essa liberdade?

LARISSA CARRAZZONI

# MÃE POR TRÁS DA PORTA

Mãe ...  
A leoa  
A mulher que todos rendem homenagem  
Não poderia ser diferente  
Num determinado momento  
Neguei esse amor por não entender  
Porque a mulher ficava quieta com seus afazeres  
Enquanto o homem ganhava o mundo  
Conheci esse mundo  
Como se fosse o menino que não veio  
Criei um desejo de ter essa liberdade do homem  
Que aquela mulher não tinha  
Mulher sofrida  
Não demonstrava  
Cuidava da sua filha  
O som da proteção era com as portas fechadas  
Só entendi a mulher mãe  
Quando enxerguei em mim  
Semelhanças da mulher calada  
Aquele que não admirei  
Mas que segurou minha mão quando todos negaram  
Com roupa de mãe entranhada em sua pele  
Rugiu alto outra vez  
Em defesa das filhas  
Dona Marilene tornou-se meu orgulho eterno  
Antes de partir  
Ela ouviu  
Perdoe mãe! Eu te amo!  
E, por ela  
Ninguém mais amordaça minha voz.

JOSELENE NEGRA BLACK

# MINHAS FOLHAS SECAS

Essas são as minhas folhas secas  
Sobrevivi a chuva e a dor.  
Mas quando surgiram as estrelas  
Resplandeceu o meu amor.  
Eram 18h horas  
De um domingo sem cor  
Como era primavera,  
Comecei a perceber flor por flor  
E eu, tão pequena  
Observando as minhas folhas secas,  
Vi tanta beleza indo...  
Pensei que me tinha deixado, adeus!  
Mas me senti de novo  
Como se nascesse à luz das estrelas  
Me olhei e eu mesma  
Já brilhava constantemente.  
Folha por folha iluminava  
Toda minha alma, minha gente  
Pelo meu domingo sem cor  
Me apaixonei perdidamente  
Vi as flores  
As cores  
O brilho.  
Me vi!”

PATTY OLIVER

# MISSISSIPI (CONTINUA EM CHAMAS) OU FOGO EM TODO LUGAR

O algodão é branco.  
Era uma vez um bonito menino,  
Atlético e sagaz,  
Não demonstrava medo...  
Mas na sala e na vida, era pequenino.  
Disseminou a estupidez  
E como fazia ao gozar,  
Ejaculava torpeza  
Numa total ausência de sonhar.  
O tempo passa, a estupidez não.  
Era uma vez uma bela senhora,  
Recatada e feliz,  
Ela nunca pegou em um giz...  
Mas na sala e na vida, se dizia professora.  
Reproduziu a barbárie  
E sem qualquer pudor,  
Matava com os verbos  
Quem seu pai e avô marcou com ferros.  
O ódio é branco.  
E você: o que é?

VEYZON CAMPOS MUNIZ

# MMXXIII

Busco um ano,  
um ano redondo  
sem  
a auto-montagem  
da matéria  
humana.

Quero  
deixar para trás  
substâncias antipáticas  
que me enferrujaram  
as mãos  
da alma.

Não quero nele,  
no ano novo,  
mais a calma  
do silêncio  
de 1.507 toneladas.

2023 reduz-se a um sete  
e 7 é seta  
a orientar olhares  
não passos  
de Curupira.

A esquelética fome  
a ignorância crônica  
a indigência cultural  
o ódio visceral  
não quero mais.

Cutuco  
um céu

para ver se dele caem  
espadas de São Jorge  
e bastões do Imperador  
botões  
das flores, das roupas  
de um jardim  
já não mais plúmbeo.  
Ígneo.

Um ísqueo, um úmero  
a levarem-me  
e a inocência animal  
eu  
busco!

Involuntários  
cabelos  
e pelos  
pelos trombos  
dos sonhos  
já não mais cancelados

como

fios de ovos  
pendentes  
dos ninhos  
invadidos  
pelas serpentes  
de então.

Então  
puxo o fio  
do coração  
da pandorga  
da pobre corda  
da memória  
da dança

e da meada  
para nele encontrar  
o ano novo.  
E nas borbulhas,  
nele já vivo.  
Contigo.

**GI SELA MARIA BESTER**

# MULHERES DE SOL E DE LUA

O sol e a lua  
e tudo que se cultua  
iluminam os caminhos  
e os escaninhos  
de quem tem o prazer  
de os conhecer

Há mulheres solares  
que explodem em alegria  
nos primeiros raios  
do nascer do dia

Há mulheres lunares  
que inspiram reflexões  
como musas de poemas,  
pinturas e canções

A mulher solar é o momento  
A mulher lunar é a profecia  
A mulher solar diz a que chegou  
A mulher lunar antecipa resultados

Toda mulher tem, em si,  
o sol e a lua em seu ser  
e o momento de decidir  
depende só do seu florescer,  
energizando  
ou animando  
cada átomo de seus  
poetas, pintores  
e compositores

No final das contas,

Elas estão em todos os lugares:  
Há mulheres solares  
Há mulheres lunares  
Todas brilhando suas luzes  
em nossas vidas e lares

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# MULHER, POR EXCELÊNCIA RAINHA DO UNIVERSO

Mulher, és divina e rara,  
Indescritível e extraordinária.  
Contemplar-te-ei cada traço de beleza,  
Oh, magnífica Obra da natureza.  
Em sua preciosidade  
Está a essência,  
De grandiosidade  
E excelência.  
Como guerreira, és fascinante,  
E por supremacia elegante.  
Cheia de charme, doce e incrível,  
Um ser meigo-imprevisível.  
Com maestria, conquistas o mundo,  
A cada dia, a cada segundo...  
És a rosa mais linda do universo,  
És poesia e não simples verso.  
Meras palavras não conseguem dizer,  
Oh, rainha encantada,  
O quanto você...  
É empoderada.  
Parabéns protagonistas do mundo!!!  
Feliz dia da Mulher!!!

EDSON SILVEIRA

# NADA MAIS

Às vezes,  
O vento me leva...  
Outrora,  
Da janela,  
Nada mais atento.

Às vezes,  
O céu em aquarelas,  
Me abduz, e revela  
Outrora,  
Azul, aqui dentro.

E quando é um azul,  
Da cor de um céu comum  
Eu sou apenas  
O que ele vê.

Mas quando eu me lembro  
Do amor aqui dentro  
Ele é uma  
Das cores que vêm me acolher.

Eu sou poesia  
Levada pelo vento  
Abduzida pelas aquarelas  
De um céu que me lê.

Outrora,  
Apareço na janela  
Que nada mais atenta  
Nada mais espera

Nada mais...  
...sê.

# NAMORADEIRA

Namoro-me  
a cada segundo do dia  
Toco minha pele  
com mãos firmes  
de quem acolhe  
um corpo inteiro

Como quem gosta  
de si por dentro  
Sou percussão  
da minha seneridade  
viajo  
além do beijo na boca      e frases feitas  
abrigadas  
pelo meu abraço

Admiro  
e respeito cicatrizes  
do fio do cabelo  
a ponta do pé,      sinto meu cheiro  
e gozo comigo  
renovando votos  
e troca de aliança  
com essa mulher

Namoradeira de si  
Aprendeu  
amar-se primeiro

JOSELENE NEGRA BLACK

# NÃO SEI

NÃO SEI se ainda existem coretos na minha cidade. Tento imaginar que estão espalhados por aí e que há uma bandinha tocando músicas antigas em cada um deles. Junto à aglomeração de crianças curiosas e sorridentes, chegam pássaros de todos os lugares, todos os cantos. Participam da música e as crianças dançam hipnotizadas, como em Hamelin. Só que se conduzem às nuvens brancas de um tempo bom e calmo, sem dores e sem medos, numa ciranda colorida que se eleva até o arco-íris e que causa uma confusão explosiva de cores e amor que não cessa. As notas musicais caem sobre todas as cabeças como pingos suaves de uma chuva amistosa.

**LÍVIO OLIVEIRA**

# NASCEU ESTRELA CADENTE

Noite de lua cheia  
Eu vi uma estrela cadente  
Assim uma surpresa boa  
Aqui um coração contente

No silêncio sagrado  
Uma montanha ao meu lado  
Diz-me oh sim tão singela  
Sábua, profunda e sincera

Ouçã o batuque de dentro  
Sinta os espaços vazios  
Leve assim como o vento  
Vibre cada movimento

Solte o ar, doce como a lua  
Sinta seu fogo, entregue-se à dança  
Faça seu som, deixe que flua  
Viver é bom, se lance e renasça

Com o olho da consciência, observe  
Com o sangue por baixo do rio, honre  
Em seu coração sagrado, brote  
Em seu corpo suado, agradeça

És livre como um passarinho  
És forte como um trovão  
Avante, vá com o rio  
Encante com seu vulcão

Sem fuga, abra-se cada pétala  
Sem medo, permita-se florescer  
Acolha seus cantos raivosos e tristes

Raíz humana com tudo que há

Firmeza e coragem, vá voe em você

Mergulhe nas tuas paisagens

Descubra quem és

Relembre

Ouvi e senti cada gota dessa oração

Assenti e vi tão bela lição

Montanha sagrada

Gratidão

Segui meu compasso

Atenta no passo

Em ritmo

Heya aho

**RENATA MOREIRA DA SILVA**

# NEM TUDO É O QUE PARECE

Domitila ficou muito triste quando tudo aconteceu. Os médicos disseram haver uma série, quase interminável, de efeitos mentais e emocionais causados pelo trauma. Um acidente de veículos no qual o único morto fora Francisco.

O menino estava na adolescência. Cheio de planos. A veterinária seria o enredo mais coerente. Tomaria conta das fazendas. A família já esperava por alguém voltado para o trato com os animais. Chico era tranquilo. Um rapaz enorme para dezessete anos. Olhos vivos. Doce. Um adolescente de ouro, enfim.

Domitila não queria casar com festa. Pediu, clamou, quase ajoelhou para que não houvesse uma comemoração. Os festejos já estavam marcados, há muito. Os familiares do noivo estavam vindo de Canterbury, perto de Londres.

Os olhos postos no vestido branco e rodado estavam caídos. As pessoas ao redor tentavam deixar o ambiente mais tranquilo. A linda noiva, com seus quase cinquenta anos, estava deslumbrante. Por dentro, havia uma mãe destruída.

O único filho amado não compartilharia de um dos momentos mais felizes da vida familiar. Rodrigo, pai de Francisco, rascunhara a cerimônia do casamento desde tempos passados. A fazenda do interior da Bahia estava enfeitada de amor.

Um caminho repleto de flores foi feito da porta de entrada da casa maior até o púlpito onde o Padre Antenor iria ministrar uma cerimônia católica, bem tradicional. Domitila sentia frissons desde pequena. Uma sensibilidade incrível. Já tinha visto, raras vezes, animais, vultos, essas coisas de filmes.

Naquele dia ruim, infelizmente, nada sentira. Sempre pensava que talvez não devesse ter saído de carro. Quem sabe mudado a rota. O caminhão estava desgovernado porque o motorista teve uma lipotimia. O senhor Antônio Carlos ficou tristíssimo depois do ocorrido.

Várias pessoas passavam apressadas com panos nos braços. Havia profissionais para os cabelos e maquiagem. Primas com taças nas mãos e celulares escondidos. O ruído no andar de piso da casa estava intenso. Muitos sorrisos, apesar do fundo triste das festas após a passagem do jovem Chico.

- Você está feliz.

- Sim. Gostaria que meu filho estivesse aqui para me ver entrar na cerimônia. Eu queria poder contar com isso.

- O noivo mandou avisar que está tudo certo. Já podemos ir.

Domitila respirava fundo e acalmava o corpo. Orava baixinho e pedia a Maria Santíssima o equilíbrio tão desejado. O momento era muito importante para ela e o compartilhamento com o filho não iria acontecer, ao menos não como ela pensara.

Quando desceu as escadas lembrou de falar com Diego, filho de Dona Augusta, vizinha da fazenda, a respeito da cadeira perto da noiva vazia com o cartão em nome de Francisco. Tinha sido algo muito frisado. Era importante para o emocional dela que o lugar estivesse vazio e com marcação para Chico.

- O cartão foi colocado?

- Sim. Fique tranquila. Está tudo bem. O primeiro assento depois dos padrinhos está reservado para ele.

- Obrigado, meu amigo. Desculpe estar sendo tão chata nisso. Mas acredito ser importante para mim.

- Ora. Nem se preocupe com isso.

A marcha nupcial foi tocada sob sons de trompetes e demais metais. O dia de sábado estava fantástico. A quentura natural daquela cidade do interior da Bahia era equilibrada por um vento fresco vindo do mar. Domitila andou devagar em direção ao altar.

Rodrigo esperava por ela com os braços abertos. Os padrinhos estavam sorridentes. A família tinha feito um esforço grande para partilhar o momento. Todos estavam sensíveis à dor da nubente. O sol descia macio deixando o céu em cores azuladas, avermelhadas e alaranjadas.

Passarinhos rivalizam os sons com a orquestra contratada. Ao fundo, toda a equipe de profissionais já estava a postos para a festa vindoura. Uma banda de alto renome e o buffet engalanado deixavam o conúbio ainda mais chique e bonito. Tudo estava perfeito, como tinha de ser.

Domitila já estava perto dos padrinhos quando fincou os olhos na cadeira de Francisco. Um homem branco, de terno azul, bem alinhado, estava sentado de pernas cruzadas e olhos tranquilos. Um frio na espinha atingiu a jovem senhora. O senhor, aparentando, pouco mais de sessenta anos, sorriu de forma introvertida.

Domitila olhou para o lado, enquanto caminhava, e perguntou, baixinho, a Diego a respeito do porquê aquele homem estava sentado na cadeira de Chico. Diego disse que não sabia porque isso estava acontecendo. Havia tido algo errado. Não podiam acreditar no equívoco.

Quando a noiva estava bem perto do altar a raiva e desalento já tinham tomado conta da alma por dentro do vestido branco cheio de rendas. O noivo

aproximou-se ofertando as mãos. Todos levantados para o momento da chegada da mulher. Domitila olhava para Rodrigo pedindo explicações, apesar de saber que talvez não fosse o momento propício para tal clamor.

- Meu amor. Você está linda – sorrindo.

- Obrigada, você está ótimo também – chorando calmamente.

- Domitila. Por favor, antes do Padre Antenor nos consagrar gostaria de te apresentar Gilthon.

- Ora, Rodrigo. Você conhece esse homem?

- Sim, conheço. Eu o convidei para o nosso casamento. Precisamos te contar uma coisa.

- Meu Deus, Rodrigo. O momento talvez não seja esse.

Gilthon aproximou-se do casal. O padre Antenor também desceu do pequenino palco para estar ao lado dos noivos. Alguns padrinhos arrodaram a todos e Diego permanecia com os olhos esbugalhados, sem entender, em absoluto, o que estava acontecendo.

- Domitila. O Gilthon recebeu o coração do Francisco. Ele tinha um problema congênito na aorta. Nosso filho salvou a vida dele.

- Meu Deus.

- Eu trouxe um estetoscópio. Gostaria que você ouvisse o som do coração de Francisco antes de sermos abençoados. Você quer?

- Sim. Como não? – chorando quase copiosamente e abraçando aos soluços aquele senhor de costume azulado.

Todos, naquele dia, choraram com a noiva pelo momento tão especial de escutar, antes do próprio casamento, o som do coração do filho amado já falecido batendo fortemente, vivo. Gilthon chorou. Rodrigo chorou. Domitila chorou. Os convidados choraram. Diego, que acompanhava tudo de perto, também chorou.

**URBANO FÉLIX PUGLIESE**

# NOS MEUS OLHOS

Ontem meus olhos te viram aflito  
Um fugitivo correndo do algoz  
Subjugado por quem crê que amor é controle  
Temendo perder o que não se perde  
Você tratado feito posse  
Feito bicho que se atrapa  
Nas mãos tiranas de quem tenta deter o que o tempo já desfez  
Cegas mãos, mataram o amor com o peso das cobranças  
Ontem, meus olhos se perguntavam:  
Até quando cumprirás tal pena?  
Até quando conterás teu desejo?  
Preso em redoma invisível  
Ansiando por meus beijos

**KARINA G. DE SÁ**

# NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS I

Quando menina  
aprendera a receber como forma de carinho e cuidado  
das mãos de sua avó materna  
água com sal para curar os joelhos ralados  
Hoje, já mulher  
nas feridas abertas  
entrega-se ao mar  
para que o sal e o sol, se misturem com as marés das meninas de seus olhos  
na intenção de alcançar as mesmas mãos que curam  
o mesmo sal que arde e faz cicatrizar  
E no espelho dessas águas ora bravias, ora brandas  
Ela vê refletido a imagem de quem ama e não pode abraçar!  
Correnteza  
corre mar  
Uma saudade que não para de sangrar...  
Pai

ALINE VENUTTO

# NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS II

Confusão

Fusão

Tradução

Sobre mim

o “entre” do reflexo de um lado

no e do outro

Fundir

Transgredir

Persuadir

Quando não se sabe medir

Uma parte na outra parte

Uma versão? Uma nova versão?

Imersão?

Subversão?

Um céu que toca o chão

o mesmo chão que é imensidão

signo das diásporas que deram as mãos

Construindo uma história em que todos somos irmãos

Há uma distração descontente

incoerente

inerente

inocente

Algo sempre recorrente

de gente que acredita em gente

Um ato de esperar poente

Sou ...

Sou tanto que estou nas cartas que nunca escrevi,

nas tantas mensagens que nunca li,

no coração vago que habitei,

nas tantas ruas por onde vaguei

nas incontáveis vezes que hesitei

em todas as madrugadas em que te amei

E sigo “Sendo”

na didática nunca linear de um corpo de baile  
uma presença errante  
uma tomada de posição  
um perene diálogo  
... atuante, silente, resistente  
Mulher, Mãe, filha  
uma resiliência parida pela força do amor-perdão  
Tudo é  
Logo, sou.

**ALINE VENUTTO**

# NOTAS (NÃO) TAQUIGRÁFICAS III

Todas as vezes que eu fiz poemas  
o lenitivo era os seus olhos  
cada letra que pingava compunha o organismo vital do mundo  
do meu mundo.

Na vírgula,  
dicionarizei mais que a inflexão da minha voz que narrava  
fui capaz de comungar e digerir o que eu mesmo era  
Acolhi o rio que corria em mim  
e só assim compreendi que todo e qualquer ponto,  
mesmo que seja um ponto final  
não tem fim.

A Ortografia é mesmo assim  
o que se lê  
nem sempre é igual ao que se consegue vê  
o significado nem sempre é o mesmo da sua derivação grega: “*ortho*”.  
Mas sempre é “*gráphos*”:  
a escrita das tantas (in)existências.

O sangue  
um improviso

O sopro

Carne da minha carne

Laboratório de forças

que tomam forma de cordão energético

Replicam-se!

Alimento-me do que vejo refletido no espelho da menina de seus olhos

Escutem!

A resposta é complemento

Antes disso, e de tudo isso

Sentir...

transusão não só de ideias e ideais,  
mas de esperança!

# NOVOS DIAS DE UM NOVO ANO

O ano é novo, mas os dias podem não ser  
se houver teimosia no inviável.

O novo virá com pretérito superado  
e, assim, novas palavras poderão se escrever.

Serão possíveis, então, o abraço recíproco  
a ligação atendida  
o beijo disponível  
e o coração aberto.

Os dias vão se suceder  
entre sonhos permitidos e outros, adiados  
mas o que importa, mais que tudo,  
é a liberdade de escolher.

E enquanto a vida correr pelos dias  
que à volta estejam amigos leais  
a democracia funcionando  
e livros finalmente lidos.

Que o amor pare de se recolher  
e apareça em suas várias formas possíveis  
sem fugir do olhar sincero  
ainda que de mãos dadas com o acaso.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# O ADVOGADO

O advogado é a pessoa habilitada a prestar assistência profissional em assunto jurídico, aquele que defende judicial ou extrajudicialmente os interesses do cliente, que intercede e intervém.

O bom advogado é aquele que faz tudo isso com ética e muita responsabilidade.

O advogado brilhante soma ainda uma carreira exemplar, ilibada, atualização constante, habilidade com as palavras e com as negociações, criatividade e o toque humano.

Tenho orgulho de ser advogada há 23 anos e felicito a todos que exercem essa arte com dedicação e maestria!

**BIANCA ROSENTHAL**

# O AMOR DOS QUE NÃO SÃO AMADOS

O amor dos que não são amados  
É o espinho sem a flor  
É o efeito colateral sem a cura  
É a louca da loucura  
Chamando para viver  
Fluindo pelas veias  
Como fogo que arde  
Como desejo que deseja  
Quando o desejado já foi embora.

Vida, paixão e tesão  
Energia de fogo que procura seu caminho  
Para expressar-se em beleza, sentimento e candura.  
É a busca pelas mãos  
É a pele que domina o dominador  
É um território de puro amor  
Desejo e saudade no mesmo corpo  
Ausente e presente.  
É o belo sem elo.

O amor dos que não são amados  
É tudo que não existe e é real  
Terra, água, ar e fogo  
Corpo, emoção, mente e espírito.  
Seco, úmido, frio e quente.  
Círculos, quadrados e triângulos  
Movimento, força e velocidade  
Hipóteses e possibilidades  
É um teorema indemonstrável.

No mundo há muita gente  
Mas não há ninguém que seja igual  
Ou semelhante à criatura amada.

Criada para nosso corpo, mente e espírito  
Não poderia ser melhor inventada.  
Feito o côncavo e o convexo  
Perfeição exata, traçada à régua.  
Feito potro e égua.  
É como poesia imperfeita e rima desarrumada.

**BARTIRA MACEDO DE MIRANDA**

# O AMOR É LINDO

O amor é lindo!  
De fato.  
Aquele amor era raro.  
Por ele se sentia amado  
e sorria.  
Não precisava implorá-lo.  
Por isso, vislumbrado,  
olhava a lua e dizia:  
O amor é lindo!

**PATTY OLIVER**

# O CÉU, TOCAR

“Eu voou  
E perco-me no céu  
Mais perto das estrelas, as estrelas  
Parece que brincam em carrossel.  
E eu talvez não seja  
O que você deseja  
E eu talvez não tenha  
Tudo para te dar  
Porque sou um punhado que voa  
Desesperado, pelo ar  
Guardando palavras à toa  
Para a silenciosa luz do luar.  
Um punhado que voa  
Que não, não pode te esperar  
Eu almejo o céu como quem voa  
Almeja o céu, tocar.  
Sozinho, eu conheço o mundo  
Dos ares, eu te vejo  
Mas não posso te encontrar.  
Ando pelas ruas à toa  
Mas meu coração está no punhado que voa  
E eu que voo,  
Almejo o céu, tocar.”

**PATTY OLIVER**

# O DESATE DA VOZ

A textura do vinho  
na minha garganta  
desamarrou as cordas  
vocais e mentais.

Os sentimentos  
entrelaçados nesses nós  
querem sair desatando  
a distância e a voz.

As palavras, já livres  
em gaiolas sem portas  
pareciam enclausuradas  
eternamente sós.

Aos poucos, esses goles  
de vinho e saudade  
encorajam o voo  
do que seríamos nós.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# O DIA SEGUINTE

Alguns copos levaram-na a balbuciar suas verdades mais íntimas.  
Recordações perdidas no tempo sem a devida cicatrização das feridas.  
O vinho e sua contestável qualidade causavam lágrimas perdidas.  
Tudo era pretexto para lavar a alma e lastimar a sua vida sofrida:

*Traidor, ela disse fitando-me nos olhos.*

*Vai embora, pois despertei e retirei os meus ferrolhos.*

*Não pode me dar nem paz nem amor nem consolo.*

Então, ela apagou.

No dia seguinte, despertou dizendo que me amava.

Não sei se lembrou de suas falas insanas e ingratas.

Não compro mais aquele vinho de nome suspeito: Revelação.

Não há porque revelar aquilo que não tem conserto.

**BIANCA ROSENTHAL**

# O MENINO EMBAÇADO

Por Kêtpej<sup>4</sup>

Como *Tupê*, eu ainda era apenas um menininho. Minha mãe trabalhava como mascate e viajava sempre. Nas férias eu a acompanhava. Em uma tarde nublada do dia em que voltávamos para nossa cidade, ela parou a Kombi. Estacionou, segurou-me pelo queixo e repetiu: “*o que dói em você, meu filho?*” Não soube o que responder nem pude. A dor se multiplicou e chorei como choram os adultos quando choram. Eu sentia e ela já imaginava ser uma saudade; daquela vez demoramos muito para voltar para casa. O que ela não sabia é que quando dizia “*fique tranquilo, logo chegaremos*” ela mais me afligia que me consolava. O *banzo* não era dos que logo reveria, era do que deixara para sempre – a perda de uma amizade sincera, que durara...dias!

Quando me despedi de *Tupê* ele se manteve impassível - melhor que na chegada. No momento em que o ônibus partiu, pela janela capturei sua imagem no colo da mãe com um *largo sorriso* – *Tupê* não ri à toa. A poeira da estrada de barro embaçava minha visão – e daí, se o nada que eu olhava nem dava mesmo para ser visto? A viagem seguiu, ninguém parou nem me perguntou se tinha dores, então nem chorei... A poeira se foi há muito e meu coração, engraçado, não mais desembacou.

Respeito as coisas divinas, por isso confesso dois pecados. O primeiro não é tão grave, pois é compartilhado por muitos: *idolatro as imagens!* O segundo é como uma oração herética e o tenho por causa do primeiro: *as imagens produzidas pelo homem são mais belas que as da Criação.* A revelação de imagens, em especial as que os fotógrafos fazem, tornam mais brilhante, nítida, contrastada e ou saturada a realidade que outros veem. Ou de outra forma, comparada ao que uma máquina é capaz de produzir, a natureza criada por Deus – incluída a visão – é fosca. A vida natural, diferentemente da virtual, engraçado, é embaçada.

A imagem número 0001 do álbum de fotos da aldeia *Krahô* é a de *Tupê*. É uma foto nítida. Nela se vê seus bracinhos detrás de seu corpo arqueado para trás tão fortemente que se a parede fosse a de sua oca, e não a da escola onde o fotografei, é bem certo que já teria se transformado em uma ‘passagem’ nada secreta. Sua testa franzida, a boca fechada, sua visão fincada na câmera e os om-

---

4 Kêtpej: nome de batismo Krahô.

brozinhos vergados para a frente denunciam seu incômodo: o *kupê* (não índio) é um invasor.

Foram muitas as imagens de *Tupê*, brilhantes e embaçadas. Em uma delas o enquadrei no meio da foto para isolá-lo em um plano intermediário. No primeiro, foquei um lindo *mêh* (índigena) caminhando feliz, ‘puxando’ outro. No último, o desfoque não impede que se veja a aglomeração de pessoas – uma festa: a de batismo dos *kupês* visitantes, que ocorreu na metade do tempo em que permaneceria na aldeia. No plano de *Tupê*, tento fazer ver sua expressão corporal, que se assemelha à da primeira foto: boca fechada, testa franzida, ombros recolhidos, corpinho arqueado para trás e uma embaçada contrariedade. De diferente, a parede que era próxima é agora a festa, lá atrás, e o posicionamento de seus bracinhos: estão à frente e não é o de quem se deixa ser ‘puxado’, ao contrário. Mas por que *Tupê* apenas não solta a cordinha que embaça o seu destino? Quem sabe?

Porém, entre todas, a imagem mais significativa para mim é a da despedida em que ele abriu um ‘*largo sorriso*’! Que fique claro: *Tupê* não é triste, mas quase não ri e nunca fala - não me lembro de sua voz. Sobre isto, este silêncio ainda o ouço tão preciso quanto a imagem de felicidade na despedida... Ora, ouço o que não emite som e vejo inconfundivelmente o que não é possível ver ou discernir em meio ao tumulto, ao movimento, à distância e através da janela do ônibus completamente empoeirada? Que máquina é essa que usava quando me despedia de *Tupê*?

Depois de *Tupê*, e não de Platão, sei que o mundo sensível é fosco em contraposição ao mundo das ideias, seguramente nítido. Depois de *Tupê*, e parodiando Platão, descobri que as imagens habitam o mundo embaçado e competem com a nitidez do mundo ideal, embaralhando a sombra à realidade. Depois que deixei *Tupê* percebi que a imagem do sorriso de despedida não foi capturada pelo sensor da câmera. Não há registro dela. E que olhos, então, a viu?

Quem viu, se viu, nem foram minha visão ou o coração, foi um *menino embaçado* que mora dentro da gente e carrega um joguinho de pares iguais. E quando uma imagem lá do futuro se assemelha, ainda que embaçada, com a que guarda, lá de outro tempo, ele cresce e vibra, estica os braços e as pernas e pula e pula que até nos dói as costelas – foda-se a razão!

O nome do menino da amizade sincera que tanto durou, o *menino embaçado* me assoprou de dentro do ouvido direito: é *Tupê*, que nem é menino nem confunda seu nome com *kupê*, ele é uma *krare* (criança) da nação *Krahô*. E no esquerdo me cantou o riso de *Tupê*. *Akrajre* (crianças) maravilhosas!

Depois de dez dias participando de um Workshop de Fotografia na Aldeia *Krahô*, com um grupo de inesquecíveis amigos artistas das imagens – verdadeiros *kupê* que mais parecem *mêhî* – após uma longa viagem, cheguei em casa tarde da noite, com o pé doendo. Um ferimento mal cuidado infeccionou. Minha mulher ajudou a medicar, fomos deitar e no dia seguinte, sem dores e disposto, sentei-me em frente ao computador para revelar as fotografias que produzira. Abri o programa, vi a primeira imagem e...embaçada a vista, sussurrei *ai!*

Minha esposa atenta ouviu e deixou o café que preparava. Sentou-se ao meu lado, pegou em minha mão e perguntou: “*dói muito, querido?*” Não soube o que responder nem pude. A dor se multiplicou e chorei como choram as crianças. Ela olhou para o pé e para a tela, abraçou-me e percebeu: “*fique tranquilo, um dia voltará*”. Com a visão ainda fosca, sorri. Naquele instante compreendi que a amizade sincera nunca se perde, independe do espaço e, sobretudo, do tempo! Naquela manhã o tempo estava embaçado e à tarde também choveu.

EDSON CARVALHO

# O NÃO-DIREITO DOS INDESEJÁVEIS

Era um dia qualquer, daqueles de viver mesmo, mas era um dia profundamente triste.

Tudo aquilo lá, que até fazia sentido, não valia de nada. São versos, leros, boleros sem qualquer substância.

Naquele lindo dia, que, como dito, era desgraçadamente triste, Genivaldo descobriu que não era gente. Para ele, os versos não existiam. Para ele, tudo estava embaçado, sufocado, asfíxiado.

“Mas tá lá Dr., escrito, cravado, sacramentado” dizia Genivaldo, o sujeito que não existia. Porém de nada adiantavam as súplicas, pois, do lado de lá do muro de ferro, nada se ouvia. Gente morta não fala, no final das contas.

E os gritos mesclados com um silêncio ensurdecedor. E as falhas e as tralhas e a raiva e a morte. No fim das contas, e foram muitas, não se reconhecia nada àqueles sujeitos sem vida, indesejados.

Aos mortos-vivos, e agora até mortos de verdade, resta a sacralidade do não-direito.

Está lá, e, ao mesmo tempo, não está, pois do lado de lá, ou de cá, a depender do canto do mundo, não se reconhece.

Como conceder os versos a esses sujeitos que nem vivos são? Para a corja de indesejáveis resta o não-direito.

**RENATO S. S. SCHINDLER FILHO**

# O PIOR DOS PIORES

Despertou cedo demais, permaneceu na cama, apertou as pálpebras na vã tentativa de voltar a dormir. Cambaleante, levantou-se de pijama, dirigiu-se à sala ao lado. A mesa do café bem-posta, os jornais ordenados milimetricamente, os comprimidos ao lado da xícara. O cão, seu parceiro, o aguardava a rosnar.

Com o passar dos anos, a memória falha, o tempo apaga, tudo se esquece. Ele bem gostaria disso. Que o removessem do pensamento, o dissipassem da memória. Afinal, passaram-se cinco anos desde que foi presidente. Acreditava no direito ao esquecimento. Por isso ansiava, mas seu nome continuava sendo mencionado, tripudiado, esculhambado. A mídia não parava de açoiá-lo.

Ao candidatar-se à presidência, as chances eram mínimas. Seus desejos, tornar o país uma potência, proteger a família, e claro a balela de sempre, combater a corrupção. Para tanto, conseguiu o apoio dos pastores, dos bancos e dos crédulos. Alardeava que a melhor fase do país foi o tempo em que a farda verde-oliva comandara a nação.

Ensinou os filhos a serem “cidadãos de bem”. Pergunta-se até hoje onde errou.

Ao chegar ao poder elevaria o país ao primeiro mundo. Era bom de promessas. Admirava com fervor o Tio Sam. Sua política contemplaria a maioria, por maioria entendia os que incentivavam a economia ou apoiavam suas sandices. Quanto às minorias, ruminava, teriam de se adaptar ou sumir.

O projeto de segurança: combater os criminosos, principalmente os pés de chinelos. Armaria “os cidadãos de bem”, assim eles mesmos se encarregariam da própria proteção. Contariam, obviamente, com o seu apoio moral.

No início, a oposição pouco se importou, não acreditou que ele tivesse a mínima chance. Eleitores desiludidos são capazes de imensas asneiras. Acreditaram nas lorotas mais estapafúrdias. A mentira, irmã da ignorância, prevaleceu, e o sujeito se elegeu.

Chegou ao topo da carreira política. O messias. Ao subir a esplanada, o ego resplandecia.

...

Serviu-se do suco de maracujá. Ultimamente bebia aos litros. Colocou os óculos, folheou o primeiro jornal, concentrou-se numa página, franziu a sobrancelha, arregalou os olhos, as mãos tremeram, atirou o jornal ao chão e assim sucessivamente até o último. Arrancou os óculos, bateu na mesa.

Cretinos! Continuam me perseguindo! Devia ter feito uma limpa, ordenado o cala boca, fuzilado todos enquanto podia.

A governanta bate à porta.

— Precisa de algo, Excelência?

— Me esqueça!

Pois não, Excelência. — fecha a porta suavemente.

Dirige-se ao cão.

Foi difícil exercer o comando. No primeiro ano de mandato, percebi, o país era um abacaxi. Os ministros que escolhia, um bando de incompetentes. Busquei os melhores, alíás os menos piores. Fazer o que? Tudo piorou por conta da praga vinda da “ditadura comunista”. Fez a economia parar, matou meio mundo de gente. A nação virou o muro das lamentações. Queriam que eu desse conta! Jornalistas martelavam a mesma pergunta: “*O que irá fazer? O que irá fazer?*” Acaso eu tinha cara de covreiro? Indiquei um tratamento eficaz, um bom vermífugo e outro remédio lá, capaz de matar tudo. Uns velhinhos não resistiram, mas estavam mesmo com o pé na cova. A oposição insistia na compra de vacinas. Porcaria de vacinas! A imunidade de rebanho dava conta.

O cão voltou a rosnar. O ex-presidente levantou-se e prosseguiu o discurso ao vento.

— Até ao tribunal internacional me denunciaram por crime contra a humanidade. Veja só?

Batem à porta novamente. O cão late.

— O que é agora?

— Seus remédios, Excelência.

— Deixa aí. Alguém me ligou?

— Não, Excelência. Licença.

Engole os comprimidos, observa o céu nebuloso. Tenta abrir a janela, empurra. Um trovão o assusta, o cão late.

— Ai, meu dedo! Dia infeliz. Todos me abandonaram, menos você.

Olha para o cachorro com languidez, tenta alisá-lo. O cão abocanha o dedo ferido.

— Desgraçado! Vou te dar um tiro!

O *american bully* escancara a boca mostrando as presas. Ele sobe na cadeira, grita. Um segurança armado empurra a porta. O cão abaixa o rabo e se dirige lentamente ao funcionário, que o prende e coloca a focinheira.

A empregada entra correndo com a caixa de primeiros socorros.

— Excelência, está bem? Ligo para o médico?

— Some com esse bicho! Estraçalhou meu dedo. A quarta vez que tenta me matar.

— Talvez fosse melhor não mantê-lo tão próximo, Excelência.

A moça faz o curativo no pequeno ferimento.

— Nem no cão posso confiar. — Geme.

A governanta suspira e olha para o teto.

— Mais alguma coisa, Excelência?

— Me deixem só.

Volta ao quarto. Lembra-se do revólver guardado na gaveta, presente de uma grande empresa de armas da qual fez propaganda.

“Um dia acabo com tudo”, pensa consigo mesmo.

Se ao menos alguém fizesse isso por mim...

...

O desgoverno. Inflação nas alturas, o povo alimentando-se de ossos. Do mesmo modo que ele alcançou o poder, caiu de forma fulminante. As atrocidades que dizia, uma metralhadora desgovernada.

De fato ele levou a nação a alcançar o primeiro lugar no mundo. Primeiro em miséria. Terminou impichado. A primeira dama o trocou por um pastor “amigo do casal”.

Dois dos filhos estão presos, condenados por desvio de dinheiro. Os restantes retiraram o nome da família na tentativa de não serem reconhecidos. Comentam que um deles mudou de sexo e vive no exterior.

O ex-presidente tentou esconder-se em país diminuto, no oceano pacífico. Acreditou que lá não seria identificado. Mal aterrissou e foi recebido com vaias e tomates. A severa dificuldade de adaptação à outra cultura tornou impossível o plano. Mesmo em um país diminuto viu seu rosto refletido nos programas de comédia. Voltou à pátria tentando passar despercebido.

Grande parte da fortuna que afirma ter adquirido com suor do trabalho foi obrigado a devolver aos cofres públicos. O restante torra com inúmeros processos que responde. Hoje, o cão é sua única companhia.

Uma coisa é certa, se sonhou em entrar para a história, isso ele conseguiu. Para sempre seria lembrado como o pior dos piores.

**KARINA G. DE SÁ**

# O QUANTO SOMOS MADUROS

O que importa é o quanto somos maduros e sabemos reconhecer quando algo não era para ser.

Compreendendo que podemos fazer parte da vida do outro de um jeito diferente.

Só quem tem maturidade consegue transformar o mau sentimento em coisas boas, e entende que existem diversas formas de amar.

**DAIANA MENENDEZ**

# O QUARTO DO MEDO

De repente ouço um estampido dentro da casa

Não havia ninguém, estava vazia

Sem vozes, passos ou qualquer outra movimentação humana.

Apenas um explosivo e seco som que vem de dentro

Lá do fundo.

Onde ninguém foi.

Aquele espaço deserto, inabitado, escuro e esquecido da casa

Por vezes pareceu-lhe sombrio, mas era apenas desconhecido.

Aquele lugar foi evitado por décadas.

A porta emperrada e com as dobradiças enferrujadas exige um grande esforço para ser aberta.

Não há técnica capaz de abri-la sem o emprego de força física.

Após muito esforço, tentativas em vão lembram-lhe que pode haver alguma parede ou janela em algum lado da casa que possa ser destruído e dar acesso ao quarto obscuro.

Imediatamente dá a volta pela casa e ali escuta ruídos assemelhados ao choro de criança em desespero.

Sai em busca, sem êxito. Não encontra ninguém, apenas a casa, o céu azul e uma vegetação campestre longínqua.

Não há insetos nem pássaros. Nem o som que o vento faz é companhia. Nada.

O choro fica cada vez mais distante e logo cessa.

Agora, uma sequência de tiros surpreende seus ouvidos. O medo domina aquela peculiar manhã de domingo.

Correu, deu a volta pela casa, gritou por socorro – mesmo sabendo que não há ninguém para ajudar-lhe – e tentou fugir. Para onde?

Como? Fugir de quem? De quê?

Não há fuga.

Ela avança para dentro da casa, corre em direção ao quarto fechado munida de certeza.

É ali.

Tudo parece calmo, apesar do desespero que antecedeu a sua caída de frente para a porta.

Aquele choro de desespero e angústia faz do chão velho de madeira, uma aquarela em tons de carvalho. Lágrimas que respingam dançando libertas da dor.

Escuta um rangido. A porta se abre lentamente. Uma única fresta a mantém entreaberta.

Rapidamente ela se levanta e entra. O profundo escuro impede que ela perceba o tamanho do espaço. O medo vai embora. Imagina deparar-se com uma cena de crime ou algo aterrorizante, considerando o choro e os estampidos que ouvira.

Adentra lentamente naquela escuridão e na medida em que avança, sente-se familiarizada com a obscuridade do local.

Sua visão se adapta à escuridão e começa a perceber alguns sinais do ambiente até que se depara com uma criança no chão, encolhida e assustada. Estava machucada e chorava silenciosamente.

Quando viu o rosto da menina, reconheceu-se a si mesma. Era ela, com os pequenos olhos castanhos e os cachinhos cor de mel.

Abraçou e acolheu como nunca pretendeu fazer consigo.

Prometeu cuidar e proteger.

Compreendeu o que só ela poderia fazer.

Em meio ao caos solitário e árduo, por vezes ela feriu a si mesma.

Em meio ao sofrimento e às dificuldades, somente ela poderia salvar aquela menina assustada.

Porque somente ela seria capaz de ouvir os estampidos e adentrar na escuridão do seu coração.

**JÉSSICA HELENA BORGES FRAGA**

# O SÃO VICENTE E A CONCEIÇÃO

Aquela rua ladrilhada,  
meio reta meio inclinada  
me lembra o alvorecer.  
Infância linda e tranquila,  
sem blusa e sem censura,  
a liberdade do meu ser.  
Ali vivi e sobrevivi,  
com alegria sem igual,  
em uma família vicinal.  
Dona Dedé, Seu Jaime e sua Rural  
ostentavam, sem igual,  
o privilegio de uma esquina.  
Do outro lado, Seu Mizael, Dona Bezinha,  
sua prole e uma grande palmatória  
refrescando minha memória.  
Os gritos de Dona Arjemira  
chamando por Tonho e Joãozinho,  
tão meninos, simplesinhos;  
obedeciam sem demora,  
muito mais que a Dona Aurora.  
Meu pai e seu caminhão,  
mamãe e seu vozeirão,  
lembranças do coração.  
São João e sua fogueirinha,  
Gavião e sua cachacinha,  
Manoelito e suas bombinhas.  
Seu Edson e Dona Lurdes,  
um Gongá, seus pretos velhos,  
o profano e o mistério.  
Dona Nifa, seus rebentos e suas histórias;  
sempre as guardo na memória,  
o dia a dia onde aprendia  
a irmandade e o magistério.

Mais abaixo, Nena e Zequinha  
amigos de geração,  
ainda os tenho como irmãos  
da aurora da Conceição.  
Seu Batatinha, Dona Dominga,  
uma moeda, um geladinho.  
E do Fiel quem é que esquece?  
Um cachorro e uma chamada.  
Ai, que gosto de cocada!  
Tia “Rita” e tia Zenaide,  
tio Lito e Eliezer,  
a expansão tão consanguínea  
dos parentes artesãos,  
onde aprendi grandes lições,  
da vida como ela é.  
Seu Antônio Bonitinho,  
a alegre Dona Carminha,  
Marília, um mulherão,  
Jaqueline minha amiguinha.  
Dona Zô e suas costuras  
me deixavam envaidecida,  
Zé Palá e sua bravura  
me deixavam estremecida.  
Seu Gilberto e o caminhão,  
eram tantos tijolinhos  
onde eu via Dona Estela  
por aqueles buraquinhos.  
Dona Ná, sempre na dela,  
fumando seu cigarrinho,  
saía as vezes no portão,  
observando com alegria,  
as nossas estripulias.  
Seu Thiago, minha gente!  
Nos fez tremer com seus rompantes,  
e mesmo na euforia  
era grande a alegria.

Seu Antônio das laranjas e uma penca de meninos,  
alegres e bonitões, hoje todos grandalhões.  
Na mesma rua, em seu fundinho,  
tem ainda a Dona Val,  
com uma força sem igual,  
seu exemplo de mulher,  
com muito discernimento,  
sinônimo de empoderamento.  
Dona Delita e seu Roque,  
Dona Pulúzinha e seus filhotes,  
me recordam com alegria  
os meus domingos na feirinha.  
Minha infância está presente,  
recortes na imensidão,  
do São Vicente à Conceição  
memórias do coração.

**ADRIANA LOPES**

# O QUE FICA?

Palavras por escrever  
versos a esquecer  
espalhados e perdidos  
em mensagens apagadas.  
Já não há mais rimas  
nem páginas  
nessa história  
terminada sem acontecer.  
O que fica?  
Talvez uma certa mágoa,  
uma saudade que tudo supera  
em um poema triste  
que nada mais tem a dizer.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# OS CAMINHOS NÃO ACABAM

E um dia ao sentar na mesa do café  
Havia um guardanapo  
Deixado por quem ali sentou antes de mim  
Como num ato de fé  
Escreveu com a caneta tinta azul  
Mas os caminhos não acabam...  
Guardei para tirar uma foto  
Do pequeno pedaço de papel  
Na complexidade da vida  
Há pequenos fragmentos que nos saltam aos olhos  
Possibilitando refletir sobre as escolhas  
Os caminhos, as voltas  
Os contornos e entornos  
A dialeticidade da contemporaneidade  
As agruras e dores expostas  
Em um mundo por vezes sem respostas  
Sem respostas para o caos  
As necessidades  
Angústias latentes  
Mas que nos força reiteradamente  
Cotidianamente  
A buscar caminhos que preencham nosso ser  
Que tarefa difícil  
Imprevisível  
A capacidade humana de adaptação  
Ressignificação  
Nunca foi tão urgente e expressiva  
Causando dores e angústias  
Temores e dissabores  
Mas sobretudo tentativas de saída  
Outros horizontes  
Novas perspectivas  
Que possamos ter um acalento no caos

Abraçar as fragilidades e nos cobrar menos  
Compreender a existência de forma singular  
Pois os caminhos não acabam...

**PAULA YURIE ABIKO**

# OPRESSÃO FIGURADA

Bocas e jeitos articulam ao ver um dos nossos.

Todos pretos, todas pretas, todas negras...

Apesar do simbolismo que isto ou isso representa..

Sabemos o que é... Racismo!

Outrora vivi isto ou isso ou aquilo...

Sei que doeu...

Hoje dói mais porque bate em mim como uma pedra monolítica...

Bate em ti...

Bate em si...

Bate em todos nós... Nós!

Bateu em minha cria... Minha filha!

Olhares discretos e dissimulados apontam...

Uma jovem, dedicada, sonhadora... Livre!

Livre como eu fui no passado e preso aos rótulos, alcunhas dos brancos racistas... Racistas!

A escravidão mental de quem tenta nos desfazer é uma forma de mostrar fraqueza ou medo do nosso poder de harmonizar os espaços... Somos belos, ou melhor, lindos...

Não sei, talvez o tempo tenha retrocedido ou nunca retrocedeu no imaginário racista...

Xangô apontará com o seu machado os nortes... Kaô Kabecilê!

O tempo é a dimensão do passado e vamos vencer.

Somos normais, somos gente.. Somos livres!

Todavia, as figuras da opressão, os racistas, estão com caras e bocas na estrutura “Merdal” do racismo de todo dia.

O Racismo se compõe de formas, aparências, modo, mentiras, falas...Ele é inodoro!

Ele é insurgente e leviano....

Ele é cafona e antiquado...

Ele ou Ela são nojentos...

Podre...

Ele faz ainda manter a divisão entre branquitude e negritude...

Todo mundo nesta cidade é...

Homem, menino, mulher...  
Todo ou todos ou todas somos livres... Livres!  
Somos vítimas do lodo do racismo estrutural...  
Mas, somos um povo lindo, alegre, artístico, essencial, cultural, histórico,  
sonhador e poderoso...  
Vamos vencer, minha filha...  
Que o perfil seja malfeito...  
Viva o povo negro!

**EUCLIDES SANTOS BITTENCOURT**

# ORAÇÃO CORAÇÃO

Eu sou um mar de fogo  
E recebo dentro de mim  
Todos os rios que chegam

Eu me abro para tudo o que há aqui e agora  
Eu me entrego ao fluxo de amor

Eu sou um mar de amor  
Eu sou filha do Oceano de Amor, Divino Pai Eterno,  
Filha de Grande Mãe Terra

Eu sou um vulcão, um dragão de luz  
Uma montanha com raízes de lava  
Meu sangue, um rio de fogo

Meu coração sagrado pulsa o fogo do amor  
Paixão, eu sou

Feminino e Masculino em sagrada união  
Fogo da sensibilidade  
Força das águas profundas  
Eu sou

**RENATA MOREIRA DA SILVA**

# PAIXÃO E PAZ

Paixão sem paz  
Paz sem paixão  
O que pesa mais  
na balança de uma vida?

Paixão impulsiona  
e tensiona  
em direção  
à intensidade

Paz purifica  
e edifica  
o caminho  
da serenidade

Paixão sem paz  
Paz sem paixão  
Cada uma gera o fruto  
do sentimento que lhe é tudo.

Resta saber  
se o que se tem  
ou o que se busca  
é o que se quer  
na luta incessante  
por um dia ser feliz.

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# PAIXÃO DE ESCRITOR

Quem escreve acredita  
Na força da escrita.  
Concepção de escritor,  
É reflexo sonhador.  
Talento de expressar,  
Toda forma de sentimento  
Infinito como o mar...  
Dá sentido até o vento.  
Nesta nostalgia,  
Tudo que é utopia  
Se torna um grande ideal,  
Em cada traço intelectual.  
E neste cenário,  
Põe-se essência e vigor...  
Transforme o imaginário,  
Numa forma de amor.  
Escrever é dádiva holística,  
É sonhar e ser otimista...  
Em cada palavra,  
Um novo ser desbrava...  
Com força de vitória,  
Pelas letras apaixonado,  
Busca fazer história  
Em cada traço rabiscado.  
Um coração entre tintas e pincel  
Pulsando amor entre o lápis e o papel.  
É o escritor com sua virtude  
A escrever magnitude.  
Saudações a todos escritores,  
pela brilhante arte de se expressar!  
25 de julho, dia do escritor.

EDSON SILVEIRA

# PALAVRAS

Palavras são extremamente indiferentes, enganam como se não conhecessem a gente

Podem sempre se utilizar da ambiguidade e a partir daí, perder a utilidade

A verdade tem que sempre ser dita, antes de tudo que carrega da vida

Ouvir o correto é sempre pior; mas ser honesto, é sempre o melhor

LARISSA CARRAZZONI

# PANDEMIA, PANDORA E PACIÊNCIA

Com a estranha sensação do que a pandemia do COVID-19, não veio do nada, lembrei-me da mitológica Pandora e da sua caixa.

A mitologia nos conta que Júpiter criou a primeira mulher e a batizou de Pandora. Foi feita no céu, e cada um dos deuses contribuiu com alguma coisa para aperfeiçoá-la. Vênus concedeu-lhe a beleza e os encantos que seriam fatais aos homens; Mercúrio deu-lhe a persuasão, a graciosa fala e o coração cheio de artimanhas e astúcia e Apolo a música e o canto. Plena de dotes, a mulher foi mandada a Terra e oferecida a Epimeteu (o que pensa depois), que de boa vontade a aceitou, embora tenha sido advertido pelo irmão, Prometeu (o que pensa antes), a ter cuidado com Júpiter e seus presentes e nunca os receber. Contudo, Epimeteu apaixonou-se pela jovem, tornando-se o primeiro marido da história.

Hermes, o mensageiro dos deuses, trouxe uma belíssima caixa como presente de casamento na qual estavam guardados certos artigos malignos. Pandora foi advertida para jamais abri-la. Contudo foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha àquela misteriosa caixa. Certo dia destampou-a deixando escapar e espalhar-se pelo mundo, uma multidão de males, sofrimentos, medos, violências, pragas e doenças que atingiram o homem. Pandora apressou-se a colocar a tampa na caixa, mas, infelizmente, escapara o conteúdo da mesma, à exceção de uma coisa que ficara presa no fundo e que era a esperança.

Assim, sejam quais forem os males que nos ameacem a esperança não nos abandonará e, enquanto a tivermos na alma e no coração, nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados.

E certamente esses males continuam soltos a afligir a humanidade. As doenças e as catástrofes vêm se aperfeiçoando em modo e em estilo. Dessa vez, mesmo com todo o avanço científico e tecnológico sem precedentes, onde vivenciamos a Revolução 4.0, um vírus foi capaz de causar uma pandemia e colocar o mundo em alerta total.

Nos tempos que rotulamos de pós-modernidade, experienciamos a era dos perigos, face as grandes catástrofes que marcaram o século XX. Vivenciamos duas grandes guerras mundiais, campos de concentração (Auschwitz), acidentes nucleares (Nagasaki, Harrisburg e Bhopal). Infelizmente esse é um breve e parco relato sobre toda a miséria e a violência que seres humanos infligiram a seus pares. Ademais, não podemos esquecer que os inventos modernos passaram a causar estragos de magnitude e sem fronteiras. Por exemplo, vemos que a partir do aci-

dente nuclear de Chernobyl, os perigos passaram a afligir a todos, indistintamente. A nuvem radioativa ficou meses provocando pavor da contaminação nuclear.

Vivemos na globalização. Em face da facilidade do comércio entre países e do grande fluxo de pessoas que circulam entre eles, uma epidemia vivida em uma dada região e transplantada para as demais regiões do planeta, inclusive em áreas mais longínquas. O que conhecemos como fronteira não é capaz de barrar os vírus, bactérias e demais micro-organismos. E é por esse motivo que as doenças do passado transformaram-se em pandemias e, a que estamos vivenciando, sem dúvida é a mais grave que até hoje assolou a humanidade. Penso que os males que a Pandora libertou da caixa, são inteligentes e estão em constante mutação. Certamente se alimentam da maldade, da falta de amor ao próximo e, sobretudo, da falta de cuidados com o corpo, com a alma e com a mente. Desenvolvemos armas letais. Não só os conhecidos venenos, os arsenais bélicos e nucleares. Produzimos lixos de todas as espécies; provocamos o contágio das águas e o desequilíbrio da Mãe Natureza; manipulamos a vida em seus códigos genéticos. Podemos produzir monstros piores do que os que estavam aprisionados na caixa de Pandora.

Pensando um pouco sobre o ser humano e a humanidade, vem à mente as palavras do filósofo Jean Paul Sartre que reflete sobre o sentido que o homem dá à própria vida: “Estamos condenados a ser livres”. Para Sartre, a existência do ser humano vem antes da sua essência. Ou seja, não nascemos com uma função pré-definida a exemplo de uma tesoura que foi feita para cortar. Segundo o filósofo, antes de tomarmos qualquer decisão, não somos nada. Moldamo-nos a partir das nossas escolhas. Toda essa liberdade resulta em muita angústia. Essa angústia é ainda maior quando percebemos que nossas ações são um espelho para a sociedade. Estamos constantemente pintando um quadro de como deveria ser a sociedade a partir das nossas ações. Para Sartre, a má-fé seria mentir para si mesmo, tentando nos convencer de que não somos livres. O problema é que nossos projetos pessoais entram em conflito com o projeto de vida dos outros. Eles, os outros, tiram parte de nossa autonomia. Por isso, temos de refletir sobre nossas escolhas para não sair por aí agindo sem rumo, deixando de realizar as coisas que vão definir a existência de cada um. Ao mesmo tempo, é pelo olhar do outro que reconhecemos a nós mesmos, com erros e acertos. Já que a convivência expõe nossas fraquezas, os outros são o “inferno”. Está é a origem da célebre frase do pensador francês.

Partindo desse pressuposto de que temos a liberdade de condução de nossas vidas, e pensando no atual momento que impõe a todos o isolamento social, na medição da distância considerada “segura” entre uma pessoa e outra. Pensando no uso de máscaras e da necessidade premente de higienização. Certamente essa liberdade está em pensar em como nossas atitudes atingirão o outro, mesmo que a nossa liberdade seja tolhida. Em meio a isso, é necessária se ressaltar que a liber-

dade vem abraçada a outros sentimentos: a esperança e a paciência. Esperança é uma crença emocional na possibilidade de resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias da vida pessoal. A esperança requer perseverança. É acreditar que algo é possível mesmo quando há possibilidades do contrário.

A paciência é caracterizada pela manutenção do equilíbrio emocional. Consiste basicamente na tolerância a erros ou fatos indesejados. É a capacidade de suportar incômodos e dificuldades de toda a ordem, de qualquer hora ou em qualquer lugar. É a capacidade de persistir numa atividade difícil, adotando a tranquilidade e acreditando que conseguirá o que quer. É ser perseverante e esperar o melhor momento para atitudes. Aguardar em paz a compreensão que ainda não se tenha obtido. Traduz-se na capacidade de ouvir alguém, com calma, com atenção, sem ter pressa, capacidade de se libertar da ansiedade.

De paciência, deriva a palavra “paciente”, que é destinada aos enfermos que estão sobre cuidados médicos. E o que mais estamos acompanhando com a evolução da malsinada pandemia, é vontade das pessoas adoecidas, de se tornarem “pacientes”. Ingressando no estado antagônico da paciência, vem o desespero que se apoia na míngua de leitos em hospitais, na ausência de medicamentos, pela falta de ar nos pulmões. Medo de ficar sozinho. Tememos a possibilidade de perder a vida sem poder dizer aos entes queridos do amor que partilhavam.

Voltando um pouco à lenda de Pandora, diz-se que, após libertar os males, ela caiu fulminada. Hades, o deus do reino dos mortos, com interesse nas ambições de Pandora, procurou as Moiras que eram as entidades que dominavam o tempo e lhes pediu para que voltassem o tempo. Sem a permissão de Zeus, elas nada puderam fazer. Hades então vai até seu irmão Zeus e pede para ressuscitá-la e conceder-lhe a divindade que sempre aspirou. Assim, Pandora torna-se a deusa da ressurreição.

A imagem de Pandora e a esperança são símbolos de uma parte do ser humano que, apesar das frustrações, desapontamentos e perdas, ainda encontra forças para se agarrar ao sentido da vida e ao futuro. A esperança é sempre uma luz que nos serve como guia, mesmo que não consiga dissipar a escuridão que nos aflige a alma. A esperança e a paciência, nesses momentos, fazem a diferença entre a vida e a morte. A esperança é algo profundo e misterioso que transcende a qualquer catástrofe. Entretendo ela surge de uma vontade, ou seja, como nos lembra Sartre, de algo deliberado. Penso que é assim que devemos agir, deliberando pela vontade de viver.

E seguindo com as minhas esperanças, para fechar essas reflexões, cito um trecho da letra imortalizada na música “paciência”, composta por Carlos Eduardo Carneiro De Albuquerque Falcão e Oswaldo Lenine Macedo Pimentel, que traduzem a situação que vivenciamos agora:

“Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
O mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência”.

**ANDRÉA KEUST**

# PARABÉNS

Hoje é meu aniversário  
Não Pertenço à idade da loba  
Nem à melhor idade  
Viajo sobre o que eu ouço  
E nos meus sentimentos  
Meu corpo arre pia  
Sinto desejos  
Estou comemorando a vida  
Meu corpo não está morto  
Está livre, leve, solto  
Estou sentindo prazer  
Não preciso provar nada a ninguém  
Meu calor não está associado à menopausa  
E sim ao toque, ao gozo,  
À juventude desse amor que arde dentro da pele  
Escolhi ser feliz,  
Mulher da idade que for  
Seus desejos não devem ser negados por preconceito  
Viva com prazer  
Seu corpo merece  
Todo esse glamour que nossa idade permite.

**JOSELENE NEGRA BLACK**

# PARABÉNS MULHERES

Já bem disse o poeta certa vez: “se não fosse a mulher, formosa flor, a história seria mentirosa” (Otacílio Batista Patriota). Dessa forma, comungo de um polo ao outro com tal assertiva. É inenarrável a emoção que nos toma ao ler tão glorioso artigo.

Cavalgar nas imagens como se fora flutuar entre o imaginário e navegar no belo mundo da imaginação feminina, através de seus escritos que também representam, de certo modo, sua visão de mundo, seus traumas, suas nuances e alegrias, dissabores e sorrisos, vitórias e guerras travadas - e são tantas que nem se pode somar - além de que aplacenta a sensação de novos ares e o descampar de um mundo literário absurdamente incrível, gostoso e que precisa ser levado ao grande público de formas que integre o coletivo nessa política de inserção.

Que a mídia divulgue, que os poderes apoiem e que as políticas sociais e públicas possam dar à mão com incentivo proeminente.

Parabéns escritoras, parabéns mulheres guerreiras, fortes, MULHERES!

**RENATO SANTOS**

# PEÇO

Peço que a liberdade não te assuste,  
e que a luta não te canse tanto.  
Peço que sejas teu próprio pão, teu leite,  
tua chave e teu canto.  
E se der, tua luz e teu chão,  
custe o que te custe.

Peço que tomes daquele cálice proibido,  
tenha ele ou não o nome de maçã,  
pois dele podemos ter nascido  
e com ele ainda podemos fazer amanhã.

Peço que enchas teus dias de madrigal.  
Que tires de ti a amargura  
que ainda te sufoca e te é malsã,  
e que em seu lugar coloques apenas  
amor incondicional,  
pelo que seja, por quem seja.  
E sim, eu sei,  
todo amor demanda,  
dá-nos muito trabalho,  
mas vale.  
Pode salvar-te.  
Porém, se te matar quiser,  
mata-o antes, ao amor.  
Por Eros hás de ser absolvida.  
Terá sido em legítima defesa da tua vida.  
E parte para outro eterno amor.  
O mundo está cheio deles.  
E também por isso eu te suplico:  
nunca digas um “fico”  
quando se tratar de seres uma escrava emocional.  
Peço que abras as janelas do medo

e que o deixes ir,  
acabando com o arremedo  
de uma vida de fachada.  
E que em seu lugar coloques os sonhos,  
que têm asas e nos podem transportar por aí,  
mundo afora.  
Mas, por favor, tem que ser agora.  
Daqui a uma hora já poderá ser tarde.  
É que já arde,  
há tempos,  
a necessidade de reconciliares em ti razão e coração.  
São apenas os sentimentos,  
que peço sejam por ti pensados.  
Peço que coloques um pouco mais de ti,  
e bastante menos dos outros,  
para fecharmos essa conta.  
Como ela se encontra,  
deixa-te para trás,  
com teus desejos pisoteados.  
A tua essência te busca, em ronda incessante,  
então dela não te escondas,  
não fiques dela distante;  
enxergue-a,  
valide-a.  
E seja aquele ser sentipensante,  
que Galeano e seus pescadores  
te inspiraram a ser.  
Peço, apenas peço.

**GISELA MARIA BESTER**

# PELOURINHO

Pedras herança colonial  
Por tantos carregadas  
Pedras reluzentes  
Pedras de ébano  
Passado inesquecível  
Eternizado na gente  
Pedras traiçoeiras  
Pedras marcadas de sangue  
Pedras por onde arrastaram corpos  
Corpos como se não fosse nada  
Pedras de castigos  
Pedras da vergonha  
Pedras malfadadas  
Histórias de ontem e de hoje  
Se repete a cada irmão assassinado  
Por cada pedra, Pelourinho  
Que uma mão se levante!  
Que uma boca grite lute!  
Que uma pedra seja arrancada!

**KARINA G. DE SÁ**

# PLENITUDE

Hoje poucos estão completos.

Falta uma parte do coração, uma parte do amor que partiu abruptamente, deixando a vida sob os estilhaços da dor.

Hoje muitos estão fragmentados.

Uma parte de si renunciou. Restou a ausência e a lembrança do sentimento de integralidade.

Hoje todos estão frágeis.

O adeus não se fez presente, o abraço ficou pendente, o sorriso para sempre guardado, a existência entre a esperança e o desânimo, a distância entre a agonia e a impiedosa resignação.

Não há como reinventar a parte que falta. Não há como preencher o lugar da parte. Apenas é possível conviver com o vazio deixado pela parte. Conviver e Ser. Conviver e Redescobrir. Conviver e caminhar em passos brandos.

O amanhã aguarda um novo sentido para a plenitude em meio a espaços vazios que de modo algum serão preteridos, mas sim apreciados pelo o olhar da ressignificação.

CLÉCIA CRISTINA GALINDO

# POEMA DE UMA SEMELHANÇA

Tive medo de te ver  
encontrar você me gelava o corpo  
deixava trêmula as minhas mãos  
tornava inexistente qualquer tipo de palavra  
Te rever depois de tudo que vivemos, individualmente  
era fazer sangrar o que tentei ignorar e fingir por meses  
era encontrar com a minha própria dor  
rememorar e visitar a minha ruína  
Olhar no fundo dos seus olhos refletia tudo que vivi  
me levava a reviver a minha dor e cada momento perpassado  
cada sensação de desconexão que o segundo seguinte me trouxera  
Ver você ...

era estar diante de minha imensa e concreta finitude  
e assim estar diante do caos de um amor que partiu  
os estilhaços estavam por todo o chão, dentro de mim  
meus pés e meu coração se cortavam ao tentar continuar a caminhar  
A sua dor era a minha, a minha dor era a sua  
misturávamo-nos numa proporção que já não era mais possível separar  
talvez, realmente elas nem existissem distantes uma da outra  
Seres Humanos se encontram e se reconhecem nas suas fragilidades  
a dor, a perda, a morte, a frustração, o amor transformam semelhantes em

iguais

não vê cor, não vê credo, não vê limite  
e não põe fim, nunca a nada.

Está!

É!

Presente, fria e intensa

como seus olhos que tanto amei

tanto quanto os seus ensinamentos que conservo em minhas memórias e  
nas minhas atitudes

(R)encontrar opostos que partilham a flor da pele a mesma dor, a mesma  
sensação

nos faz libertos

nos faz sentir tudo que engarrafamos e a seco engolimos  
nos faz capaz de abraçar o outro e como ato de amor e empatia nos abraçar  
também

nos faz gentil com nós mesmos, aceitando nossa pequenez e miudeza dian-  
te do mundo,

das coisas da vida, do amor e da própria necessidade de sobrevivência

Sentimentos caros à condição humana

um (não) lugar de fala que torna o estrangeirismo inexato

que faz do lugar do outro o nosso próprio lugar

A realidade da doença nos irmana

na insegurança, no sofrimento, na resistência

na luta pela vida

Afinal, ao te encontrar, seu abraço virou meu lar

permitiu que eu pudesse desabar e chorar

e foi assim que os rios de meus olhos verteram em correnteza

Foi naquele instante, naquele gesto, que eu vi o mundo parar

e entendi que o outro também é um lugar, um paraíso para se morar

através da escuta hospitaleira que é capaz de acolher, aquecer e transmutar

Somos poemas vivos, e nada é e não será mais sonoro e encantador do que  
as rimas feitas em conjunto

métricas não estáticas e inconfundíveis

De uma independência que acontece somente com e através da interde-  
pendência.

Todo luto é uma forma de tentar fazer da vida eterna

Seria então, a morte um prenúncio da própria eternidade?

Silêncio!

A cura deste amor, desta dor

não está em outro lugar que não no próprio amor

e na própria dor!

**ALINE VENUTTO**

# POESIA OU PRECE?

ambas me apresentam o mesmo significante:  
uma ação que me desliga do meu corpo físico  
Levito!  
Me dizem mais dos meus próprios planos  
Nelas, só existe alma, essência e sentimento  
Todos os meus poros dilatam  
Expando!  
Como uma centelha do amor  
Ou uma divindade  
parte do todo que sou  
Explodo!  
Fornecem-me uma atenção carinhosa e hospitaleira  
Fazem-me plena  
Plena de mim.  
Abraço!  
Símbolo do que vivo: a fé raciocinada  
No portal da Luz  
ser feliz é troca  
amar é fusão.  
Minha prece é poesia  
da minha poesia sempre faço uma prece

ALINE VENUTTO

# POETA SINCERO

Já li que poeta não escreve para agradar  
Eu também não o faço, hei de confessar  
Escrevo sobre aquilo que sinto  
Prefiro dizer minhas verdades, não minto  
Mas para dizer o que penso não preciso de ofensas  
Dou a opinião e os motivos, quem quiser se convença  
Respeito o direito alheio de pensar diferente  
E procuro olhar o ser humano  
Que existe por trás de cada gente  
Aprendi a não me importar se alguém quiser me ofender  
A ofensa fica com ele, não vou receber.

**BIANCA ROSENTHAL**

# POR ENQUANTO

Enquanto ainda há tempo  
percamos tempo sentindo o vento,  
as mãos procurando afagos,  
os dedos apontando estrelas maduras  
na fresta aberta dos dias,  
no estreito vesgo das noites,  
pés descalços na relva, na calçada,  
no chão da sala, na cama desfeita,  
nos dias esticados sobre a mesa,  
no farfalhar dos galhos avisando  
que ainda umas asas flutuam céu lá fora.

Enquanto ainda há tempo  
permitamos uns delírios, uns lírios, uma lira,  
acordes dissonantes  
brincando de outras vidas em dimensões paralelas,  
em que sonhar novos mundos  
seja a melhor iguaria no céu da boca  
onde aprisionamos nossa ira.

Enquanto ainda há tempo  
 façamos de conta que restamos todos num mínimo decentes,  
guardando futuros quase perfeitos entre os dentes,  
entre risadas felizes, estradas oblíquas, caminhos à frente.

[Enquanto ainda há gente]

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# POR MIM

O poema que escrevi  
Nasceu dentro de mim  
Lugar de sentimentos infinitos  
Que ressoam  
Em discordância do meu existir.

**LUANA OLIVEIRA ARAÚJO**

# PRELÚDIO

O pensamento aflora o desejo!  
Ouço-te em gemidos expressivos  
que conduzem ao êxtase prelúdio!

Ah!! Sonoro prazer!

Ouço-te em reticentes  
espasmos onomatopéicos que simulam a ritmada modulação...

Estás atônita em frequência assíncrona camuflada pelo frenético zumbido  
que estimula o sonhado apogeu.

**RODRIGO LUZ**

# PRESENTE DEVOLVIDO

Chegou  
Tão perto  
Que ninguém mais  
Com sua pele  
De raposa  
E sua força  
De cavalo  
Me deitei  
Na sua cama  
E lhe dei  
Meus olhos  
Não os quis  
Devolveu-os  
Cheios de lágrimas  
Lhe dei  
Minha boca  
Não a quis  
Devolveu-a  
Com fel  
Dei-lhe o dia  
Não o quis  
Devolveu-o  
Agora noite  
Insone e escura  
Dei-lhe a alma  
Não a quis  
Devolveu-a  
Com meu  
Corpo viciado e sedento  
Dei-lhe a voz  
Em meus poemas  
Não a quis tampouco  
Devolveu tudo  
Com esta saudade  
Que também não quer.

# PRIMAVERA

De todas as estações, és a mais esperada.

Esperado do verbo Esperar que traz a esperança.

És a única com nome de Mulher!

És prima de todas as Veras.

Das brancas, amarelas, negras e índias.

Tua chegada traz a alegria das cores, colorindo as flores e suavizando as dores.

Dores vividas, sofridas e vencidas.

Teu colorido colore o coração e alegra a alma.

Tu és Veras, Marias, Dulces, Azelenes, Marielles, Cecílias, Dandaras.

Tu és Veras e verás que filhas tuas não fogem à luta.

Primavera!

Tu és cor nesse mar de desamor.

SANDRA GONÇALVES DALDEGAN

# QUÍRON

Olho em meus próprios olhos  
Vem silêncio, palavras e sentimento  
Tento acolher com compaixão os pedacinhos mais tortos

Olhar para dentro é difícil  
É preciso coragem para me assumir humana  
Uma luta de sensibilidade e concha  
Mas a curadora ferida ressurge das cinzas, sempre.

Um pequeno passo que dou em direção à mudança  
E sinto mil passos de anjinhos do universo para mim!

**RENATA MOREIRA DA SILVA**

# RASCUNHANDO REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS (- TRANSFORMATIVOS) E DIALOGANDO COM E COMO POETAS

E se falássemos com e como poetas? Há um certo tom de loucura e sensatez nisso: (eu diria até que) é ato contínuo implícito que nos acompanha(rá) ao longo de nossas vidas.

Este texto não é um Ensaio na/da/à Loucura (inclusive, essa é uma empreitada e tanto em que Nietzsche se colocou — e que vai ficar para os que ainda virão). Tampouco é um elogio a eIA (porque, aliás, deixo isto para Erasmo de Rotterdam, que ousou fazê-lo).

O que aqui escrevo são rascunhos de reflexões que acompanhar-me-ão por onde quer que eu vá. E aqui as coloco porque elas podem também lhe acompanhar.

Sem qualquer motivo especial, início este rascunho de conversa falando sobre a amizade. E, para essa conversa, convido-lhe Drummond. Tu não dizias que “ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade”? Pois bem, talvez escrever sem motivo é a mais pura forma de escrever – e de expressar o que se quer expressar.

Certa vez disseste que “A amizade é um meio de nos isolarmos da humanidade cultivando algumas pessoas”. Mal sabias tu, Drummond, que um vírus acharia uma nova forma – ainda mais intensa e inevitável – de nos isolar.

E nesse vai-e-vem estagnado, vivo com (a) saudade: de ter o que antes tinha tão próximo de mim e o que um dia estará; e, sim, Mário (Quintana) “é o que faz as coisas pararem no Tempo”. É que também tenho saudade do que não existiu, Drummond, e só de pensar, dói(-me) a alma. Mas tuas palavras resinificam – em partes – um todo, em sua magnitude particular: “A amizade é um amor que nunca morre” – que assim seja até o meu último suspiro.

Mas, e a saudade, Drummond? Olho ao meu redor e não vejo uma cura para ela. Mas tu, em teu ato mais ousado, disseste, Drummond, que o melhor remédio contra a saudade é a falta de memória. E se ela, a saudade, não existisse? E se ela deixasse – por um dia ou por uma eternidade inteira – de existir? Manuel Bandeira chamaria, ainda assim, sua amada Anarina para viver no Rio de Janeiro (largando os amigos, seus livros, riquezas, sua vergonha) e apreciar a

Brisa dessa “Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil”? Deixar-te-ei responder à essa inquietude. Tome o tempo que for necessário, mas não se demore, porque a saudade não (nos) espera(rá).

E por (ainda) falar em saudade, Toquinho e Vinícius, não me arriscaria a descrevê-la: é que ela é tão grande e intensa que sequer caberia neste escrito. O que ela é, para que ela serve, de onde ela vem, para onde ela vai? Eis o enigma. Também não me arriscaria a mensurá-la (o grau e/ou intensidade) dela em meros mortais, como nós. (Aliás,) Ousado(a) seria a pessoa que o fizesse — nos mais caprichosos pormenores — e que a justificasse para quem um dia já a sentiu, não acham?

Falo por e para mim e para quem quiser ouvir. Porque a saudade que sinto não pode — nem jamais poderá — ser redimensionada para caber em uma simples imagem de uma Galeria de smartphone. Ela vai além da Ciência e da Tecnologia do Mundo dos Homens. É intangível. Ele por si só já vibra — em frequência harmônica de sorrisos largos — uma quantidade de energia que seria capaz de consumir toda a bateria do aparelho — e, ainda assim, como num passe de mágica, permaneceria viva em minha Memória.

Talvez tenha uma vantagem de não a ter: divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez, dizia Nietzsche. Mas o que seria de nós sem memória, Drummond? Dizem por aí que a memória é como um HD e que ela é o local onde nossas vivências vão ficar para que um dia possamos relembrar o que vivemos em nossas vidas.

E a Vida? Ela, dizia Gabriel (García Márquez), “não é mais do que uma contínua sucessão de oportunidades para sobreviver”. E quero lembrar de cada uma delas: afinal, qual o sentido de aproveitá-las e de realizar sonhos se, ao final, não iremos lembrar do que fizemos? Tu mesmo ousasses dizer que “as coisas tangíveis se tornam insensíveis à palma de mão” Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

E a(à) Memória, Drummond, só de pensar em perdê-la, penso em esquecer isso. Porque, assim como Manuel (Bandeira), vivo nas estrelas e é lá que brilha a minha alma. Tenho em mim, Drummond, todos os sonhos do mundo: [aliás, estavas certo, Fernando (Pessoa)] “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

A vida é um sopro – e “é muito curta para ser pequena”.

**RENAN FRANCELINO DA SILVA**

# RECEITA PARA NÃO CHORAR NO DIA DAS MÃES

Outro dia a gente chora.  
Hoje não é hora.  
Coloca a máscara, escondido o pranto,  
diz à mãe que hoje o filho não vem,  
nem depois, nunca mais um filho, nunca mais,  
– e daí –

Outra hora a gente reza.  
Hoje não tem vez.  
Também pudera,  
a vida – assim – tropeçando em covas rasas...  
Ajeita bem a fala, cuida das palavras,  
diz ao filho que hoje a mãe não vai,  
nem depois, nunca mais a mãe, nunca mais,  
– e daí –

Noutro tempo a gente grita.  
Hoje não é dia.  
Goela abaixo toda a dor,  
diz aos filhos – não tem mãe!  
diz à mãe – filhos... mais ninguém!  
nem depois, nunca mais, nunca mais,  
– e daí –

Sejam impedidas todas as agonias!  
Busca um sonho bem antigo  
(há de ter mais um no baú dos teus guardados),  
desembrulha cada uma das presenças,  
esfrega bem cada uma das lembranças,  
até que vejas  
na transparente cortina das retinas,

do outro lado – bem acesa a saudade –  
mascarada a utopia dos impossíveis...

Porque toda mãe sabe não chorar (chorando),  
toda mãe é exímia bailarina das rotinas,  
toda mãe entende bem de precipícios  
(e de asas sempre atentas à beira)  
– mães não são feitas para alcançar o fundo de nenhum mundo –  
mães são rios de beber o mundo nos próprios olhos/enchentes d'água  
porque só um rio/mundo sabe desaguar tristezas num coração de profun-  
das águas.

**NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA', EM HOMENAGEM  
A TODAS AS MÃES QUE PARTIRAM E A TODAS AS MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS, NO  
PRIMEIRO 'DIA DAS MÃES' EM PLENAS AGONIAS DA PANDEMIA)**

# REFAZENDO-SE

Junte seus cacos.  
Cole suas lascas.  
Costure seus retalhos.  
Alinhave seus fiapos.  
Assopre suas bolhas  
e também suas feridas.  
Reavalie suas escolhas.  
Desative as defensivas.  
Encha seus balões.  
Acenda suas luzes.  
Você não precisa mais do escuro  
nem dos conselhos nublados.  
Retire seus capuzes.  
Erga seu rosto.  
Olhe-se no espelho  
e veja belezas contidas.  
Admire corações.  
Importe-se com vidas.

Delicie-se com o mel mais puro.  
Tome água com gosto.  
Regue suas flores,  
mas se acaso não as tiver, plante-as.  
Ainda dá tempo.  
E sempre há espaço  
para novos amores.

Pinte seus desenhos.  
Mova seus móveis.  
Ornamente seus imóveis.  
Tenha mais certezas.  
Faça preces pelos seus mortos e por si mesma,  
pela família, pelos amigos e até por inimigos.

Para acarinhar seus bichinhos,  
também dedique um tempinho.  
Mas faça isso sem demora,  
pois eles precisam de você agora.

Esqueça as tristezas.  
Deixe-as irem embora.  
Cave fé.  
Perdoe. Perdoe-se.  
E voe.

Como de costume,  
não tenha condescendência  
com as injustiças.  
Tua missão, não desperdiça.  
Dispense os remorsos.  
Afugente os monstros.  
Rejeite o veneno  
da inveja, da competição,  
de tudo o que seja pequeno.

Mantenha sempre limpa  
sua consciência.  
Combata a culpa,  
ela é sempre improdutiva.  
Transforme em fortaleza  
aquilo que era em você fraqueza.

Supere os externos julgamentos,  
e os internos também.  
Só a força dos seus pensamentos  
pode levar você além.  
Liberte-se do seu perfeccionismo.  
Aliás, ele nem é seu.  
Você não precisa ser perfeita em todos os momentos.  
Nem mesmo nunca, se assim o desejar.

Não fique confinada, jamais,  
na caixinha onde você foi moldada.  
E se não foi amada,  
isso já não importa mais,  
pois mesmo assim, você sobreviveu.

Você não é espectro,  
muito menos de bipolar.  
Você é multipolar.  
E com multi-inteligências,  
pode fazer ciências.  
Pode pensar, criar, viajar  
para além das redomas de vidro,  
onde foi posta de castigo.  
Ir adiante você escolheu,  
e seu gênio criador estará sempre consigo.

Ame até pelos que não amaram você.  
Resgate suas histórias.  
Valorize suas raízes.  
Tenha aprendizes.  
E registre suas memórias.  
Leia aquele livro  
que há décadas chama por você  
daquele nicho onde ficou trancado.  
Ele quer ser seu amigo, e ensinar coisas lindas.

Execute aquela receita  
que pegou da sua mãe  
e a tem por perto,  
mas nunca a fez.  
Ali, com certeza, tem amor condensado.  
E logo as vidas poderão estar findas.  
Então aproveite enquanto há tempo.  
Sei que sempre o temos,  
mas, cuidado, ele também gosta da ampulheta.

Diga bom dia ao gari.  
Esqueça das mágoas do passado.  
Viva bem aqui.  
Ouça de novo aquela velha canção,  
que já fez você sonhar por dias,  
e dançar atrapalhada.  
Distribua novamente amor.  
A benéfica retribuição, fica bem ali.  
Mas amar gratuitamente,  
tem gosto de doce algodão.  
E pode deixar sementes.

Pinte paredes, muros e muretas,  
E, se der, telas também.  
Grave sua voz, e a de quem você ama.  
Sim, aprisione um momento.  
Da saudade, depois, terá agradecimento.

Volte a ter fantasias.  
E sonhos.  
Podem até ser de nata.  
Seja grata.  
Faça a si mesma uma ode.  
Refaça-se.  
Isso de ser Fênix,  
costuma dar certo.  
Levante-se!  
Você pode.

**GISELA MARIA BESTER**

# RÉQUIEM

Quando morre um dos meus,  
Morro um pouco também  
Vai com ele minha idade,  
Esperanças e amores tantos...  
Vão pelos desvãos das nuvens,  
Os passos que demos  
Pelas ruas íngremes da cidade...  
Vão distraídas as conversas  
Noite à fora...  
Quando morre um dos meus,  
Sei que estou com ele  
Em algum lugar, dentro de mim...  
Sei que estou com ele  
Porque vivo não a despedida,  
Mas o encontro em cada poema.

SEBASTIÃO MARQUES NETO

# RESPLANDEC'ENTE CÉU DO SERTÃO

No meu sertão é assim,  
Sol se põe, céu muda de cor.  
O azul anil se transforma  
Num mesclar de amor.  
As cores se modificam,  
a sintonia permanece.  
O céu perfaz de luz  
encanta e resplandece...  
Resplandec'ente é ver ao anoitecer,  
A lua brilhar..  
O céu renascer  
e se estrelar.  
Num cenário de imensa beleza,  
Supremacia celeste.  
Ao escurecer da noite  
O mandacarú enaltece.  
Brilho do sertão,  
Oh, preciosidade infinita,  
Ver a lua é uma paixão  
Que não se limita.  
Entre a lua e o céu estrelado,  
Vejo uma estrela cadente,  
...traga luz, paz e esperança  
Protege a nossa gente.

EDSON SILVEIRA

# RESSIGNI(METAVERSI)FICANDO A VIDA EM TEMPOS DE INFLUÊNCIA DIGITAL

Este texto — que mais se parece com um rascunho de uma tese indefensável sobre a complexidade das conexões humanas em ambientes digitais ou virtuais — traz uma reflexão sobre a influência do *metaverse* (ou, como ficou conhecido, “metaverso”) em nossas vidas.

Dizem por aí que o metaverso é um ambiente virtual, que vai além do mundo real: (assim,) é uma realidade paralela em que pessoas, representadas por *avatars* (avatares, que são uma espécie de figura gráfica computadorizada) podem interagir com as outras (quer dizer, com os outros avatares).

E nós, como é que nós ficamos? Isso significa dizer que nós, daqui a poucas décadas, seremos bonecos gráficos complexos e computadorizados, numa realidade *web*nalizável?

Se estivéssemos no século passado, ao enunciar isso, as pessoas me chamariam de louco por estar conspirando contra a Humanidade e dizendo adeus ao convívio humano. E haveria um quê de razão para isso: naquela época, inclusive, aquilo que nós chamamos, hoje, de *internet* era visto como bruxaria.

Só que essa realidade está cada vez mais próxima de nós: o metaverso já pode ser acessado por meio de aparelhos com acesso à *high-tech* (o que é uma espécie de tecnologia mais evoluída), como o *Virtual Reality Glasses* (VR ou, como ficou conhecido, óculos de realidade virtual), fones de ouvidos e sensores (sim, sensores, aparelhos que inferem, assimilam e até interpretam o lado sensível do ser humano humano).

E como essa nova realidade funciona? Se o (tal do) metaverso ainda é um enigma que vem sendo decifrado pelos estudiosos, quem dirá essa figura gráfica complexa computadorizada a quem atribuíram o nome de “*avatar*”.

Dizem mundo à fora que o *avatar* é um *cyber-corp* (“cibercorpo”), que foi criado — a partir de programas e softwares — para transportar a vida real das pessoas para dentro de um mundo paralelo e virtual.

Se o *avatar* é capaz de representar cada um de nós em tal ambiente virtual e paralelo, significa dizer que ele é capaz de reproduzir a vivência humana e sua complexidade? Será que as expressões faciais do meu cibercorpo mostram as curvas do meu sorriso nos dias em que a felicidade bate em minha porta? Acho que o meu eu paralelo metaversificado terá um pouco de dificuldade para fazê-lo: (é

que) é tanta felicidade, que nem eu mesmo consigo (me) descrever. Mas e se estiver assustado? O outro metaversificado verá as minhas pálpebras e sobranceiras erguidas e o meu corpo recolhido como quem diz: estou com medo, me tira daqui? E em dias de surpresa? Minhas sobranceiras ficaram arqueadas? Meus olhos vão abrir mais do que o normal? Meu queixo vai abaixar? E a alegria, a tristeza, o medo, a raiva, o desprezo, a culpa, o ciúme, o amor, a gratidão, a solidão, a mágoa, a angústia, a carência? E os gestos? O respirar, o tocar, o pular, o brincar, o falar, o sorrir, o chorar, o olhar, o cantar, o correr? Com qual fidedigni(li)dade o esse cibercorpo transmite aquilo que sentimos? Com qual frequência? Em qual intensidade? Em que tempo: real ou imaginário? São tantas dúvidas e incertezas em meio a uma certeza próxima: (parece-me que) a vida está sendo ressigni(metaversi)ficada.

E eu? Só sei que ainda nada sei, Sócrates: há muito o que ser descoberto no novo mundo do metaverso. E a minha inquietude grita ao perceber que isso está cada vez mais próximo e que não mais sou – e nem serei – o mesmo.

**RENAN FRANCELINO DA SILVA**

# RESTINGA'S BAR

Sou tão frágil, meu bem, que um som, de leve  
pode ser-me fatal como o teu beijo:  
qualquer música brega, qualquer frase  
pode ser-me fatal. E, assim, não deve

a brisa andar tão próxima à tormenta,  
como não deve o ritmo da valsa  
transformar-se em punhais; a vida é breve  
e aquilo que é demais logo arrebenta.

Sou tão frágil, meu bem, que nada pode  
separar-me de ti. Teu nome é um sonho  
que navega em meu sonho. Tenho pena

de tudo, algo me aflige e me sacode.  
Desliga esse Gardel, bota um canário  
em vez do som, da voz que me condena.

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# RETRATO

Há sempre um tanto do retratista no retrato tirado!

Às vezes, apenas a sombra em meio a tanta luz! Ou o reflexo distorcido de si sobre o objeto fotografado.

Mas o DNA está ali, presente, mesmo que o fenótipo diga o contrário, ludibrie para uma outra realidade ou uma outra conclusão, em momentos em que não há nada a concluir!

Mas é inevitável: em todo retrato tirado há um tanto do retratista.

Sempre!

**HENRIQUE PICARELLI**

# REVOLUÇÃO INTELECTUAL

*Poema em homenagem a João Ulysses Ferreira Neto que nos deixou  
em 14 de maio de 2022.*

É preciso uma revolução intelectual para que possamos mudar tudo que estamos passando no momento.

Sem a educação nada anda.

Infelizmente, a miséria aumenta a cada segundo.

A fome nem se fala, já ultrapassa de maneira exorbitante.

Precisamos tomar consciência dos fatos, pois este governo silencia tudo.

Mas as pessoas ainda se encontram alienadas e manipuladas.

Infelizmente, muitas pessoas apoiam este governo. Precisamos ficar mais atentos, precisamos fazer a revolução.

Com o descaso do governo, a violência aumenta assustadoramente a cada minuto. Muitas vidas já perdemos nesta pandemia e muitas outras já estamos perdendo, pois, cada morte é lucro para o governo e para a elite.

Que o pobre não conhece.

Infelizmente, a injustiça ainda impera sobre o povo e sobre toda a sociedade.

A covid-19 se tornou um produto, uma mercadoria de muitos ganhos e lucros para esses políticos que nem sequer estão um pouco se lixando para a vida e a saúde do povo.

Enfim, uma coisa é certa: muita gente não gosta de ser educado e de se educar. Portanto, precisamos e temos que nos movimentar e agir contra todos os políticos que agem de forma fascista e ditatorial sobre nós. Então, vamos começar essa revolução e mudar tudo isso que estamos passando.

Com carinho e gratidão

**JOÃO ULYSSES FERREIRA NETO.**

# SEM DELONGAS

Devo ser breve.  
A petição não deve  
ter mais que duas laudas.  
A crítica não pode  
exceder uma página.  
Preciso ir talhando  
o verso que faço.  
Se não há tempo para os clássicos,  
que dirá para mim.

ANA LUZ

# SEJAMOS AS LOUCAS QUE GRITAM!

Mais uma vez a história se repete.  
Mais uma Maria ninguém, sem voz, sem direitos.  
Manipulada por todos, é isso que a ela compete.  
Pois em sua vida tudo era feito de rejeitos.

A história se repete.  
Dia triste, dia cinza, dia de luto.  
Mais uma vez, era ela deitada naquele carpete.  
Abusada, estuprada, mal amada, e em seu ventre um fruto.

Maldito fruto.  
Fruto do indesejado, do rejeitado.  
E haveria como aceitar tamanho abuso?  
Mas a culpa carregava ela, de seu próprio corpo desrespeitado.

O vômito não era do fruto  
Mas do desgosto.  
Gritar? Até tinha vontade.  
Mas a isso não lhe tinha sido imposto.

Impor a vontade de gritar, chorar, berrar.  
Para que? Por uma vida que viria a nascer?  
O sol vem para brilhar, o riso para encantar.  
Mas a dor permanece e dilacera aquela que tenta esquecer.

LARISSA ZUCCO

# SOBRE A TAL FELICIDADE

Mas onde será que habita a tal felicidade?

Em tempos difíceis da modernidade, em meio a tantas vidas perdidas, diante do caos da economia e diante da pior das crises morais em nosso país, é quase impossível conciliarmos o sono. Soma-se ao martírio de uma guerra biológica, onde o inimigo é invisível e imprevisível. Que dirá encontrar à tão falada felicidade? Mas é preciso manter a esperança por dias melhores e por situações mais amenas. É preciso perseverar.

Esperamos pelo avanço da ciência, pela evolução de novas tecnologias e passamos a entender melhor a genética e como somos formados. Passamos a conhecer o ser humano “por dentro”. Não foi apenas o avanço da anatomia. Passamos a estudar a mente, e a entender as emoções e sentimentos. Hoje dispomos de uma gama de informações para acessar, aprender e entender um pouco mais sobre o que e, como somos. Mesmo assim, ainda constatamos a segmentação entre os humanos, seja por conta da etnia, da cor da pele, da sexualidade ou do gênero. Cada vez mais estamos nos afastando da tão sonhada unidade da humanidade.

Contudo, é certo que a felicidade existe, embora não esteja fácil de encontrá-la. Ela tem irmãos que se chamam Alegria, Fraternidade, Solidariedade e Temperança. Tem um irmão mais velho que se chama Amor e um irmãozinho caçula chamado Bem-querer.

Para entendermos um pouco melhor sobre essa eterna busca pela felicidade, há uma lenda que diz que no início dos tempos, antes que a humanidade povoasse a Terra, os deuses se encontraram para preparar a criação do ser humano à sua imagem e semelhança. No entanto, eles perceberam que se fizessem isso estariam, na verdade, criando novos deuses que tornariam as coisas perfeitas e causariam inveja, gerando atritos. Então eles pensaram no que poderiam tirar dos humanos para que pudessem diferenciá-los de si.

Depois de pensar com cuidado, um dos deuses propôs tirar a felicidade e escondê-la em um lugar onde os humanos nunca a encontrariam. Essa parecia ser uma boa ideia. Então um deus propôs escondê-la na montanha mais alta. Discutiram as possibilidades e perceberam que, tendo força e determinação, a humanidade poderia alcançar quaisquer cumes, mesmo os que parecessem impossíveis de escalar e, encontrariam a felicidade.

Outra proposta foi lançá-la no mais profundo dos oceanos. Mas como a humanidade teria curiosidade, paciência e ciência, eles poderiam construir veículos que os levassem às profundezas do mar e a encontrasse.

Outra voz divina propunha trazer a felicidade para um planeta distante. Os demais deuses concluíram que, como os seres humanos têm inteligência, eles poderiam construir naves espaciais que os levariam até a felicidade.

Porém, o mais sábio dos deuses, que permaneceu em silêncio até então, tomou a palavra para indicar que conhecia um lugar onde não a achariam: propôs que escondessem a felicidade dentro do próprio ser humano, para que ficassem tão ocupados olhando para fora que eles nunca a encontrariam. Estando todos de acordo, foi o que fizeram.

E a lenda conclui dizendo que esta é a razão pela qual o ser humano passa sua vida procurando a felicidade do lado de fora, em vez de olhar para si mesmo e perceber que a ela brota internamente<sup>5</sup>.

Quando alcançamos a maturidade, trona-se fácil perceber que a felicidade está dentro de nós. É aí que surge mais um questionamento: onde é que guardamos a tal felicidade? Onde será que ela faz morada? Em nossas mentes ou dentro de nossos corações?

Penso que a felicidade não é una, mas que é composta de pequenos pedaços. Tal qual num grande quebra cabeças, vamos unindo as pequeninas peças de sentimentos para formar belas imagens que registramos na memória. Mas é no coração que albergamos a felicidade e seus irmãos.

Fazendo uma checagem em meu Eu, percebo que embora pequeno, no meu coração existe um enorme espaço. Ele é dividido em compartimentos onde vou guardando as minhas felicidades. Num deles, estão armazenadas as alegrias e os momentos felizes vividos na infância. São as lembranças do cheiro da minha casa, dos meus brinquedos preferidos e dos animais de estimação que cresceram comigo. Das brincadeiras ao ar livre e dos dias ensolarados que passei na praia. É uma felicidade livre de qualquer tipo de preocupação e povoada de um colorido maravilhoso.

Em outro compartimento, estão as felicidades da adolescência, que guardam as emoções do primeiro amor. São as felicidades das descobertas como o gosto do primeiro beijo apaixonado. Nesse espaço tenho várias prateleiras onde guardo as pequenas felicidades advindas das coisas simples como escutar as divertidas músicas dos anos 80 e 90, sair com os amigos para dançar, patinar e praticar esporte com “a turma”. Tomar milk shake acompanhado de cachorro-quente ou

---

5 <https://www.tudoporemail.com.br/content.aspx?emailid=12945>

pizza, sem ter que me preocupar com o peso. Era um período de curtir as coisas singelas, e de saborear cada conquista. Nele as cores são vibrantes e muito fortes. Embora não tivesse muitas posses, os itens que tanto sonhava, vinham como presentes em datas especiais e eram conquistados à medida que meu desempenho escolar era bom. Daí veio o primeiro emprego aos 18 anos, e com ele, as obrigações do dia a dia, passando a vivenciar a fase adulta.

Revisitando essas memórias felizes, entro na sala de minhas satisfações pessoais. Concluir o ensino médio, celebrar minhas formaturas e cresceram os conhecimentos. Dentre elas existe uma felicidade especial, atrelada à aprovação em um concurso que me levou a abraçar a magistratura como carreira. Foram emoções que me marcaram com uma enorme responsabilidade, permeada pela felicidade de uma grande conquista. Ao longo dessa trajetória de muitos anos de carreira, foram enfrentadas muitas mudanças, seja na forma de trabalhar onde o papel foi sendo transformado no virtual, seja na legislação em si. Contudo, as mudanças mais significativas estiveram na forma de entender e aplicar a Justiça.

E prosseguindo com a visita às memórias preciosas, entrei com carinho num momento sublime de felicidade. O nascimento de minha única filha. Foi olhar para a bebezinha que saía das minhas entranhas e perceber que, daquele momento em diante, não havia mais uma solidão que habitava minha alma. Meu ser foi inundado pela felicidade e por um amor profundo. É fato que, por mais que aspiremos nos tornarmos pais, só somos capazes de entender a complexidade dessa tarefa quando nela mergulhamos. Vivenciamos um misto de felicidade com apreensão de não dar conta das inúmeras tarefas, dos medos e das fraquezas. Ao mesmo tempo, somos tocados pela sensação de que o Criador nos escolheu para a multiplicação. E é assim que passamos a compreender melhor nossos pais, nossos professores e todos aqueles que se encarregaram de nos criar e educar. Sem dúvida nesse cantinho do meu coração estão guardadas as imagens das maiores felicidades.

Entrando agora numa câmara ampla, estão as felicidades ligadas aos grandes amores. Nela estão a família de sangue e a família dos amigos de verdade. Guardo aqui aquelas pessoas que elegi como irmãs de caminhada e que estão ligadas a minha alma. São aquelas pessoas especiais que, mesmo não estando fisicamente perto de nós, se fazem presentes. Seja por meio de uma pequena mensagem trocada, um carinho ou mesmo naquele momento em que precisamos apenas de colo e de silêncio. Nesse compartimento estão as memórias das felicidades ligadas a uma gratidão imensa, seja por tudo o que enfrentamos juntos, pelas causas que abraçamos na vida ou apenas pela existência desse amor que nos permeia. É nessa câmara que estão guardados além da felicidade e do amor, uma força para levantar, sempre que a vida nos traz uma queda.

E para concluir, trago um trecho da música “Felicidade” dos compositores Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes.

“A felicidade é como a gota  
De orvalho numa pétala de flor  
Brilha tranquila  
Depois de leve oscila  
E cai como uma lágrima de amor

A felicidade é como a pluma  
Que o vento vai levando pelo ar  
Voa tão leve  
Mas tem a vida breve  
Precisa que haja vento sem parar”.

**ANDRÉA KEUST**

# **SOBRE IR EMBORA**

As últimas semanas  
duraram anos,  
mas o tempo correu  
como areia entre meus dedos.  
Tentei segurar  
enquanto os dias insistiam  
em me atropelar.  
Eu só queria poder voltar  
ao primeiro dia disso tudo  
e ter evitado, desde sempre,  
esse eterno desencontro.

**ARUANI KINDERMANN LAPOLLI**

# SOBRE PAIXÕES SEM PAZ

Viver paixões  
atiça sensações  
que trazem prazer  
a não mais poder,  
mas também tensões  
que, como leões,  
devoram a serenidade  
e a paciência, de verdade.

Ninguém suporta viver  
durante toda uma vida  
uma paixão sem calma  
sem sucumbir e morrer,  
pois o objetivo de toda lida  
é assentar a própria alma

A paixão não é história  
de virtude ou qualidade,  
não se faz trajetória,  
mas, sim, intensidade,  
pois toda emoção  
tem curta duração

A paixão de Cristo  
é sofrimento,  
não encantamento  
Sob o ímpeto da paixão,  
reprimem-se sentimentos  
que vêm para confundir  
é o que era motivo  
para feliz viver  
torna-se causa  
para nunca mais sorrir...

RODOLFO PAMPLONA FILHO

# SOBREVIVÊNCIA (SOBRE VIVER)

*“Minh'alma é formada de lama, de ternura e de melancolia”.*

*(\* Vasily V. Rozanov, Esseulement)*

Lama, terra inundada de água  
por todos os lados, no meio, dentro, fundo, denso.  
Lama, do barro seco ao berro ardido,  
água que escorre marrom embaçado  
cheirando a semente em latente delírio.  
Lama, alma em estado desconexo,  
do lado oposto ao medo convexo,  
no poço sem fundo do precipício,  
aguardando o recomeço,  
um tempo descascado em devaneios.

Ternura, se a dor te vira do avesso,  
nervos expostos em contrassenso,  
escondendo a cura do sofrimento.  
Ternura, ter nervura entre os ossos,  
suportando o peso em dores profundas,  
traumas sobreviventes de dramas  
– tramas tão indecentes –.

Melancolia, desencanto, tristeza tão funda,  
passos desfeitos, respiros, suspiros,  
suspeitos assombros de um mundo aos pedaços.

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# SOMAR É A SAÍDA

Dessa nau à deriva eu quero descer  
Mas não é possível dela me esquecer  
Há muitos navegantes com quem quero estar  
Não consigo deles me desapegar.  
É preciso um plano pra não naufragar  
Firmar o pensamento num novo lugar  
Aprender com as lições e me manter sorrindo  
Gerar um brilho intenso num sonho infindo.  
Não dá mais para o outro deixarmos de olhar!  
Com humildade aprender a somar  
Baixar as armas e sem munições lutar  
Nada mais importa além de amar!  
Essa é a certeza, o sentido da vida  
No comando da nau  
Chegada e partida  
Não nos perderemos num conflito insano,  
Que nega sentido ao que é ser humano!  
Sigamos inspirados, construindo sonhos  
Plantando, colhendo e assim propondo  
Um pacto de paz que alcance o universo  
Humanizando o homem e também seu reverso.

CYNTIA POSSÍDIO

# SONETO DE APRESENTAÇÃO

Agradeço demais participar  
Deste grupo tão rico e tão seleta  
Que me faz conhecer e viajar  
Noutros mundos tornando o meu completo.  
Agradeço também ser recebido  
E poder partilhar cada postagem  
Por poder encontrar novo sentido  
Através da visão de uma nova imagem.  
O meu nome não tem láurea ou grandeza,  
Mas eu sei que os mártires da certeza  
Me abençoam, por cá, com acalantos  
Eu sou grato por ser advogado,  
Mas prefiro ser mais apresentado  
Do poeta que é Renato Santos.

RENATO SANTOS

# SOPRO DE POESIA

Todo e sempre  
Preciso me abastecer de vida  
Que é um presente  
Sem futuro.

E quando a vida acontece,  
Cheia de despedida  
A história que fica  
Me encoraja a amar, além de tudo.

E eu digo que o mundo  
Não é o mesmo sem poesia  
Há dias que apenas existo  
Com poesia, insisto

Porque sei que o brilho  
Das estrelas  
Revigora o tom  
Deste imprevisível

Mistério  
Sem futuro

Porque não dá para viver  
Sempre o que se deseja  
Eu sou um cometa  
A atravessar o meu céu  
De azul profundo

Onde ainda  
Não descobri todas as estrelas  
Mas dá para amá-las  
...além de tudo.”

PATTY OLIVER

# SUBJUGADA

Bunda grande, Negra,  
Corpo violão, mulher verão  
Querem ostentar, mas na maioria das vezes  
São as brancas que eles vão buscar.  
Não sou racista  
Só quero misturar a cor  
Quem sabe no futuro  
Meus filhos nascem com cabelo melhor  
Sempre tem uma desculpa para disfarçar  
Porque babacas não aprendem a valorizar  
Por consequência, mulher preta acaba ficando para outro plano  
Quem sabe, amante.  
Racismo estrutural causando sofrimento  
O pior é perceber  
Que essa fala também vem do preto  
Já dizia minha avó  
Quem desdenha quer comprar  
Porém, prestem atenção  
Não estou à venda  
Ser preta, bonita e inteligente  
É sinônimo de orgulho  
Solidão da mulher preta tão logo não vai acabar  
Mas tenho certeza!  
Quem perde é vocês  
Porque não permito está neste lugar  
Sem sonoridade e empatia  
Hoje consigo falar  
Sou preta da quebrada ou de qualquer outro lugar só fica do meu lado  
quem souber valorizar mulheres pretas, plurais  
Não há espaço para quem não tem coragem de assumir uma mulher inteligente e bonita só por causa de sua cor.

JOSELENE NEGRA BLACK

# SUBNOTIFICADO

Onde um corpo se deita não há mais lugar para a esperança,  
nem espaço suficiente para a coleção de 'ontens',  
lembranças já não servem ao corpo findo,  
roupas novas, sapato gasto, gravata apertada,  
a rosa, o girassol, o cravo, a margarida  
– Que serventia têm flores mortas atiradas sobre um corpo que se deita? –

Um corpo é só mais um corpo  
deitado na solidão perene,  
sem saber do dia ou da noite,  
a que horas passa a lua céu acima,  
ou se águas caem céu abaixo regando a terra.

Um corpo é mais um corpo  
entre corpos e mais corpos e outros corpos,  
sem dizeres, sem lágrimas, nem lápides,  
sem a reza, nem o credo ou o poema derradeiro,  
um corpo é mais um nu sem a alma  
– A quantas saudades de distância fica a história desse 'mais um' corpo que  
se deita? –

NIC CARDEAL, DA SÉRIE: 'POEMAS DE SOBREVIVÊNCIA À QUARENTENA'

# TERRA NOVA

Eu quero conhecer  
o que nunca planejei  
sequer vislumbrar  
em meu horizonte

Eu quero tocar  
a minha pele  
até arrepiar  
cada pêlo do corpo

Eu quero beijar  
os lábios que proferem  
palavras que mexem  
com minha mente e libido

Eu quero deitar  
o meu corpo  
no leito de onde emana  
todo o prazer

Eu quero derramar  
minha semente  
em terra nova  
apta para germinar

Eu quero descobrir  
a sensação de conquistar  
um território outrora impensável  
para quem nunca se aventurou.

**RODOLFO PAMPLONA FILHO**

# TEU RITMO

Alternando voz e silêncio  
descobri teu ritmo,  
e sobrepondo notas de ti  
encontrei tua harmonia,  
até que me vi, assim,  
cantarolando  
uma nova melodia.

Seria a canção dos que se percebem,  
sem nenhum motivo,  
encantados pelo encantamento,  
extasiados com a presença do outro,  
por perto ou no pensamento?

Querer-te e gostar-te:  
quanta ousadia a minha!

Logo tu, com ritmo tão teu,  
descompassando minhas notas?

Colocaste-as, sobrepostas,  
voz e silêncio,  
notas de mim e de ti,  
dedilhaste-as,  
compondo uma nova música de mim mesma.

ARUANI KINDERMANN LAPOLLI

# TIETÊ

Há um rio que corta a cidade  
e que enfeita a paisagem  
com o colorido cinza do asfalto.  
Um rio que amanhece com o dia,  
amordaçado pelo ir e vir de carros,  
silenciado numa triste poesia...  
Um rio de aves brancas sem vida,  
de árvores floridas  
e de ipês que escorrem como sangue...  
Há uma cidade que cruza o caminho do rio  
e o faz desviar da própria natureza!  
Há um rio que nasce e morre  
enquanto cruza a cidade...

HENRIQUE PICARELLI

# TRÁGICA FACE

VOCÊ NÃO LIGA  
SE ESTOU TRISTE  
OU ALEGRE  
COMO FOI MEU DIA  
OU SE O SOL  
ME AQUECE  
SE TENHO  
LAGRIMAS  
QUANDO VOCÊ  
ME ESQUECE  
VOCÊ FAZ QUESTÃO  
DE NÃO SENTIR  
PARA NÃO  
SOFRER  
MAS NÃO SABE AINDA  
QUE QUANDO OLHAR  
PARA TRÁS  
NÃO TERÁ PASSADO  
E QUANDO OLHAR  
PARA O LADO  
NÃO ESTAREI  
MAIS ALI  
PODE SER QUE  
APENAS VEJA  
SUA TRÁGICA FACE  
NO ESPELHO.

NELY NAZARETH

# TRISTEZA ENCAPSULADA

Durante anos,  
você encapsulou tristezas.  
Uma a uma,  
você colocou-as em cápsulas.  
E tantas foram,  
que deram colares  
e depois coletes,  
mais tarde mantos,  
echarpes  
até chapéus.  
E você foi ficando cabisbaixa  
e corcunda,  
com o peso delas.  
E de tanto não as poder contar,  
foi emudecendo também.  
E ao não dizer sobre elas a ninguém,  
também sobre elas nada ouviu.  
E foi ficando surda.  
Com o tempo, sentiu-se amarrada,  
Presas.  
Não quis mais nem andar.  
É que não podia.  
Não conseguia.  
Foram muitas essas tristezas,  
Algumas engolidas  
com aquela típica água de lágrimas.  
Outras, não menos sofridas, foram sorvidas a seco.  
Sempre sob o testemunho do mesmo silêncio.  
E se não as disse,  
o foi para não magoar alguns,  
ou por não querer preocupar a outrem.  
E assim indo, sendo e sentindo,  
livrou a todos,

poupou a todas.  
Mas aprisionou-se,  
em cápsulas de tristeza.  
E elas sequestraram seu sorriso.  
E tiraram o brilho dos seus olhos.  
Entristeceram seu coração.  
Quebraram-lhe as asas.  
Então, da sua liberdade,  
Restou muito pouco.  
Mas de cápsulas de tristeza...  
Ah, delas seu ser ficou cheio.  
E se hoje você tenta emitir pedidos de socorro,  
procurando sair desse emaranhado capsular,  
isto é inútil.  
Eles são pequenos  
e fracos.  
Não cruzam as portas  
nem da alma.  
Por isso não são percebidos  
por ninguém,  
nem por você.

**GISELA MARIA BESTER**

# UM GUERREIRO SONHADOR

És um herói inspirador...  
Ser único e especial  
Guerreiro educador,  
de grandeza Universal.

Vejo em seus atos à dedicação  
Por ser um artista sonhador.  
Sublime vocação  
Traduz ser Professor.

Excelência e humildade,  
Está no conhecimento...  
De um ser sábio, que na sociedade  
Tem pouco reconhecimento.

País capitalista,  
Sociedade egoísta!  
Não sabem o valor  
Da palavra Professor.

Protagonista da educação,  
Sabe agir com maestria...  
Sua árdua missão,  
Exige paciência e sabedoria.

Sua filosofia jubilante  
Pulsa forte em meu peito...  
És tão importante  
Oh, mestre eleito.

Parabéns Mestres do Saber  
por tão sublime missão!!!

# UM NOVO HINO DO RIO GRANDE DO SUL

*O que Chiquinho da Vovó criou, o Racista se apropriou e o Preto vai mudar*

Como a aurora precursora

Do farol da divindade

Foi o 20 de Setembro

O precursor da liberdade

Mostremos valor, constância

Nesta ímpia e injusta guerra

Sirvam nossas façanhas

De modelo a toda Terra

De modelo a toda Terra

Sirvam nossas façanhas

De modelo a toda Terra

*Mas não basta, pra ser livre*

*Ser forte, aguerrido e bravo*

*Há que se ter virtude*

*E cantar com altivo brado*

Mostremos valor, constância

Nesta ímpia e injusta guerra

Sirvam nossas façanhas

De modelo a toda Terra

De modelo a toda Terra

Sirvam nossas façanhas

De modelo a toda Terra

VEYZON CAMPOS MUNIZ

# VAGA-LUME

ACORDO  
QUERENDO VOCÊ  
E NO SONHO  
DA MADRUGADA  
SÓ.  
ESTOU COM VOCÊ.  
NOITEÇO  
E NO NEGRUME  
DA NOITE,  
COMO VAGA-LUME  
PROCURO ESTRELAS  
MAS ESTOU  
PERDIDA  
NAS LUZES DA CIDADE.

NELY NAZARETH

# VERMELHO

Do seu direito  
E avesso  
Eu faço  
Um retalho  
Do que é certo  
E errado  
Um atalho  
É vermelho,  
É cor,  
É desbotado.

NELY NAZARETH

# VIAJANTES EM CLARO: EM BUSCA DE UM ELO PERDIDO QUE SE RECONSTRÓI NA E PELA ESCRITA...

Convidaram-me para um desafio: falar sobre a escrita e sobre como ela evoluiu/evolui/evoluirá ao longo do tempo.

Aceitei-o e o farei através de um escrito-conversa ou conversa-escrito(a): (é que talvez seja) o modo que mais se encaixa com a proposta.

O Tema é instigante e desafiador porque a escrita é uma das habilidades mais complexas dominadas/dominável pelo Homem.

Não poderia deixar de iniciar essa conversa com algo que há anos tem me deixado inquieto: (e se eu lhe disser que) todo(a) escritor(a) é um(uma) viajante em busca de um elo perdido(?).

Ao longo dos séculos, os seres humanos encontraram diferentes formas de como se comunicar uns com os outros, expressar-se e registrar suas ideias, sentimentos e experiências.

Estima-se que nossos antepassados costumavam se expressar através da oralidade (isto é, o uso da língua e dos efeitos sonoros por ela produzidos, nas práticas discursivas cotidianas), de símbolos (religiosos, sobremaneira) e de desenhos (que, em sua grande maioria, eram gravados nas paredes de cavernas). Naquela época, eles entendiam que a fala, os símbolos e os desenhos, eram uma das únicas formas de se comunicar com o outro e de deixar as marcas de suas experiências na Terra.

Com o passar do tempo, a fala, os símbolos e os desenhos, ganharam uma nova roupagem – técnica e sistematizada – e receberam alguns incrementos mecânico-tecnológicos: eis a chegada e evolutividade do maquinário (à princípio, datilográfico).

A escrita — que integra esse enredo — é um processo infundável e desafiador. É infundável porque não encerra(rá): a evolutividade da escrita pressupõe a melhoria da habilidade de escrever e do aprendizado da técnica para aprimorá-la. E é — de longe — um dos processos mais desafiadores porque ela causa — e assim (sempre) será — dúvida em nós (emissores: será que seremos compreendidos?) e em quem ler(á) o que escreve(re)mos (receptores ou leitores, se preferir assim chamá-los: o que o escritor quis dizer com as palavras que disse?).

Se bem que esta é a única certeza do (a) escritor(a): a incerteza da compreensão: de não saber ao certo se o que se escreve — como quem quer (se) declarar (algo) — será compreendido por outra alma que se dispõe a decifrar o seu escrito.

E a escrita funciona (e é) mais ou menos assim: quanto mais nós escrevemos, mais nós desaprendemos (sim, desaprendemos) a escrever. Mas é nesse processo — em que nós estivemos, estamos e sempre estaremos — que a escrita se reconstrói na e pela escrita sob o olhar de um escritor(a).

Além do mais, escrever é esquecer. Também é (re) lembrar: vi (para) ver e revivi (para/o) reviver...

Talvez por isso a maior tristeza de um escritor seja não (poder) escrever — e ter que guardar tudo aquilo que nele (sobre) vive — e não (poder) mostrar ao mundo um novo horizonte — um novo jeito de pensar um pensar viajante...

**RENAN FRANCELINO DA SILVA**

# VIVER SEM DEMORA

Nem sempre estamos prontos.  
O segredo para as boas surpresas talvez é não estar pronto a todo momento.  
Qual a graça de aguardar o sentimento de prontidão?  
Ele pode nunca fazer morada. Capaz de ser uma mera ilusão.  
Por vezes o “estar pronto” é apenas uma ideia arquitetada pelo medo.  
Medo de dar um passo e seguir.  
E então perdemos a oportunidade de algo novo sentir.  
É difícil estar pronto. E não é preciso.  
Fomos motivados a esperar; apenas esperar e não ousar  
Que tal usufruirmos de um sentimento oposto: o sentimento de incerteza?  
Sair um pouco da regra e permitir fluir o incerto pode trazer à vida mais  
beleza.  
Estar pronto não é uma necessidade.  
É necessário viver com o coração livre.  
É necessário viver e entregar-se às diversas possibilidades que nunca sa-  
remos quais são se guardarmos a todo momento a prontidão.

CLÉCIA CRISTINA GALINDO

# VOO DENTRO

Desmistifica o império  
do sacrossanto e pomposo  
ofício da escrita.

O que escreve apenas vê  
no muro, marcado, o plano  
de voo: milhas sobre o mundo.

No interior, palavras ardem,  
debatendo-se em nervos.  
Buscam lugar incerto ao sol.

LÍVIO OLIVEIRA

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2023, encontram-se cronologicamente reunidos em seis livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; “Pelo Direito na Poesia!”; “O Direito pela Poesia” e “O Direito e a Poesia”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos seis volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

Marisa Áurea de Sá Falcão

Adriana Lopes | Aline Venutto | Ana Luz | Andrea Keust | Aruani Kindermann Lapolli  
Bartira Macedo de Miranda | Bianca Rosenthal | Cajo Vlasak | Carlos Henrique Duarte Araújo  
Clécia Cristina Galindo | Cynthia Possídio | Daiana Menendez | Edson Silveira | Edson Carvalho  
Euclides Santos Bittencourt | Gisela Maria Bester | Henrique Picarelli | Jaécio Matos Santos  
Jéssica Helena Borges Fraga | João Ulysses Ferreira Neto | Joselene Negra Black | Karina G. de Sá  
Kássia Cristina | Larissa Carrazzoni | Larissa Zucco | Lívio Oliveira | Luana Oliveira Araújo  
Marcos Prata Bentes | Marcos Paulo Campos | Monique Pena Kelles | Nely Nazareth | Nic Cardeal  
Patty Oliver | Paula Yurie Abiko | Poeta Ali Agora – Ualy Castro Matos | Raique Lucas de J. Correia  
Renan Francelino da Silva | Renata Moreira da Silva | Renato S. S. Schindler Filho | Renato Santos  
Rodolfo Pamplona Filho | Rodrigo Luz | Samuel Lourenço Filho | Sandra Gonçalves Daldegan  
Sebastião Marques Neto | Urbano Félix Pugliese | Veyzon Campos Muniz | Vinícius Gregório

ISBN 978-655908558-3



9

786559

085583

+ ACESSO À VERSÃO DIGITAL GRÁTIS NA NOSSA PLATAFORMA DE LEITURA